

L I E R A



2ª EDIÇÃO DO CONCURSO CULTURAL LITERATEC

Marcos históricos,
tecnológicos e culturais

Sistema FIEB

SENAI
CIMATEC

PELO FUTURO DA INOVAÇÃO



COLETÂNEA LITERATEC 2022

Comissão Organizadora: Luara Batalha, Tarso Nogueira,
Tatiana Miguez, Leda Reis e Adriano Martins

Comissão Julgadora: Hugo Vasconcelos, Sayonara Lordelo e
Tatiana Miguez

Copyright © 2022 por SENAI CIMATEC
Texto de acordo com a nova ortografia
Título Original: Coletânea LITERATEC 2022
Revisão: Maiana Rose

C694c Coletânea Literatec 2022 / organização
Luara Batalha Vieira... [et al.]. – 2. ed. - Salvador, BA:
SENAI CIMATEC, 2022.
220 f.

Disponível em: <http://repositoriosenaiba.fieb.org.br/>

ISBN: 978-85-60771-19-6

Coletânea da 2ª edição do Concurso Literatec: marcos
históricos, tecnológicos e culturais.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura popular. 3. Leitura.
4. Educação – Tecnologia. I. Centro Universitário
SENAI CIMATEC. II. Vieira, Luara Batalha. III.
Nogueira, Tarso Barreto. IV. Costa, Tatiana Miguez. V.
Reis, Leda Cristina dos Santos. V. Título.

CDD: 869.8

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra
pode ser apropriada ou reproduzida em sistema de banco
de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio,
seja eletrônico, gravação etc. sem a permissão do detentor
do copyright.

SUMÁRIO

Apresentação	6
Autores Selecionados	8
Paradoxo Matrioska	9
Maria Papuda Veste Vermelho	20
Mário Fora Do Armário	29
O Surtudo	41
Ouvidos Da Alma	54
A Mecânica Dos Sonhos	69
Cabocla Rosa	84
A Busca Pelos Livros De Alexandria	92
De Volta Para O Passado	104
Prisioneiro Do Tempo	116
Mendigo Tem Celular?	127
Silenciamento Mecantrópico	139
Luther E King	143
No Xadrex Como Na Vida	151
Auréola De Led	163
Autores	167
Convidados	167
Saberes	168
O Pesadelo	183
Diretas Já!!!	190

Ordem E Protesto.....	198
Nós, Mulheres Que Fazemos Voar	213
Convidados.....	218

APRESENTAÇÃO

Tarso Nogueira

O SENAI CIMATEC chega aos seus 20 anos com a motivação de um jovem, uma história rica e interessante e uma cultura muito particular. Assim, o concurso Literatec de 2022 é, em grande parte, um reflexo do atual momento pela qual a instituição passa. Por isso, nada melhor do que lançar um desafio onde as perspectivas culturais, históricas e tecnológicas estejam presentes e inspirem.

Se estamos aqui para mudar o mundo, nada melhor do que inspirar e conhecer diferentes visões e sensações sobre escolhas, liberdade, oportunidade, direito e opinião. Numa época em que a inteligência artificial instiga a curiosidade e o interesse pela ciência e tecnologia, por que não valorizar e desafiar a nossa inteligência natural? O SENAI CIMATEC é alicerçado na ciência, inspirado pela educação, desafiado e pautado pela tecnologia e inovação. Portanto, temos uma enorme satisfação em ter aqui o

resultado da inspiração e do suor de tantos talentosos escritores e escritoras.

Antes de encerrar esta apresentação, desafio o leitor a refletir sobre o que estamos passando aqui, neste momento. Como costumamos trabalhar muito com *roadmaps* tecnológicos, vamos pensar! Como seria o nosso momento Literatec sem a longa estrada tecnológica iniciada por Gutenberg no século XV? O que seria aqui registrado sem a influência cultural da belíssima língua de Camões? O que estaríamos discutindo nestas páginas se não fôssemos inspirados pelas experiências históricas da América Latina? Por fim, sem mais delongas, deixo-os ao deleite dos belos contos que se seguirão.

**AUTORES
SELECCIONADOS**

PARADOXO MATRIOSKA

Flávio de Araújo Albino – Rio de Janeiro (1º Lugar)

Somos Svetlana, abissais, filhas de capitão de submarino, portanto não atentemos a Nikolay fazendo cara de naufrago diante da comoção da turma toda vez que a professora Consuelo Cubana cita o acidente. O idiota não sabe o que é ter o pai sem fluatibilidade, e logo Nikolay que sempre se mostrou diluído de importância, um rapaz leve, jamais imersível, praticamente uma pedra-pomes. A gente sabe, ele quer nos tornar cativas por detrás daqueles dentes esverdeados, cheios de serrilhas. Precisamos apenas mensurar um fato: não sabemos lidar com idiotas bonitos e porosos. Não permitiremos que nos definam, sobretudo porque até agora não perdemos o pai definitivamente, embora assentado no leito marinho há oito dias, exatamente a cento e vinte e sete metros de profundidade no gelado mar de Barents, o que explica toda essa gente ensopada nos abraçando, deflagrando nossos cabelos. Eu sei Svetlana, já conversamos, mas seja franca, assim que soubemos do pai afundado você foi a primeira a se vitimar, e sei lá eu se para se autopromover ou não,

enfim, já passamos por isso, lembra? Hoje teremos aula de física, estamos curiosas para saber por que a mando de um novo professor a professora Consuelo Cubana pediu para que Milenka, a dulcíssima, trouxesse um gato para a classe. Ora, certamente para mostrar quantas vidas o bicho possui.

Você me força a lembrar, o curioso de termos o mesmo nome se deu quando nossa mãe havia decidido Svetlana, crente que viríamos numa versão única de nós duas, entretanto ela só veio a descobrir que estava grávida de gêmeas após o parto. Ela teve complicações e, enfim, só você sobreviveu assumindo oficialmente o nosso nome. Foi confuso, agora até interessante, mas certamente seria esquisito escolher um nome diferente apenas pelo espanto que se deu; por outro lado ficaríamos pasmas se do nada eu me tornasse Natasha ou Valova apenas para nomear o metro quadrado do meu sepultamento, por isso pense na sandice de “temos que escolher o nome de quem enterraremos”, enfim. Já conversamos, eu não abro mão do seu nome, eu também sou Svetlana. A que ponto chegamos, hein? Trazer um gato para a sala de aula...

Veja agora esse sujeito apalitado, nem esperou ser anunciado e vem entrando com essa caixa enorme que deve caber uns quarenta quilos de arroz e não sei você, mas no fim da aula bem servirá para encaixotar Nikolay. Não ria como os outros, qual a graça em carregar uma caixa de papelão? O professor nos prende a atenção por seu silêncio, possivelmente quarenta e poucos anos, certamente um desses abnegados que enxugam o degelo de Krushev. Após física o que teremos, aula de tiro? Sim, tiro. Veja por exemplo esse nosso país, Svetlana, não somos apenas mais um entre os estados-satélites de Moscou. Sim Svetlana, nosso protagonismo não se fia mais nas Kalashnikovs, e se a revolução cheira a pólvora a nossa não mais. Prestemos atenção ao professor, ele difere dos demais, aliás, precisamos entender a vida sem nos chocarmos com o muro que nos cerca, e há sim um muro fora do muro, compreende?

O professor pegou o gato de Milenka com jeito, o bicho gostou do trato. Você gosta, de afagos não, Svetlana, de gatos? Não muito, eu sei. Ele fala de mecânica quântica e aparentemente não quer se estender em mil explicações, certamente é para isso a caixa. Ouça-o, ele começou a falar

do Paradoxo do gato de Schrödinger, é para isso o gato, entende? O que é um paradoxo, você está se perguntando e eu lhe digo que é a possibilidade de ser e não ser ao mesmo tempo. Como as bonecas *matrioskas*, uma dentro da outra. O professor tem sorte, nunca vimos um gato tão dócil. Ele nos mostra um frasco com um líquido verde, quase fosforescente, afirmando ser um tipo de gás altamente tóxico, e faz o tipo engraçado fingindo jogar o conteúdo em nós. É característica sua, minha não, de rir de gente sem um pinga de graça. Há coisas sim em que somos exatamente iguais, mas obviamente não combinaríamos vermelho com vermelho ou coisa parecida. Acontece que para entendermos o paradoxo é necessário nos aprofundarmos, falo da gente, esqueça o gato, Svetlana, o gato gato.

O professor nos convida para fazermos um semicírculo em torno da caixa. Não, Svetlana, não foi o destino que pôs o idiota risonho na sua frente, pura aleatoriedade. Teatralmente, com cuidado e perícia, colocou ele sobre a mesa um pequeno estojo, e com uma pinça retirou uma pequena pastilha de cor grafite. Numa torção de dorso nos apresenta o elemento radioativo, como

you already had understood when you saw in the box the symbol of a black fan with three blades on a yellow background. I also found Svetlana, it's getting better every time. See, he also brought a Geiger counter, and he asks you what it is, oh Svetlana, we are in a Cold War, basically it's the thermometer of our country. He also takes a small hammer from his bag, like in the Schrodinger experiment. You noticed that there is a notch in the Geiger counter for the tool, the professor explains that it's a trigger piece that, when activated, makes the hammer strike. And so he continues explaining that when you put the radioactive pill, the detector of radiation, the vial with the poisonous gas and the hammer inside the box, and of course that includes the cat. It's just a mental experiment that they stage, Schrodinger when he idealized it didn't hurt any animal, that theoretically can't be well and you need to be detached, especially Svetlana, papa has a direct relationship with all this.

You were suspicious that the cat would escape on the first attempt to lock it in the box, isn't it? I know, freedom is the nature of the living, you are very smart.

Quem conseguir pegar Marx acabará com essa bagunça, e tente rir um pouco contra a dureza das coisas, veja a mim; agora se observe. O nome do gato? Ora, poderia ser Lênin, Andropov, mas Milenka preferiu Marx, um nome não precisa dar significado exato a todas as coisas. Já havíamos combinado, não vou chamá-la de inconsequente dessa vez, já foi o tempo que discutíamos, mas quando pensar em se dissolver em choro por não ter sido a natimorta da história, leve em consideração se é isso mesmo que eu quero, enfim. Conseguiram colocar o gato e agora o professor explica que a caixa deve ser selada hermeticamente. Claro que no interior há oxigênio, diferente de mim ninguém vive sem ar. Agora fica fácil entender o experimento do físico húngaro e não seja estúpida, Svetlana, em antecipar qualquer determinação de causa e efeito, não é sobre poder respirar ou não.

Assim que o detector de radiação identificar qualquer partícula subatômica no ambiente da caixa, automaticamente alavancará o martelo que golpeará o frasco com a substância letal que por fim matará Marx. Trágico? Não. O curioso é que ninguém sabe se isso acontece ou não, ou seja, o que determina se o gato está

vivo ou morto é a verificação de um observador fora da caixa, portanto Marx está vivo e morto ao mesmo tempo. Milagre? Mecânica quântica, Svetlana, apenas um prosseguimento do absurdo das coisas. Controle-se, não deixe que percebam que há relação direta conosco, mamãe não tinha como saber de suas Svetlanas.

Por outro lado, se pelo menos tivesse existido o observador, que poderia estar presente na simples aferição de um exame que nos identificasse dentro da mãe, certamente eu estaria viva, como se não bastasse agora papai dentro do encouraçado. Portanto diante disso terei uma opinião contrária à sua sobre o destino do nosso capitão, e se pelos caminhos escusos do desígnio você permaneceu com mamãe, parte que apenas lhe coube, agora pela parte que me cabe eu quero que papai esteja morto dentro daquele submarino. Capitão Blavatsky sempre falou entre sussurros sobre o último projeto do império soviético e o sucateamento da frota no Norte, a que mais sofreu cortes orçamentários, e possivelmente esteja nisso o ponto em declive na relação entre mim e papai apenas, ele sempre foi dado a abalroar-se. De outro modo o que você preferiria hein, ficar a vida inteira

contando míseros copeques e condenada a mastigar *okroshka* eternamente? Mas você nunca ligou para isso, eu sei, se importando em ter mamãe ao lado, sempre incapaz de perceber a diferença entre escola e gulag. Mas eu me importo e é por isso que espero que ao abrirem o submarino, joia da classe Oscar, o comandante singre aos mares de cá.

Diante do exemplo, o professor abre para perguntas e o tosco do Nikolay promove sua imbecilidade perguntando se o gato consegue miar dentro da caixa; talvez Nikolay consiga latir, o timbre frouxo de sua voz bem facilita, por que o que é um gato senão um gato? E não há mais o que desvendar: a caixa fechada, o submarino; as ogivas, como realmente são, o elemento nuclear; o contador Gêiser, lógico, o sistema de detecção de radiação a bordo; o martelo pode ser qualquer parafuso oxidado sob pressão não calculada e o gás venenoso é a água inundando todos os compartimentos.

Você está pensando no papai ou no gato?

Eu sei bem, me desculpe, não farei mais esse tipo de abordagem, entretanto a gente acaba pensando em ambos, nosso capitão sempre teve muitas vidas. Disfarce,

o professor nos olha e nos olhando assim fará com que todos nos olhem, tarde demais, resta então sermos firmes e sóbrias ao responder o que quer que seja. Provavelmente ele é mais um desses comedidos que relacionam esperança a piedade, o que é por demais piegas. Diga você, Svetlana, por acaso temos um periscópio saindo por detrás da nuca? O diretor-geral entra na sala como um pavão informando que a elite de mergulhadores da Marinha está a ponto de romper a escotilha principal e assim resgatar os sobreviventes, e é no exato momento em que Milenka questiona sobre termos uma elite que você surta e desmaia.

Acorde, estupidez alguma Svetlana, eu também considere a melhor saída. Abra os olhos, se ice, você está segura na enfermaria. Abra os dois olhos Svetlana, temos uma questão imprescindível e tampouco você pode forçar qualquer distanciamento. Considere a mecânica quântica, nosso pai é um morto-vivo. O grande problema é que os mergulhadores, cumprindo a função do observador, desencadearão uma série de cataclismos apenas por simples constatação. Ao abrirem a “caixa” se darão conta das causas diversas, e para nós pouco importantes, que levaram o submarino ao fundo, por exemplo: a alta

concentração de peróxido de hidrogênio usado como propelente dos torpedos teria provocado o vazamento, e em contato com o oxigênio essa substância gerou uma explosão de vapor de altíssima temperatura, causando pane energética e pondo o submarino em profunda escuridão e pior, com escassez de ar. Sendo assim sinto lhe dizer Svetlana, papai estará morto.

Mas considerando o paradoxo do gato, mesmo que a alta temperatura tivesse reduzido drasticamente os níveis de oxigênio, a tripulação daria início ao protocolo Kamenev de sobrevivência que convencionou o uso de cápsulas de superóxido de potássio que geram oxigênio através de processo químico de absorção de dióxido de carbono. Nesse caso é uma questão óbvia de poder ou não respirar. Como sabemos disso? Papai tinha nos falado quanto tempo um submarino pode ficar submerso.

Sim Svetlana, os mergulhadores encontrarão o capitão vivo agarrado à última bolha do escafandro.

Não irmã, papai estará morto assim que os mergulhadores observarem pelas entranhas do colosso que as cápsulas de superóxido estavam contaminadas com água salgada, desencadeando uma explosão que acabou

por consumir o pouco oxigênio que restava aos sobreviventes. Mas agora deixe de pensar nisso, se ajeite, a enfermeira entediada com seu desmaio sinaliza que se levante ligando a televisão. Viu? Não há como fugir, o assunto do noticiário é sempre o mesmo. Mas veja agora, estão prestes a abrir a escotilha distante do silo de mísseis. Não dê ouvidos Svetlana, você se lembra daquela vez na velha casa quando para nos assustar papai se pôs a miar feito um gato escaldado?

MARIA PAPUDA VESTE VERMELHO

Edson Amaro de Souza – Rio de Janeiro (2º Lugar)

I

Eram 6 da tarde de uma sexta-feira chuvosa quando o portão do edifício Aiuruoca, ambicioso empreendimento de uma imobiliária falida, fechado há duas décadas, foi arrombado por um grupo de sem-teto. A escolha do dia e o horário eram propositais: com as repartições encerrando suas atividades, demoraria, no mínimo, até a tarde de segunda-feira para que os proprietários conseguissem um mandado de reintegração de posse. Minutos depois, o comentário era geral de uma ponta a outra da Rua da Bahia – sindicalistas de cabelos brancos e imberbes agitadores dos grêmios estudantis correram para ver com seus próprios olhos e transmitir a notícia pelas redes sociais, forçando os jornalistas profissionais a reservarem ao menos uma nota de rodapé para o acontecimento. E, no meio dos alegres subversivos, eis que um franciscano, Frei Inocêncio Lagonegro, integrante da Pastoral dos Direitos Humanos e também da

Pastoral dos Sem Casa, que empunhava uma lata de cerveja e recitava na calçada poemas de D. Pedro Casaldáliga, com forte sotaque paraibano, propôs para a noite seguinte uma feijoada com roda de samba a fim de angariar fundos para o movimento. A sugestão subiu as empoeiradas escadas, foi unanimemente acatada pela liderança, e Pedro Argirita e Mané Ipatinga ficaram encarregados de limpar todo o andar térreo antes do nascer do Sol, para que a mulherada começasse a preparar tudo para a noite seguinte. Para espantar o sono, além do café, bebericado e partilhado com os vigias a postos na entrada, os dois faxineiros passaram a noite contando histórias de assombração, como o caso do baile *funk* no Vilarinho, em 1989, ao qual teria comparecido o próprio Satanás que, descuidado, deixara cair o chapéu e revelado seus chifres, causando um escândalo entre os presentes e tornando inesquecível aquela noite, ainda lembrada hoje.

II

Às 9 da noite, o próprio governador já tinha visto pelo celular um vídeo em que o religioso boêmio, saboreando um bombom *Ouro Branco* à porta do edifício

já famoso, citava o artigo 8º do Estatuto da Cidade e cobrava das autoridades a desapropriação do prédio para que ali se abrigasse quem tudo perdera nas chuvas de janeiro.

– Mas como diabos esse frade doido quer que alojemos os desabrigados das enchentes tão perto do bairro de Lourdes, área nobre da capital? Esse religioso ou fumou maconha ou está possuído pelo espírito de Fidel Castro. Vou me queixar ao bispo!

III

Nessa época estavam em greve os professores e um deles – que perdera na inundação grande parte da sua coleção da revista *Caros Amigos*, o que dificultava em muito que ele terminasse a escrita de sua dissertação de mestrado sobre os anos do governo de FHC – deixou a casa dos pais – onde se refugiara com a esposa, que cozinhava quitutes vendidos em vários estabelecimentos da Lagoinha e de Santa Teresa – e foi morar na ocupação – foi mesmo um dos primeiros a entrar quando o portão foi arrombado. Enquanto sua esposa e as outras mulheres aviavam a feijoada para a noite de sábado, ele já preparava

para o crepúsculo de segunda, quando a juventude reunirse-ia na Praça da Liberdade, uma aula a céu aberto sobre a história de BH, as causas das inundações – Aarão Reis, ao planejar a nova capital de Minas, não se importou com a abundância de águas no local e, por décadas, os governantes tentaram em vão domar a natureza canalizando os rios, como o Córrego Leitão e o Rio Arrudas, que, agora, com as fortes chuvas, se rebelavam contra o asfalto impermeável – e a necessidade de uma reforma urbana e ecológica da cidade que não garantisse apenas o direito de moradia a todos, mas habitações seguras.

Os sem-teto e os estudantes ouviam aquela exposição que era, ao mesmo tempo, uma aula e um comício e, em meio à história da construção da cidade, o professor Heródoto Congonhas contou a lenda da Maria Papuda, uma senhora com fama de feiticeira, que tinha esse apelido por sofrer de bócio. Os construtores a expulsaram de seu barraco, ali perto, onde hoje é a Avenida Afonso Pena, e ela amaldiçoou o Palácio da Liberdade, ali em frente: quem morasse no Palácio iria morrer e quem assumisse o governo em ano par sofreria

algum acidente. As mortes de Silviano Brandão em 1902, de João Pinheiro em 1908 e de Raul Soares em 1924 plantaram o medo em muitos governantes. Dizem que, por medo dessa maldição, Juscelino, nos anos 50, mandou construir o Palácio das Mangabeiras para que lá residissem os governadores; Israel Pinheiro desejou demolir o Palácio da Liberdade e Tancredo Neves jamais ficava lá dentro depois das 18 horas. Itamar Franco declarou a jornalistas ter presenciado portas se abrirem sozinhas lá dentro. Teria sido o medo da Maria Papuda que levou Aécio Neves, neto de Tancredo, a ordenar a construção da Cidade Administrativa na Serra Verde, nos limites entre BH, Vespasiano e Santa Luzia, bem longe dela? A audiência toda riu. Findas as risadas, o franciscano falou sério:

– Pois eu vou rezar um terço pela alma da Maria Papuda todas as noites, até que o prédio seja desapropriado em benefício dos nossos irmãos desabrigados.

IV

Frei Inocência, devoto de Santo Oscar Romero (cujas homilias traduzia antes de envolver-se com os sem-teto), bem desejaria ter o dom da ubiquidade de Santo

Antônio, de quem também era devoto, e poder estar em dois lugares ao mesmo tempo: de manhã cedo, ajudava a missa na Paróquia São Francisco das Chagas, no bairro Carlos Prates, e, de tarde, se esmerava em fazer urgentes reparos nos encanamentos e na fiação exposta do edifício, antes que um incêndio matasse a todos – sim, havia sido feito um gato para que houvesse luz no edifício, mas não foram as níveas mãos de Lagonegro que cometeram tal pecado e, por isso, ele confiava que o Altíssimo tal não lhe cobraria quando se visse diante do tribunal divino. Esses reparos eram por vezes interrompidos para que o engajado frei descesse para disputar o léxico com os jornalistas: estes chamavam o ato dos sem-teto “invasão”, mas o religioso e os militantes insistiam em chamá-lo “ocupação”. Depois, ele subia com os rebeldes para calmamente rezarem o terço pela alma de Maria Papuda, cujo nome já se via na faixa que pendia na parede leste do prédio, anunciando para o Sol nascente o feito dos inconformados – a insistência do irrequieto frade em rebatizar assim o edifício vencera o ímpeto das feministas que queriam nomeá-lo Dilma Rousseff, ilustre filha de Belo Horizonte, deposta da presidência por um golpe

parlamentar, e do movimento negro, que queriam chamá-lo Chico Rei, em homenagem a uma lenda de Ouro Preto – sua retórica, acostumada às polêmicas, só rivalizava com as da deputada e da vereadora que compareceram à feijoada e negociavam com os governantes, para fins de moradia popular, a desapropriação do edifício, crivado de dívidas municipais como São Sebastião de flechas –. Com tantos afazeres, faltava ao franciscano tempo para cometer o pecado da vaidade, cuidando de sua candidatura à Academia Mineira de Letras, por cuja elegante sede – projetada nos anos 1920 pelo italiano Luis Signorelli para ser a residência do médico Borges da Costa – passava todos os dias ali mesmo na Rua da Bahia 1466, a caminho da Ocupação Maria Papuda.

V

Mas o proprietário, apesar de todos os desabonadores fatos que as parlamentares brandiam nas respectivas tribunas, estava inamovível e exigia a reintegração de posse. Os sem-teto acompanhavam tudo pelos vídeos transmitidos ao vivo pelas representantes eleitas e pelos mexericos partilhados por Tião Ibirité, cujo

charme extraía informações da cozinheira do adversário que especulava no mercado imobiliário.

Para que o prédio não saísse do noticiário, no mezanino aconteciam as assembleias dos professores grevistas e de outros sindicatos. A constante circulação de gente inconformada, apesar da agitação que causava, trazia confiança e tranquilidade para os ocupantes e, após três exaustivas semanas de mobilização, finalmente foi decidida a desapropriação do prédio.

Somente seis meses depois, quando o irrequieto frei Inocêncio autografava sua tradução das homilias de São Oscar Romero num coquetel no inesquecível mezanino, os moradores ficaram sabendo por que nunca se dera a tão esperada reintegração de posse: Mariana Brumadinho, uma estagiária que frequentava o gabinete de um desembargador, contou a anedota que circula no Fórum da Avenida Augusto de Lima: quase no final do expediente, a juíza que assinaria a reintegração viu diante de si, vinda de onde não havia porta, uma idosa de vermelho, com uma grande papada embaixo do queixo. A mulher seguia em sua direção, mas não se ouviam seus

passos, como se seus pés não tocassem o chão. Só disse duas coisas:

– Deixe em paz o povo da Maria Papuda – foi a primeira, e houve quem, no corredor, sentisse cheiro de enxofre naquele dia, naquela hora, e a juíza deixou escorrer pelas pernas algo cujo odor superou o do enxofre.

A aparição apontou sobre a mesa a reintegração ainda não assinada e aconselhou:

– Se limpe com isso aqui.

E se afastou de costas, sem tirar da juíza os olhos indignados, sem fazer ruído, até sumir atrás de um pesado móvel, naquele lado em que não havia porta alguma.

As gargalhadas inspiraram a pintora Ilicínea Milho Verde, que doou, para a entrada do edifício, uma tela a óleo representando uma negra de cabelos brancos, vestida de vermelho e com a tireoide inchada. Todos os dias as mulheres, agradecidas, colocam flores junto ao quadro que representa sua misteriosa benfeitora e ainda há quem caridosamente reze o terço pelo seu eterno e merecido descanso.

MÁRIO FORA DO ARMÁRIO

José Cupertino de Freitas Júnior – Ceará (3º lugar)

Vô Higino sempre implicou com o jeito introvertido de Mário, o mais novo de seus trinta e dois netos. Na festa do *réveillon* de 2001 não foi diferente. Vô Higino estava tentando encher uma bola de vôlei para mim, quando Mário veio desejar feliz ano novo para ele e vó Carminha, pois já ia se recolher. Eram dez e meia da noite.

– Mário, deixe de ser molenga – disse vô Higino.

– Pare de dizer que o menino é molenga – retrucou vó Carminha.

– Ele devia ir jogar vôlei com Sérgio e os outros primos. Correr para despertar.

– Ninguém é obrigado a ficar acordado pra ver a virada do ano. Se o que Mário quer é ir dormir, então ele vai dormir.

– Todo mundo está se divertindo e vai ficar acordado pra ver a queima de fogos. Por que Mário quer ser diferente?

– E o que é que tem? O menino deve ser livre pra fazer o que quer.

– Lá vem você com esses modernismos, Carminha! Esse negócio de criança só fazer o que tem vontade não é certo.

O ano 2000 morrendo e meus avós tendo o último desentendimento do século por causa de Mário. Resolvi intervir.

– Vô, não tem problema, ele está com torcicolo, não é, Mário?

Mário olhou para mim, fiz um sinal com as sobrancelhas e ele entendeu a mensagem.

– É isso, vô – disse ele, sem convicção.

A festa de *réveillon* no casarão do Jardim Paulista prometia ser animada, quatro gerações da família cometendo excessos até o amanhecer. Sob protestos de vô Higino, Mário foi dormir. Joguei vôlei, suei, tomei banho de piscina, vi a queima de fogos, abracei todos na virada do ano, roubei um gole de *champagne* de vô Carminha e por volta de uma e meia fui dormir no quarto preparado para os primos menores de 15 anos. Quando abri a porta, lá estava Mário acordado, vendo algo na tevê.

– Você não disse que vinha dormir?

– Se dissesse que queria deixar a festa pra ver filme, aí é que vô Higino ia pegar mais no meu pé.

– Realmente ele implica um pouco com você. Que você está vendo?

– *Macunaíma*.

– É sobre o quê? Dê um *pause* e me conte o que se passou até agora.

– É uma comédia baseada num livro de Mário de Andrade. *Macunaíma* não vale nada, é preguiçoso e safado, deu em cima da cunhada e tudo. Morava numa aldeia com a família, aí teve uma enchente e eles ficaram sem ter o que comer. Ele tinha umas bananas escondidas, não quis dividir com os irmãos e foi expulso de casa, mas acabou voltando. A mãe dele acabou de morrer.

Os gostos de Mário eram extravagantes para um menino de 12 anos, eu veria um filme de aventura, um faroeste, algo assim. Eu nunca tinha ouvido falar em *Macunaíma*, mas topei ver o filme e acabei gostando da estranheza da história, da narrativa absurda: a fonte de água mágica que transforma um negro em um branco, a jornada maluca para recuperar um amuleto, quando o anti-

herói se veste como uma francesa, o final alucinado com ele sendo devorado por uma sereia.

Depois que o filme terminou, Mário e eu conversamos um pouco, ele me falou que estava curtindo muito cinema nacional, especialmente filmes da década de 1960, como *Terra em Transe* e *O Pagador de Promessas*. Antes de cair no sono, me perguntou, em tom de brincadeira:

- Quer ser meu assistente?
- Assistente? De quê?
- Eu vou ser um cineasta famoso, Sérgio.

Tínhamos alguns curtas em nosso portfólio e tomamos parte de alguns festivais com a Filmes de Macunaíma, nossa produtora. Não ganhamos nenhum, mas adquirimos experiência. Eu atuava como produtor e corroteirista, Mário como roteirista principal e diretor. Éramos uma dupla afinada. Às vezes divergíamos por visões criativas diferentes, Mário gostava de experimentar, inovar, devanear, fazer uma coisa autoral, e eu era mais pé-no-chão, pensava no apelo comercial. Na maioria das vezes, eu acabava indo pela cabeça dele.

Agora estávamos querendo fazer um média-metragem inspirado no primeiro romance de Mário de Andrade, *Amar, Verbo Intransitivo*, escrito entre 1923 e 1924, logo depois da Semana de Arte Moderna. O livro conta a história de Elza, alemã de 35 anos contratada como governanta por um homem rico e tradicional de São Paulo. Ela tem que fazer um trabalho extra: ensinar Carlos, o filho adolescente do patrão, sobre sexo. A relação entre Elza e Carlos se desenvolve e ela cumpre a missão de iniciar o rapaz sexualmente. Daí o pai finge pegar os dois em flagrante e demite a governanta. Carlos sofre com a separação, mas supera a decepção amorosa e torna-se homem, como queria seu pai.

O livro já tinha sido adaptado para o cinema com o nome de *Lição de Amor*, nos anos 1970, com Lílian Lemmertz interpretando a governanta de maneira magistral. Mário queria fazer algo polêmico, para chocar: adaptar para o século XXI o tema da iniciação sexual de uma forma transgressora, filmando orgias, vasculhando o submundo pornô na internet e trazendo todo tipo de perversão à tona. Parecia estar com raiva do mundo, e eu suspeitava o motivo.

– Adoro suas ideias, mas dessa não gostei. A gente vai se queimar, é apenas um pornô.

– Que pornô, Sérgio! Deixe de ser careta.

– Pra que entrar nesse universo pantanoso, Mário? Pense nas consequências. Isso tem a ver com vô Higino, não tem?

Nosso avô estava mal no hospital, e eram poucas as chances que viesse a sair de lá com vida. Arrasado, Mário não estava sabendo lidar com a situação. Estava bebendo muito, indo pra balada quase toda noite. Assim que eu falei em vô Higino, ele caiu no choro.

– Você não entende, Sérgio!

– Se tem uma pessoa nesse mundo que entende você, sou eu. A gente cresceu junto, eu sei de todas as suas histórias.

– Ele vai morrer e eu nunca disse pra ele.

– Então vá lá e diga. Fale com todas as letras.

– Vou é apressar a morte dele se fizer isso.

– Você acha que ele já não sabe, Mário?

– Se sabe, por que é sempre rigoroso comigo?

Nunca me tratou como os outros netos.

– Pode ser que ele não tenha sido muito afetuoso, mas você recebeu carinho em dobro de vovó. Sempre foi o preferido dela.

– Ah, vó Carminha trata todos os netos do mesmo jeito!

– Não é verdade. E por falar em vó Carminha, como é que você acha que ela vai se sentir vendo um filme pornô feito pelo queridinho dela? Esse seu vanguardismo todo vale a pena?

Precisamos interromper a conversa, pois recebemos a notícia de que o estado de saúde de nosso avô tinha piorado. Corremos para o hospital.

Havia uma fila de filhos, netos, bisnetos, genros e noras esperando para entrar no quarto e se despedir de vô Higino. Mário se abraçou com vó Carminha; estava inconsolável.

– Vô, eu quero tanto falar com meu avô. É importante. Será que ele ainda ouve?

Vó Carminha pegou a mão de Mário e pediu aos familiares para que o deixassem passar na frente. Lá dentro, ele aproximou-se da cama, pegou a mão direita de vô Higino.

– Vô, sou eu, Mário, o senhor me ouviu? Queria dizer uma coisa: eu sou gay, vô.

Vó Carminha continuou:

– Higino, Mário quer dizer que ele é como Inácio, o irmão de quem você gostava mais.

Vô Higino apertou a mão de Mário com força e não quis mais soltar. Um a um, os outros membros da família entraram no quarto, deram adeus ao patriarca e saíram. Mário ficou. Quando eu entrei, ele estava com o rosto inchado de chorar, mas parecia em paz, segurando a mão de nosso avô. Ficou do lado dele junto com vô Carminha até o coração de vô Higino parar de bater.

Às vezes a gente tem que engavetar ou postergar projetos, pois não estão amadurecidos, não são realmente a história que queremos contar. A morte de vô Higino mudou a perspectiva de Mário sobre a versão desrespeitosa de *Amar, Verbo Intransitivo*, ele disse que não queria mais fazer o filme.

Em junho de 2015, quatro meses depois da morte de nosso avô, a Fundação Casa de Rui Barbosa disponibilizou para consulta uma carta escrita por Mário

de Andrade a Manuel Bandeira em abril de 1928, que ficou lacrada por muitos anos: era uma confissão de sua homossexualidade feita de próprio punho. Então tive uma ideia. Na verdade, uma epifania! Rabisquei uma sinopse e guardei-a comigo. Não era o momento para discuti-la com meu primo e sócio.

A Filmes de Macunaíma acabou se envolvendo como coprodutora em um projeto maior, o que levou a outro, depois a outro, todos de apelo comercial. Viramos uma mera subsidiária de produtoras maiores e acabamos por nos distanciar dos tipos de filmes que gostávamos de fazer. Mário perdeu o interesse, ficou arredio e acabou por me dizer que precisava se reciclar. Foi para a Alemanha. Deixamos a produtora parada.

Em meados de 2018, Mário retornou, estava com a cabeça arejada, querendo retomar os trabalhos da Filmes de Macunaíma. Quis saber se eu tinha alguma coisa a propor. Ele nunca tinha me perguntado se eu tinha ideias, apresentava as que tinha, eu questionava um pouco e acabava encampando o que ele concebia – a grande exceção foi meu veto à adaptação pornográfica do primeiro romance de Mário de Andrade. Eu então

expliquei a sinopse que criei pouco depois da morte de vô Higino.

– O que seria um filme sórdido virou um docudrama de longa-metragem, parte vida real de Mário de Andrade, parte ficção, com o escritor sendo transportado para o século XXI, quando tem a oportunidade de mostrar sua arte para uma geração de jovens dessensibilizados e de viver fora do armário.

– Que sacada. Gostei, conte mais.

– O filme começa com a narração da carta que ele escreveu pra Manuel Bandeira, depois a gente faz uma viagem no tempo, apresenta a biografia dele e entrecorta a parte documental com cenas nos dias atuais, quando Mário de Andrade se apaixona por um escritor preguiçoso, tipo um Macunaíma. Nessa aventura no presente, ele pode encontrar pessoas que tenham características de alguns personagens de seus livros. Em Macunaíma, por exemplo, tem Maanape, que tenta se lavar na poça mágica, mas já não restava quase nada de água, então ele continua negro, só com as palmas dos pés e das mãos brancas. A gente pode usar um ator com vitiligo, alguma coisa assim.

– E ele pode encontrar Elza, que faz iniciação sexual de adolescentes!

– Pode. Mas uma coisa *light*, ok?

– Tudo bem. A gente mistura questões indígenas, leva Mário de Andrade a um culto de igreja neopentecostal, a um terreiro de candomblé, a uma balada gay, a uma escola de samba. Dá pra fazer uma coisa de vanguarda e que dê pra assistir com a família. Eu topo demais. Mas e a parte documental?

Eu propus que a gente dividisse para conquistar. Ele escreveria o roteiro da parte ficcional e eu cuidaria do roteiro do documentário. Na época em que criei a sinopse eu já tinha relacionado fatos relevantes da trajetória de Mário de Andrade que deveriam fazer parte do filme: a pesquisa que ele fez sobre o folclore brasileiro; a amizade com Anita Malfatti e Oswald de Andrade; a criação do “Grupo dos Cinco”, que liderou a vanguarda modernista; as críticas ao parnasianismo; o lançamento de *Paulicéia Desvairada*, a base do modernismo; suas divergências com o Estado Novo; sua consagração como um dos maiores valores culturais no Brasil de todos os tempos.

Fomos em frente com a ideia: um trabalho hercúleo, de idas e vindas, muito gratificante. O filme está quase pronto. O momento de lançamento é significativo: o centenário da Semana de Arte Moderna. Vamos exhibir *ArMário* pela primeira vez para uma plateia restrita, no aniversário de vó Carminha – afinal é um filme para ser visto em família. Depois percorreremos o Brasil em mostras de cinema. Quem sabe ganhamos nosso primeiro festival.

O SURTUDO

Sophia Amaral – São Paulo (Menção Honrosa)

Existe um preto mais que preto. Já não é bem preto, na verdade. Já é outra coisa. É... aquela cavidade do peito quando alguém importante se vai para nunca mais voltar, ou o uivo do vento ao apagar palavras de amor escritas na areia da praia. Era uma coisa mais próxima das últimas palavras de um moribundo, palavras que ninguém jamais ouviu, ou até das palavras ouvidas que fazem do ser humano o bicho que inventou o mal.

Era um breu total.

Ele não se lembrava direito de como havia parado ali. Se lembrava de estar junto de sua família, de ouvir os gritos, de caminhar numa marcha com mais dezenas de outros de seu povo, e então de ser marcado por uma fúria de ferro em brasa, para indicar a quem ele pertencia. Mas era tudo lapso, tudo névoa. Tinha batido a cabeça, ou levado uma surra...

Havia apenas três coisas das quais ele sabia com certeza: estava cercado de noite que não acabava, de calor que esmagava e de suspiros fantasmagóricos que o fazia

imaginar estar trancado em uma tumba; que não tinha passado (se tinha, o ser que havia o vivido morrera junto com as lembranças) e nem futuro (ao menos não um que fosse dele, visto que nada no mundo era seu, nem mesmo o cérebro com que enumerava essas coisas); e que não tinha nome.

Nomes pertenciam a quem tinha direito de ser nomeado. Ele não tinha. Simples assim. Numa horda de criaturas de pele negra, chamar por um ou outro não fazia a mínima diferença; eram todos animais, iguais em sua estupidez e força bruta. Os sabidos dotados da brancura, por outro lado, tinham a capacidade de fazer poesia e lendas, cálculos e teorias, leis e justiça. *Eles* mereciam um nome porque eram únicos em seu pensar, criar, fazer... ser.

Ele, aquele pedaço de não-gente, não se sentia único. Era apenas mais um no coro de suspiros daquele lugar esquecido por todos os orixás.

Não.

Não podia mais falar aquela palavra. Aquela palavra jogava o anzol para dentro de sua mente e trazia à tona mitos e histórias partilhadas sob a luz das estrelas, as

risadas de pessoas que não importavam mais, o gosto doce e explosivo de alguma comida que não existia mais. Era toda uma vida morta, morta, morta. Lembrar era pior. Lembrar era pedir para sofrer...

E resistir, porque falar o que Eles não queriam ouvir era, sim, uma forma de resistir, era perigoso demais. Ele podia não ser único, mas não tinha desejo de morrer.

Contentou-se com sua designação de ser animal.

Em oposição ao breu, a luz é uma coisa que dizem ser bonita. Magnífica, até. Mas para quem passou dias, meses ou anos (como se pode ter noção do tempo quando a única diferença de um momento a outro são a quantidade de cadáveres que te cercam?) na escuridão, a luz pode ser um pesadelo.

Quando a luz alcançou os olhos dele pela primeira vez, a cegueira que o possuiu durou tanto tempo quanto as preces que haviam sido sussurradas por um corpo sem vida ao finalmente morrer naquele antro de lamentos e sombras. As preces não saíam de sua cabeça porque por mais que ele tivesse certeza de que conhecia a língua na

qual elas haviam sido recitadas, não fora capaz de compreender uma só palavra. Por algum motivo, sentiu-se náufrago.

Caminhou sem caminhar. Não sabia mais como usar aquelas pernas que não eram suas, que, pela falta de uso, de fato sequer reconheciam o corpo ao qual estavam acopladas, mas forçou-as a continuarem adiante, tanto porque temia terrivelmente os gritos e o estalar dos chicotes que Eles carregavam quanto porque suas mãos e seus joelhos já haviam adquirido feridas o suficiente só naquele caminho para estarem sangrando como se chorassem lágrimas vermelhas.

Chegou em algum lugar que não se importou em observar. O que sentiu foi a água gélida que despejaram sobre sua cabeça, levantando todo e cada um dos pelos de seu corpo em alarme, as nuvens de perfumes, o arranhar dos farrapos e o escorrer do óleo por sua pele. Havia emagrecido muito, se machucado muito, se adoentado muito, mas sua pele ainda brilhava como se fosse um pedaço do sol arrancado do céu, e seus olhos absorviam luz com a profundidade do espaço entre as estrelas.

Chegou à conclusão de que parecia um boi com um laço de fita.

A marca de ferro quente, aquela que indicava seu dono, ainda ardia fervente em seu braço, como se tivesse sido feita meros minutos antes. Um olhar breve para o local da marca mostrou que a falta de cuidado havia feito com que a pele frágil infeccionasse e adquirisse uma casca porosa meio verde meio branca ao seu redor.

Também não prestou atenção ao que ocorria ao redor de si, e foi, sim, por falta de interesse. Nada daquilo dizia respeito a ele, afinal. Nada mais dizia. Há tempos ele havia aceitado que o corpo, o nome e o passado já haviam deixado de ser seus, porém era a caneta que escrevia a história do mundo que, ali no meio de tantos d'Eles, ele enfim compreendia que perdera. Dali para frente, se aparecesse nas páginas do livro do mundo, seria como um coletivo de animais de pelagem preta que era bastante útil para fazer o trabalho duro daqueles que governavam a terra. E, se quisesse insistir ao ponto de ser individualmente mencionado, seria como uma nota de rodapé na lista de bichos vendidos naquele dia de fim de mundo em que aprendera que Deus (porque aparentemente

existia só um e o nome dele era apenas “Deus”) não entendia seu idioma.

Observou conforme era vendido por um valor que não entendeu nem em números, nem em moedas, e que por um rebelde e tortuoso segundo em que se olvidara de sua condição de animal duvidou que fosse suficiente para pagar por sua existência. Quando voltou à realidade um instante depois, no entanto, recordou-se que sua força, seu estimado tempo de vida, sua idade e seus talentos deveriam ter sido medidos em algum cálculo para definir um valor razoável que o contemplasse. ~~No momento seguinte, perguntou-se, confuso e abismado, porque nessa conta não estava sendo considerado que ele possuía mente, espírito e coração que dificilmente poderiam ser reduzidos a qualquer um dos números existentes.~~

Sacudiu a cabeça como um touro enfadado, animal de condição parecida com a sua, porém provavelmente bem melhor. Com o gesto, pensamentos proibidos foram jogados para seus pés, o porão do corpo, onde Ele os trancava com chaves de aço para evitar a dor de reconhecer a miséria. Enquanto acreditasse que pelo divino, pela justiça, e pela natureza aquela vida sem nome era a que lhe

cabia, então não poderia achar em si a voz para uivar suas angústias.

Dispersas pelo terreno, algumas estacas de madeira se destacavam entre a plantação, os sinos em seu topo refletindo a luz ofensiva de um sol que um dia, há muito, já fora amigo. Ouviu-se o badalar de um deles ecoar pelos campos, o que significava que outro animal negro havia morrido durante a noite implacável. Era um que ele conhecia dessa vez: um filhote que contraíra uma doença facilmente tratada para quem possuía os recursos, mas que matava quem desconhece a sensação da saciedade e do conforto.

Não derramou nenhuma lágrima, não porque fosse insensível, mas porque mortes como essa aconteciam com alguma frequência por ali. Era a lei da natureza.

Obediente como era, fez o que era mandado quando era mandando, evitando a maior parte das chibatadas que eram distribuídas por Eles com generosidade sem igual. Mesmo assim, ao passar de algumas horas no cafezal, suas costas levavam as marcas

das garras de demônios que haviam decidido cavar um caminho para dentro de seu corpo.

O calor e o sol o castigavam; já fazia alguns dias (ou talvez alguns anos) que vinha tendo tonturas opressoras, daquelas que colocam até os mais fortes de joelhos. Não ajudava o fato de que suas pernas tremiam, raízes exaustas de carregarem um tronco que já fora tão assediado pelas lâminas dos machados. Talvez as partes mais resistentes de seu corpo fossem as solas dos pés e as pontas dos dedos; as primeiras porque o andar descalço sobre a terra regada por lágrimas obrigara sua pele a se tornar couro duro, gasto e velho, e as segundas porque o inesgotável trabalho na fazenda já havia arrancado suas unhas e cortado seus dedos até que eles se tornassem pás para cavar a própria cova em terra alheia.

O estômago roncou como o bicho selvagem que era. A garganta não ardia, mas só porque se cansara pedir por água e receber bile amarga. Piscou os olhos frágeis, e não conseguiu se lembrar da última vez em que eles haviam visto algo que valesse a pena ser visto. Considerou seriamente passar o resto de sua curta vida de olhos fechados.

Em algum lugar perto dali, soou o grito sofrido de um animal ferido. Havia sido pego por um predador, certamente; o estalar do chicote também era audível, pois Eles governavam o mundo e haviam ordenado ao vento que levasse consigo os sons da carne sendo punida. Instintivamente, ele, o sem nome, se encolheu, pois se havia algo de que se recordava, esse algo eram os castigos aos quais já havia sido submetido. Como podia esquecer, quando eles haviam sido escritos em seu corpo em faixas e mais faixas de pele arregaçada?

Era uma noite diferente das outras. Não deveria ser: a lua estava no céu, os campos os aguardavam para o próximo dia e o dono dormia em uma cama de plumas enquanto seus bichos negros batiam as cabeças contra o solo fértil cujo adubo era a morte. Mas aconteceu que um filhote havia morrido na noite anterior, e apesar de todo o resto estar como sempre esteve durante aquelas horas de pesadelos perdidos, naquela noite em especial havia uma mãe de luto.

Mães, quando irritadas, são os seres mais perigosos do mundo. E aquela mãe em específico resolveu que seria perigosa *falando*.

O problema nisso começa pelo fato de que animais não falam. Eles rugem, gemem e ronronam, mas não *falam*. Isso é coisa de gente inteligente, de gente de cultura, de gente de história, e gente assim é ser humano. Ser humano era tudo o que eles não eram.

O problema vai além quando se presume que, caso um animal falasse, nada de bom ele teria a dizer sobre os responsáveis pela morte de sua prole. Na verdade, ele não teria nada a dizer que satisfizesse seus donos, afinal, se um animal falasse, isso com certeza seria obra do diabo, e o diabo só pode ter mensagens que Eles, exímios seguidores da bondade, iriam desprezar e demonizar.

Apesar de tudo isso, mães continuam sendo perigosíssimas, e a mulher se pôs a falar. Por bastante tempo, muito tempo, apesar de reconhecer os sons, ele não captou o significado de nada do que era dito por ela; era como um quebra-cabeça cujas peças haviam sido feitas com defeito, jamais encaixariam. Após tentar dormir, tapar os ouvidos e ignorá-la sem sucesso, algum

conhecimento escondido foi achando seu caminho por entre as vigas do alçapão que fechava o porão de seus pés, aquele que guardava tudo o que deveria ser esquecido. Devagarinho, ele foi entendendo.

A mulher não estava só falando; ela estava contando uma história.

A história tinha a textura do tronco de um baobá e da capulana deslizando pelos braços nus. Tinha o gosto doce de pitangas e de tâmaras. O ritmo dos pés batendo no chão conforme os corpos dançavam e dos instrumentos reverberando nas mãos dos músicos. O cheiro dos rios correntes e da terra abençoada pelos orixás. A história tinha a alma de casa.

Foi depois de sentir gotas de água atingindo-lhe o colo e de verificar que o céu continuava limpo e sem nuvens que ele percebeu que chorava. Com uma coragem que não sabia que tinha, espiou por entre as cortinas de si mesmo e descobriu que o porão no qual por tanto tempo escondera a si mesmo fora arrombado, e que as memórias de um passado de miragens começavam a invadir cada canto de seu corpo. Um passado no qual sua pele portava marcas não de sofrimento e cárcere, mas de afeto e

cuidado, tão diferentes entre si que ele chorou mais forte ao perceber que não se reconhecia mais.

Não foi a primeira e nem seria a última chuva daquele verão.

Seus soluços formaram trovões quando se deparou com o fato de que depois de tantos anos aprisionado em corpo e em espírito, seu próprio nome havia sido perdido para as palavras estrangeiras de seus torturadores.

Saiu por aí, trôpego, a caçá-lo, desesperado em busca de um conjunto de sons que o reconhecesse, que fosse dele para proclamar. Seu corpo se lembrou de que pertencia a si mesmo, mas a verdade é que ainda levava o brasão de seu dono no couro como um lembrete permanente de sua condição de animal. Por isso, ainda que seus pés o levassem adiante, seus pulmões falhavam em lhe dar o ar necessário para continuar com aquele trote manco e desengonçado. Caiu no chão diversas vezes, sujou-se de terra, ralou-se inteiro. As lágrimas ininterruptas já haviam tatuado linhas em seu rosto, ou talvez apenas tivessem lavado a sujeira adquirida com anos de rastejar. Já não sabia mais onde estava, mas ainda não se encontrara, então não podia parar.

Até que viu a estaca de madeira e seu sino. Céus, que sorte.

De repente, sentiu que podia finalmente, *finalmente*, voltar para casa.

As criaturas negras já estavam se espalhando pelos campos de café quando o primeiro raio de sol decidiu cumprimentar o dia. Uma delas, que arrastava os pés pelo solo para se locomover, parou diante de uma das estacas que portavam sinos. Dessa vez, o morto havia dado um jeito de se enforcar junto da peça de metal.

Quando tocaram o sino para anunciar sua morte, seu corpo inerte balançou ao ritmo das badaladas.

OUVIDOS DA ALMA

Alexandre Sales Mazarin – São Paulo (Menção Honrosa)

Um amanhecer preguiçoso ergueu-se com raios de sol tímidos sufocados pelas nuvens. O orvalho revestia o enorme campo frente à casa de Anna. Pequenos pássaros saltitavam no fio que serpeava pelos postes. Era como se acomodassem. Um coro de aves. Como em um ensaio diário, logo entoariam sua ária matutina. A pequenina, mirava-os curiosa. Afinal, por que se comportavam daquela forma? A forma como se moviam e seus pequeninos peitos arfavam, queriam dizer algo a ela. Queria muito poder entendê-los. Comunicar-se com eles.

Contava com dez anos. Nascera com surdez profunda bilateral. Desde o início foram incontáveis idas e vindas atrás de novos ouvidos. Por algum motivo, os aparelhos que usava não a haviam ajudado até o momento. Isso, porém, não a impedira de se comunicar. Já dominava LIBRAS o suficiente para compreender sua mãe e avó. Entender mais alguém além delas era ainda um desafio intransponível.

Rotineiramente, Anna e sua mãe caminhavam um trecho no centro da cidade em que passavam em frente à loja de antiguidades. Não fazia muito tempo que o havia visto. Escondido ao fundo do enorme recinto e coberto por uma fina camada de poeira, jazia um piano de cauda. Ingênua e desprovida de qualquer sensibilidade sonora, a pequenina se aproximou do instrumento e uma enorme interrogação se fez em seu semblante. Nem precisou questionar sua mãe que, com certa dificuldade tentou explicar para que servia um instrumento musical. Apesar de mal compreender o sentido de se usar um instrumento que não fosse para ouvir ou falar, Anna tão logo se encantou ao se sentar diante do vasto teclado. Encostou a pequena cabeça sobre o tampo do piano e tocou aleatoriamente as teclas. Sentiu que algumas vibravam mais enquanto outras eram imperceptíveis. O que diziam a ela? Como saberia? Seria a mesma linguagem dos pássaros? Torcia para que encontrasse logo o aparelho certo para começar a entender tudo aquilo...

Logo chegariam. Seria mais uma tentativa. Mais um teste. Outro sinal de esperança. A vasta calçada que revestia o centro da cidade estava encharcada e, apesar de

muito cedo, poucas pessoas e transeuntes circulavam por ali.

Havia perguntado uma vez para a professora Sueli quem havia inventado o piano, mas ela não soube responder com precisão. Disse que consultaria os livros e responderia assim que soubesse. De sua excelente memória somada à dádiva em ser uma docente comprometida, adiantou que houve um compositor musical muito especial e talvez o mais importante de todos. Afirmou ainda que ele compôs quase dez sinfonias e que a nona foi composta em um momento muito difícil da vida dele. Antes que Anna perguntasse que momento teria sido tão difícil, a professora, sem delongas explicou o que acontecera a Beethoven.

Em 1991, a informação ainda não era tão fluida e gratuita. Para todas as perguntas, era necessário procurar uma biblioteca. Para Anna, o caminho era mais longo: necessitava de uma intérprete a todo tempo pois não era alfabetizada. Sua mãe e avó conseguiam entendê-la até certo ponto. As letras impressas diziam tanto para ela quanto o coral dos pássaros ou as teclas do piano.

Visualmente, tinha preferência pelas últimas formas de se comunicar...

Tinham chegado ao seu destino. Para Anna, estava mais para: “havia chegado mais uma vez naquele mesmo destino”. O protocolo, a sala, a enfermeira, o médico, o cheiro dos corredores e a expressão vazia dos pacientes faziam do hospital o que de fato era. Com uma calma ritualística, o médico acomodou em uma de suas orelhas o novo aparelho e testou. Anna, pedindo a si mesma para que o tempo não passasse tão rápido, só queria ter mais um momento positivo. Ansiava por um sinal de som. Qualquer som. Contentava-se até com um ruído. Qualquer sinal que não fosse mais um menear negativo de cabeça.

O mesmo desfecho de sempre.

A mãe de Anna não suportava mais vê-la daquela forma. Jurava sempre que seria a última vez. Que não precisaria nunca mais passar por aquilo de novo. Quebrara seu juramento como tantas outras vezes. Mirando o céu ainda nublado, desconfiava do sol, do calor e da esperança que injetava em sua pequenina.

Ao chegarem em casa, a pequenina reparou que o coral de aves já havia se retirado. A fina chuva da manhã

intensificara-se assim como a tristeza que sentia. Queria ser ouvida. Assim como Beethoven, gostaria que outros soubessem o que ela tinha a dizer.

Comeu pouco e por um breve momento vislumbrou a triste chuva que caía lá fora. Sua mãe pediu perdão por fracassar novamente com ela. Anna não entendia como aquilo poderia ser culpa dela. Sentiu falta de seu pai. Guardava uma foto antiga dele. Estava elegante. Tinha sido alguém importante. Sentia um enorme orgulho e responsabilidade em ser como ele. Infelizmente não o conhecera. Das poucas vezes que indagava sobre ele, sua mãe escondia as lágrimas e só as deixava escapar quando estava escondida com um retrato dele em mãos.

O sábado veio, não moribundo como o dia anterior, mas vigoroso e claro.

Com uma carta úmida em mãos, a mãe de Anna a acordou. Sobressaltando-se com sua visível euforia, a pequenina não entendeu o motivo daquela repentina alegria. O dia anterior marcara mais um luto sonoro para elas. Estava desanimada para ressuscitar a esperança.

Sepultara-a tantas vezes. Era melhor deixá-la onde seu pai estava: na memória.

Na sala, a mãe de Anna, com muita calma, sinalizou a ela o que queria dizer aquela carta. Tratava-se dos últimos itens da herança deixada pelo seu pai. Apesar de ter falecido há quase dez anos, alguns bens foram barrados na alfândega. Dentre outros bens móveis e imóveis, um piano constava na lista. O semblante da pequenina iluminou-se como dantes. Um piano? Por que meu pai tinha um piano?

A mãe, antevendo todas as indagações de sua filha, puxou debaixo do armário que ficava na sala um velho baú. A julgar pelo tempo, era muito antigo. Estava sempre trancado. Para Anna, continha nada mais do que documentos da casa, senhas e coisas do tipo. Ao abri-lo, uma lufada de ar inundou a sala e, estranhamente, era como se trouxesse ao apurado olfato da pequenina lembranças de seus primeiros meses de vida.

Dentre documentos envelhecidos e letras que nada diziam a ela, remexeu-os e sentiu uma textura diferente. Eram fotos. Momentos eternizados em imagens. Cenas congeladas que, mesmo sem dizer nada, tinham muito a

informar. Muito a revelar. Imediatamente, Anna reconheceu o enorme instrumento e para sua surpresa, também percebeu quem era o pianista. Com espanto, sinalizou para sua mãe um expressivo “pai”.

Por que afinal, aquilo foi escondido dela? Seu pai tinha sido um pianista e pelas fotos não era um músico qualquer. Teria sido outro juramento de sua mãe? Não contava com o fato do piano talvez nunca voltar para casa ou sentia tristeza pelo fato de sua filha não ouvir...?

Não importava mais qual era o motivo. Anna redobrou o orgulho que já sentia pelo pai e, emocionada, beijava copiosamente as fotos. Queria que todas estivessem emolduradas e visíveis em toda a casa, como uma medalha ou certificado. Aquelas imagens diriam ao mundo sua origem e seu legado.

Antes que terminasse de retirar todas as fotos do grande baú ao centro da sala, Anna encontrou dois discos LPs. Olhou para sua mãe sem entender o que seriam. Sentiu um misto de tristeza repentina no semblante dela. A pequena, deduzindo o teor do baú, compreendeu que os discos haviam sido gravados pelo seu pai...

Duas intermináveis semanas finalmente deram conta de trazerem o piano tão aguardado. Quatro homens foram necessários para carregar o elegante instrumento. Anna contemplava-o como a última recordação viva de seu falecido pai. Sentava-se todas as tardes e passeava os dedos pelo teclado imaginando o que o instrumento estaria dizendo a ela. Ainda almejava ser como Beethoven e, mesmo não ouvindo, iria encontrar uma maneira de ser ouvida.

O inverno veio antes do que a pequenina imaginara. O frio cortante e o vento matutino expulsavam o coro de aves que não comparecia há semanas. Apesar da ária da manhã ser substituída por um monótono som de sopro lá fora, dentro de casa, um conjunto de notas intervalares preenchia todo o ambiente. Anna praticava escalas e tentava memorizar sequência de notas ensinadas pelo velho professor Alberto.

Dentre todos os professores, ele fora o único a aceitar o desafio de ensinar música para uma criança como Anna. Pouco importando o que pensassem dele ou com os resultados imediatos, o velho Alberto era um típico músico visionário que sabia muito bem descobrir talentos ao

mesmo tempo em que valorizava os não talentosos que fossem dedicados. Para ele, aliás, o esforço sempre superava o talento.

A mãe e a avó de Anna admiravam o empenho dela em cada lição. Em poucos meses, a pequenina conseguia sincronizar as duas mãos e tocar peças mais simples. Mesmo não ouvindo, era capaz de sentir a vibração do tampo do instrumento. Não precisava de sua visão pois não lia. Tampouco necessitava de seus ouvidos já que estava aprendendo a falar por meio dos sons...

O inverno se foi e com ele a primavera trouxe novamente o coro das aves bem como um calor úmido. Como um contraste, o som fora da casa retornara, mas no interior, as peças meticulosamente memorizadas pela pequena cessaram: o velho professor Alberto, de forma inexplicável, parara com as aulas. Não havia mais nenhum outro professor interessado em prosseguir com os estudos. O ímpeto de Anna enfraquecera. Sem orientação, desanimara. Sua mãe e avó tentaram todas as formas.

Com o passar dos dias Anna entristeceu-se a ponto de não se sentar mais diante do piano. Assim como na loja de antiguidades, uma fina poeira passou a cobrir o

instrumento, selando-o com tempo de desuso. À noite, já não dormia bem. Acordava várias vezes e pensava em tudo que acontecera nos últimos meses. Desejava não ter tido contato com tantas novidades. A vida que levava era dura o suficiente para ter piorado tanto.

Em uma das noites, andou a passos leves, como sempre o fazia para não acordar ninguém. De súbito, viu o vulto de sua mãe na penumbra da sala. Estava sentada com uma folha na mão. Anna já tinha visto a mesma cena diversas vezes. Aguardou sua mãe adormecer e, com cuidado, pegou a folha que segurava.

Surpreendentemente, não era uma foto ou disco de seu pai. Haviam as conhecidas letras que nada diziam a ela, porém, um timbre em formato de ouvido chamou sua atenção. Estava em ambas as páginas. Ao lado da escrivadinha, uma carta com o mesmo timbre e a letra... sim... sabia bem de quem era aquela letra... por que, afinal, o professor Alberto tinha enviado uma carta para mãe de Anna? Seriam desculpas? E o timbre? Qual a relação daquilo tudo?

A pequenina, ainda curiosa, mirava as folhas e a carta com a letra de seu antigo professor de piano. Mal teve

tempo de perceber que sua mãe estava acordada olhando para ela espantada. Com um sinal inquisidor, Anna mostrou a carta e sinalizou tudo aquilo que a afligia. Sua mãe, relutante com a reação dela, esboçou um sinal de sono, porém, ao ver que não conseguiria dissuadir a filha, explicou que o professor havia deixado um presente para ela: Anna teria ouvidos biônicos.

Mesmo se esforçando muito, era demasiadamente difícil explicar a noção de implante coclear para Anna. Até mesmo para sua mãe, não era algo de fácil assimilação. Sabia, pelas informações da carta, que teriam que viajar para uma cidade do interior de São Paulo chamada Bauru. Onde havia sido feito o primeiro implante.

Anna que tudo via e entendida atentamente perguntou quando iriam. A mãe, dizendo a si mesma que não passaria por tudo aquilo mais uma vez, respondeu apenas que estava cansada de falhar. Que estava pensativa. Que não era certeza de que Anna poderia voltar a ouvir... e que corria o risco de uma infecção caso o implante não fosse muito bem realizado. A pequenina, percebendo o receio da mãe apenas abraçou-a.

A mãe de Anna respirou fundo e, mais uma vez, quebraria sua última promessa. Talvez fosse a hora de parar de prometer, conjecturou.

Adormeceram juntas no sofá. Uma decisão inusitada em um cenário noturno.

Mais uma vez, o caminho para o hospital exigia todo o ritual protocolar. Logo chegaria ao seu destino. O novo médico conversou um bom tempo com a sua mãe que, aflita, assentia ansiosa a cada pergunta ou instrução do doutor. A calma ritualística do médico foi bem diferente. Anna pensou ter sido vacinada, porém não se lembrou de nada. Um sono profundo a tomou e, após algumas horas, despertou no colo de sua mãe. Estavam no ônibus, de volta para casa. Estranhamente, sentiu algo acima de suas orelhas. Em volta, tinham raspado seus cabelos. Eram seus novos ouvidos. Mas... por que ainda não ouvia? O que faltava? Olhou para sua mãe e sinalizou que não ouvia nada. Como resposta, obteve um largo sinal de “paciência”.

Incrível como alguns destinos são tão demorados quando aguardamos. Anna comparava o esperado dia de “ligar” seus novos ouvidos com o leite que nunca fervia

ou com o arroz que sempre queimava pelo fato de não acompanhar o tempo de cozimento. Quanto mais olhava, mais longo era o caminho. Mais moroso seu destino.

Manhãs e noites se revezaram e trouxeram, a muito custo, o dia aguardado. Anna acordou radiante e olhou, pela última vez, o coral mudo de aves que tinha retornado com os ensaios. Voltaria e contemplaria a performance tão aguardada por ela. Estava ansiosa pelo momento em que poderia finalmente ouvir. No hospital, as etapas não ocorreram. Foram diretamente para uma sala. Reconheceu o novo médico acompanhado de duas enfermeiras.

Com a mesma calma, o doutor analisou o implante e, gesticulando algo para mãe, olhou fixamente para Anna. Todos os olhares estavam direcionados a ela.

O silêncio reinante cedeu.

Um barulho seco e repetido assustou a pequenina que logo se virou para trás e viu uma das enfermeiras com um pequeno tambor. O mesmo que vira na fanfarrinha da escola quando desfilavam. O medo repentino aumentou quando percebeu outros sons. Não sabia ainda de onde vinham. Estavam confusos e nada diziam a ela. A confusão a atordoava e teve vontade de chorar. Virou-se

para sua mãe que também falava. Concentrou-se em seus lábios e notou a sincronia de seus movimentos com um sonoro “mãe”.

Outro som.

Esse era diferente. Era de dentro para fora. Ela também emitia som? Abriu os lábios e tentou falar... ficou receosa pelo som sem sentido algum. Os repetidos sons de “mãe” e “mamãe” que ouvia a captaram novamente para a empreitada. Tentou imitar:

- M-mamãaaaaeee...

As lágrimas começaram a escapar dos olhos de sua mãe. O médico que assistia a tudo também não se conteve. Um riso mesclado aos olhos marejados indicava que ele também estava emocionado. Anna conhecia bem aquela expressão. Foi a mesma de sua avó, quando tocou sem errar sua primeira peça de piano.

“Pai”.

O som agora era outro. Sabia agora que vinha dos lábios de sua mãe que agora segurava em uma das mãos um dos discos de seu pai.

O silêncio novamente voltou. Era uma breve pausa para o que viria a seguir.

Um delicado e cadenciado som preencheu a sala. Era muito mais suave e inexplicavelmente a acalmou. Sua ansiedade poderia esperar. Seus desejos e sonhos teriam tempo para se concretizarem. Fechou os olhos e, pela primeira vez, ouviu um piano tocar. Repetiu consigo mesma a palavra “pai”. Sabia que era ele tocando. Estava falando com ela da forma que podia.

Os dias se passariam. Anna ouviria e tocaria infindáveis vezes a mesma peça. Saberá que se tratava da sonata patética em do menor de ninguém menos que Beethoven. Também se dará conta de que a ária matutina das aves era muito mais grandiosa do que seus ensaios e que as letras impressas tinham muito a dizer. Continuará a aprender piano da mesma forma que aprenderia a falar. Descobrirá que velho professor Alberto não voltaria pois estava junto de seu pupilo: o pai de Anna. Que deixara, em testamento, o valor necessário para implantar seus novos ouvidos. Perdoará sua mãe por ter omitido tudo... aprenderá que, assim como os sons impressos em uma partitura musical, sempre há o momento certo de se revelarem. A esperança somada ao avanço da tecnologia conseguiu transformar sua vida e tantas outras que viriam.

A MECÂNICA DOS SONHOS

Geovanna Ferreira Silva – Minas Gerais (Menção Honrosa)

Aos cinco anos de idade Teresa da Silva perdeu a mãe e ganhou consciência de qual era seu lugar no mundo: o mais infeliz. Alegria? Apenas em doses discretas, vivida no anonimato de quartos fechados, bem longe dos olhos alheios. Era importante que na opinião dos outros seus dias fossem banais e deprimentes ao máximo, para seu próprio bem. Pela lógica, sua desgraça devia ser muito mais terrível do que era.

Na loteria da vida ela primeiro perdeu, nascera em 1877, marrom como as ruas de terra de uma Salvador que não aceitava que suas ruelas, casas, rostos, ela inteira era marrom. E depois, Teresa ganhou de súbito. Mal a carne fria e sofrida da mãe, que falhara em trazer ao planeta mais dois infelizes, foi enfiada numa cova, dona Eulália resolvera criar a filha de sua melhor escrava. Tal ato dera a Teresa passe livre para uma existência minimamente digna, para transitar entre as sedas, rendas e bonecas francesas do casarão do coronel Tenório Franco. Aquela

era uma casa de um rei não coroado onde habitava uma princesa de pele de porcelana e olhos azuis que rodopiava e sussurrava, seremos amigas para sempre, e mais, serei sua fada madrinha, como nos contos de fadas. Olívia cumpriu a promessa. Durante quase vinte anos.

Nas longas horas partilhadas entre elas, a filha de dona Eulália ensinou Teresa a ler e escrever, a somar e a falar inglês. Na liberdade do quarto trancado, onde ninguém poderia berrar que era um absurdo uma negra em tais aposentos, elas leram os melhores livros, jogaram os melhores jogos, sonharam sem medo os melhores sonhos, indisponíveis para qualquer mulher da época. Quando já eram moças e as diferenças entre elas já eram grandes demais e as verdades foram sendo supostas e depois escancaradas, levaram Teresa para a cozinha. Teresa odiava o que acontecia quando pisavam no mundo real e então era obrigada a encenar, a calar, abaixar a cabeça e andar atrás de Olívia, como se fosse sua serva, uma escrava alforriada. Só que a cozinha se revelou ainda pior que o resto do mundo.

Teresa agora tinha de cumprir seu papel original, e não sabia como fazê-lo. Suas mãos eram delicadas demais

para depenar galinhas, sua mente estava centrada demais nos livros dos irmãos de Olívia que juntas elas roubavam e liam escondido – sobre política, direito, medicina, para não deixar o leite queimar. E mais: seus pensamentos estavam obcecados demais com uma constatação feita por elas para ligar para temperos e doces.

Os olhos das duas eram iguais.

Ainda que os dela fossem escuros e os de Olívia, claros. Demoraram décadas para notar que tinham o mesmo olhar, o mesmo queixo, a mesma pinta no peito, bem acima do coração. Havia, afinal, no reino do coronel, verdades chocantes e legítimas bem escondidas por silêncios ilegítimos.

Olívia se revoltava por ver Teresa condenada ao fogão, mas o que poderia fazer? Nem mesmo seu próprio futuro podia controlar. O pai havia anunciado que ela se casaria com o filho de seu maior parceiro de negócios. E assim foi.

Teresa não foi autorizada a comparecer ao casamento, muito menos a morar com Olívia, como Olívia planejava. Preparou os quitutes para a festa em prantos,

chorando de ódio pelo martírio que era ser mulher – de qualquer cor.

O casamento foi o fim definitivo do paraíso ilusório das duas. Vez ou outra a nova senhora Toledo escapava até sua antiga casa, para junto de Teresa, riem e chorarem. Em um desses episódios, as lágrimas de Olívia eram do mais puro alívio e felicidade. Ela mal conseguia falar. Quando o fez, apenas disse:

– Ele está te esperando.

Ele era Sir William Lucas.

Mais um dos tantos estrangeiros vindos para o Brasil na missão de tornar Salvador a cidade mais europeia do país. Instalado num casarão na Rua das Princezas, o inglês precisava de alguém que fizesse a casa funcionar. Após conhecer William Lucas, conhecido de seu marido, Olívia teve a certeza de que a pessoa que o inglês precisava era Teresa.

– Ele é diferente... – os olhos dela brilhavam.

E era. Ao ser apresentado à Teresa e ouvi-la falar um inglês tímido e um pouco falho, porém suficiente, William Lucas sorriu. Foi caloroso desde o princípio. Acostumada a receber o pior de seus próprios

compatriotas, Teresa circulou incrédula durante semanas pela casa do rapaz, sem compreender como era possível um homem branco, rico, estrangeiro ser tão gentil com uma mulher como ela. Pensou muitas vezes em ir embora, pois era bom demais para ser real. Mas num dado momento, convenceu-se. Por que não? Por que não merecia respeito? Era uma moça direita e a seu próprio modo, educada. Fazia o possível para trabalhar da melhor maneira. Sua cor trazia em tons fortes a honra e a dignidade de sua gente, maculada por séculos de dor e escravidão. Além disso, sua amada Olívia não a mandaria para a casa de um algoz.

William era tudo, menos um homem ruim. Não fazia exigências, não importunava Teresa, nunca olhara para ela com alguma segunda intenção. Era belo, mas recluso, raramente saía de casa, de forma que as famílias ambiciosas de Salvador mal conseguiam saber de sua existência. O inglês só se interessava por sua engenharia mecânica e os muitos frutos que ela podia gerar. Quando não estava em seu escritório trabalhando até altas horas com uma determinação invejável, gostava de ter longas conversas com Teresa, sobre diversos assuntos, de religião

à geografia. Teresa passou a ansiar por esses momentos. Pelos olhos claros e vagamente loucos do patrão em si, o entusiasmo quase infantil do inglês contando-lhe de como funcionava as máquinas e engrenagens de sua pátria. Os horrores e o principal, os milagres que a industrialização levava à Inglaterra. Todos os dias ele apresentava-lhe um pouco mais daquele mundo encantado. Todos os dias William tratou-a de igual para igual. Mostrou livros, esboços, conceitos da física, deu de presente o que mais amava à Teresa, a crença de que a engenharia poderia mudar o mundo. Teresa logo percebeu. Que acreditava nele. E que pela primeira vez era realmente feliz.

Amando William e a ciência.

Naquela noite, William abriu mais uma camada de seu coração à Teresa. Contou do menino sem ninguém no mundo, que passou fome, frio, fora torturado e discriminado de todas as maneiras num orfanato no interior da Inglaterra. Até que um velho e bondoso senhor que tinha mais dinheiro do que algum dia precisaria e nenhum filho para herdar tanta riqueza, adotou o menino. Tirou seus piolhos, ofereceu pão, estudo, um diploma e

todo o ouro que o filho adotivo também não seria capaz de gastar sozinho. O menino se tornou William Lucas.

As peças então se encaixaram, Teresa compreendeu o brilho familiar e acolhedor que havia no semblante do inglês, por trás de toda a pompa que insistiam em relacionar a ele, simplesmente por ser estrangeiro.

William sabia como era.

Ser a escória em sua própria terra.

Ser ferido, ser considerado menos que um ser humano.

Ele também sonhava. Segurando as mãos dela, confessou que sonhava em trazer ao Brasil a primeira fábrica do que ele contou chamar automóveis. Uma espécie de charrete elétrica que poderia levar qualquer um a qualquer lugar. Ao contrário dos encartolados de seu país, William acreditava que uma indústria podia trazer o pão e a prosperidade a todos, inclusive para os baianos. Era por isso que estava ali, para ajudar a tecnologia fazer seu milagre. E Teresa, por sua vez, confessou que sonhava em andar de cabeça erguida nas ruas, ter tanto direito a

tudo quanto todos os outros. Queria ser alguém, ao lado dele, realizando com ele.

O resultado de tantos segredos e sentimentos confessados veio rapidamente. Durante os dias eles planejavam nos mínimos detalhes a primeira indústria automotiva de Salvador, colocando no papel o que precisariam, as ferramentas, os recursos, as pessoas que seriam necessárias. Teresa fora essencial no processo. Conhecedora da cidade que desde sempre a renegara, ela tinha talento para finanças e administração, sabia bem quem possuía tal material para vender, onde encontrar trabalhadores certos, o ponto mais estratégico para se construir a fábrica. E durante as noites, exaustos com a tarefa de tornar concreto o sonho mais louco, eles encontravam forças para se amar.

Nove meses depois estava pronto.

O planejamento da indústria.

E o filho de dois mundos.

Naquele dia, William pediu perdão à Teresa. Ela havia organizado todo o jantar. Cardápios, flores e todo o resto. Tudo para que a dezena de homens ricos e potenciais investidores da indústria fossem tratados como

verdadeiros nobres. Mesmo assim, aqueles que ela tanto queria agradar não suportariam sua presença naquela que já considerava como sua casa. Uma mulher negra e grávida à vista enquanto discutiam o que poderia ser o maior empreendimento na Bahia em um século era inadmissível para aqueles tantos homens.

Tentando amenizar a situação, William sugeriu que Teresa fosse visitar Olívia, sem saber que o marido da amiga já esclarecera que ela também não era bem-vinda em sua casa. Por fim, rouca de frustração ela anunciou que claro, permaneceria bem escondida no quarto durante todo o jantar, que seria servido por outras mulheres, mas brancas. Nem mesmo William – o melhor homem do mundo, para Teresa, poderia mudar a injustiça a qual esse mesmo mundo infringia a ela durante seus 24 anos de vida.

Durante uma hora Teresa permaneceu em sua poltrona, acariciando a imensa barriga. Quando já não aguentava mais de ansiedade e curiosidade, quebrou a promessa feita a si mesma. Escapou pelos corredores do casarão e chegou à porta fechada da sala de jantar. Esforçou-se para ouvir e entender o que aqueles tantos homens falavam. Ainda assim, compreendeu apenas

poucas frases. A raiva cresceu em Teresa. Queria abrir a porta de uma vez e sentar-se ao lado de William, falar sobre o projeto que também era dela, também fora pensado do início ao fim por ela. Aquele era seu lar, seu companheiro, seu sonho, era seu lugar!

Mas a porta representava muitas outras. Todas trancadas para uma mulher negra em 1900.

Quando a frustração chegou ao ápice em Teresa, ela sentiu. A pontada, a dor repentina que lavou seu corpo.

Seria possível? Sim, a criança estava pronta para vir a um mundo que não estava preparada para ela, para respeitá-la.

Teresa respirou fundo e tentou raciocinar. Interromper o jantar estava fora de questão. Caso entrasse naquela sala ela mataria o sonho deles para sempre. E somente geraria desespero vão em William. Ele iria querer um bom médico para o parto de seu primeiro filho.

Mas nenhum médico em Salvador faria aquele parto.

O que estava ao alcance de Teresa eram parteiras. Só que nenhuma delas era Olívia. A doce Olívia que como ela queimava por dentro de vontade de escapar de tantas

amarras, que desde pequena sonhara em ser médica. A Olívia que fora proibida pelo pai e depois o marido de sequer pensar em tal hipótese, que teve de se contentar em aprender escondido o ofício das parteiras, pois era tudo da medicina que estava a seu alcance.

Teresa não pensou duas vezes antes de, em meio a dores intensas, ir para a rua em busca de sua irmã de coração, talvez de sangue. Com o máximo de compostura que conseguiu reunir, caminhou pela cidade até chegar à casa de Olívia. Bastou um olhar para que a outra mulher entendesse a súplica de Teresa. Ela insistiu em fazer o parto em sua própria casa, mas Teresa recusou. Aquilo resultaria em Olívia espancada ou algo pior. E não suportaria ver sua amiga sofrer por causa dela ou sua criança. Por fim, respirando tensão as duas mulheres caminharam de volta à casa de Teresa.

O parto foi longo e duro demais.

A criança tão esperada estava atravessada no corpo jovem de Teresa.

Olívia fez o que pode, mandou chamar parteiras experientes, mas nem mesmo elas conseguiram algum

avanço. Após horas de martírio e batalha Teresa reuniu todas suas forças, gritou e empurrou mais uma vez.

E a criança enfim raiou na vida.

Uma menina.

Mas aquela era uma guerra perdida. Pelo menos para Teresa. Ela sabia. Fora muito além de seus próprios limites para que aquela coisinha fosse colocada viva em seus braços. O sangue abundante que tingira os lençóis era símbolo disso. O terror extremo de saber que não haveria segunda chance para ela, que apenas um fio de vitalidade a mantinha no mundo dos vivos de súbito dissolveu todo o pavor e tornou-se calor e dádiva para Teresa. A medicina diria que Teresa estava delirando, ardendo em febre, mas ela sabia, estava sendo de alguma forma, recompensada pela morte. Tudo era branco e alegre, ela via bem. O tempo era outro, as pessoas eram outras naquele 20 de março.

Mulheres.

Havia tantas delas, ao redor. Elas eram inegavelmente livres, livres de uma forma que nem Teresa e nem Olívia foram um dia. Vestiam de um modo novo, sorriam, estavam ali vendo algo definitivamente grande acontecer. Mulheres brancas... e negras.

O coração exausto de Teresa vibrou com aquela visão.

Somente aqueles rostos femininos felizes e livres já era um acontecimento histórico.

Mas havia mais.

Havia um prédio, chamado Rômulo Almeida, também diferente de tudo que os olhos de Teresa um dia viram. Uma universidade voltada para o progresso que ela e William tanto perseguiram. Uma escola onde todos, até mesmo uma mulher negra como ela, poderiam aprender a construir um amanhã de tecnologia e inovação. Uma escola que era também o lar do sangue do sangue de Teresa, um marco que ela pode presenciar por meros instantes, apenas de longe, e que mesmo assim tornou sua breve vida mais feliz.

No meio da multidão havia uma mulher. Sua pele era marrom, seu rosto era o rosto de Teresa da Silva, filha de mãe escrava e analfabeta. Em seu peito também batia um coração furioso, pronto para realizar tanto. Sobre ele, a herança familiar de todas elas. A pinta, que podia ser vista pelo decote do vestido.

Como era nítido e mágico. O futuro do qual ela não participaria, cem anos à frente.

Senai Cimatec, aquele era o nome do lugar. E Telma era o nome daquela moça tão bela que não a conheceria, mas traria nas veias o amor de Teresa pelo conhecimento. Seria ela uma das professoras que ensinaria a Salvador como transformar sonhos em mecânica.

A visão se dissipou como névoa diante das pupilas da mulher, e então Teresa deu uma última olhada para seu querido William, a seu lado. Para Olívia e sua pequena menina, em seus braços. Quis dizer que tudo ficaria bem, ela não ficaria desamparada em um mundo doente. Seria Otávia mestiça e forte, a ponto de resistir um século adiante, numa tataraneta que vivenciaria uma outra Bahia. Teresa quis contar tanta coisa para sua menina, mas não restava forças.

Já fria como um cadáver, diante de olhos desconsolados, só conseguiu compreender que havia vencido. Viera antes, para sangrar e abrir o caminho entre espinhos com suas próprias mãos. Para que outras concretizassem depois.

Um dia. Em breve.

Teresa da Silva sorriu. E enfim parou de lutar, após
24 anos.

CABOCLA ROSA

Giselle Silva – São Paulo

A cabocla era linda por demais. Com suas pernas roliças e luzidias. Era de carvalho envergar quando ela passava. Era viúva de marido vivente? Que devia já ter sido morto por algum bruto em algum lugar desse vasto mundo. Uma mulher daquela não se deixa. Não, de forma alguma. A cabocla era mulher de se brigar por ela em briga de foice ou facão e só acabar quando um tivesse esmarrido. Ela sabia do prejuízo que causava às almas alheias e nem por conta disso se enviesava. Tomava o rumo da vida retamente, sempre olhando pro prumo da frente, e nem se importava. Sabia que nada lhe cabia fazer, a não ser viver, e cuidar de seus filhos órfãos de pai vivente – ou morto, quem o sabe?! Certeza que o pobre coitado já devia de ter morrido ao fio de um punhal de algum fio do demo. Aliás, o demo tem muitos filhos. Um deles morava ali pertinho, pertinho por demais. Causava até risco de vida e de danação. Era o proprietário da fazenda. O fio do capeta.

A cabocla que se chamava Rosa passava pra lá e pra cá com seu tacho de roupa suja, acarretando mais

trabalho a cada passo que dava. Até que se encheu o cesto. Pronta pra descer pro tembé, onde se encontrava uma talisca de água razoável pra se esfregar bem um tanto de roupa lavada em terra. E o fio do capeta montado em seu cavalo ficava ali a cobiçar a cabocla soltando saliva da boca e faísca dos olhos.

– Rosa! Você ainda vai ser minha!

– Sai daqui, Satanás! – ela dizia sem temer o homem – criatura do cão. – Vai para o diabo que te carregue! Seu fio do malfeito! Some daqui! – Rosa terminou a frase dando uma pitomba forte na anca do cavalo que saiu disparado.

– Pode escrever, Rosa, você ainda vai ser minha, sua danada! Cabocla caprichosa! – não respeitava nem a presença dos filhos de Rosa, saía sorrindo o demo, próprio do coisa ruim que adora rir do desconforto alheio.

– Mãe... – a filha pequena que assistia a tudo, dizia – por que a gente ainda fica aqui, mãe? Vamos embora! Vamos sumir daqui, mãe, de perto desse homem!

– Homem? Isso aí é o coisa ruim, não percebe? O Senhor só cria coisa boa, coisa que num presta num foi

feito por obra de suas mãos! Eu lá sô mulher de correr do capeta? Ele que se dane nos quintos dos infernos!

Doneão era homem rico e poderoso, acostumado a dar ordens e ter todos em seu comando. Temido por todos, só quem mesmo o enfrentava era a cabocla Rosa. Essa não tinha nem um tico de medo dele, mesmo se ouvindo falar por toda a fazenda que o homem tinha tratado com o capeta. Diz que entregou sua vida desde moço ao cão sarnento e que por conta disso é que enriqueceu. Não diferente de todo tratado satânico, teria de entregar a alma pro coisa ruim quando morresse, a danar no inferno por todo o imorredouro.

Um dia, esse dia chega. E vem para todos, até para os que estão debaixo de tratado. Toda a fazenda chorou o morto Doneão, menos Rosa e seus filhos. Essa dava graças aos céus por ter daquele infeliz cobiçoso se livrado.

– Num vai lá chorar o morto, mãe?

– Pra quê? Tudo fingimento! Tá tudo ali com medo do morto voltar e lhes puxar a perna! Tenho medo não! Ele que queime no profundo com seu pai, o capeta!

A viúva de Doneão é quem chorava mais falso. Sabia que o marido não prestava e vivia atrás de mulher.

Era um cavalo selvagem a coicear a esposa, só tinha mesmo algum doce no falar pras suas inúmeras amantes. Era um buliçoso. A fazenda corria muito bem em suas mãos, porque para isso ele tinha tino. Também fazia algumas bondades por conta de querer com isso ganhar algum ponto com o Criador no fim da vida e ser livre do tratado com o capeta. Arriscava a sorte. E com isso, as crianças da fazenda tinham todo dia um leite fresquinho na porta de suas casas que seus funcionários entregavam, a não ser, claro, na casa da cabocla Rosa, a quem ele fazia questão de entregar presencialmente.

– Tá aqui o leitinho das crianças, Rosa.

– Muito agradecida. Que Deus lhe pague. Ou o capeta.

– Tu sabes Rosa, que tu ainda vai ser minha! – os olhos percorriam a cabocla de cima abaixo, sem nunca desmoronar de seus feitos.

– Num sei por conta de que ainda pego esse leite todo dia de suas mãos! Ah, se não fosse por meus fios!

– Tenho pressa não, Rosa. Espero até a eternidade, mas tu ainda vai ser minha! – a porta estardalha em sua cara.

Morreu o infeliz, pra satisfação de Rosa. Dizem as bocas por aí que foi de doença ruim. Ele chegou a tentar negociar com o capeta, porém, não teve jeito, o senhorio da sua alma já tinha decretado a sentença e ia levá-lo naquele instante mesmo, não teria tergiversação.

– Dê-me mais alguns anos, eu imploro!

O cão chegou a pestanejar. Quis até atender-lhe o pedido, mas não tinha como mudar tal tempo. Além de quê, não era bem ele o encarregado de dar data ao final da vivência de alguém. Ele só cumpria o mandato e acompanhava o sujeito até ali, o seu recinto, diga-se de passagem, bem incômodo.

O inferno era um lugar tão ruim, que incomodava até mesmo ele, o cão, que preferia ficar rondando a terra, atormentando o homem a ficar lá queimando por tempo infinito. Aquilo ardia assaz e não era pra brincadeira.

– Meu corpo será jogado no tembé. Serei velado de branco, enterrado num caixão branco. E avise a todos da fazenda que a partir desse dia, o dia de minha morte, ninguém mais pisa os pés ali embaixo. – Deu ele as suas últimas ordens.

O tembé era um desfiladeiro enorme, cheio de vegetação. Onde davam também alguns cocos. Embaixo, corria um pequeno riacho, onde Rosa costumava lavar suas roupas.

Assim como disse, foi. O caixão foi continuado por todos até à beira do tembé e ali foi jogado, escorregando lá para baixo. E ninguém mais pisou os pés ali durante muitos e muitos anos.

Cabocla Rosa ainda vivia ali, solitária a esperar pelo marido que nunca voltava. Lavava suas roupas noutra córrego. Não porque tivesse medo, mas, porque queria respeitar o último pedido de um morto.

Saiu um dia pra pegar uns cocos e chamou sua filha caçula para lhe acompanhar.

– Mas, a senhora vai entrar aí, mãe, no tembé?

– O que é que tem? É só aqui na beiradinha! Vou apanhar alguns cocos! Não existem cocos como esses daqui!

– Mas, mãe, o Doneão tá ali embaixo!

– Eu sei, e estou pouco me importando! – Rosa segura a orla da sai e desce o barranco, rumo aos

coqueiros, até que avista lá embaixo um homem parado junto ao riacho, vestido de branco, que tira o chapéu.

Rosa arregala os olhos e toma um choque.

– Rosa! É hoje que tu vai ser minha, cabocla!

Ela sobe o barranco como um gato de unhas bem afiadas na terra vermelha do tembé.

– Corre, menina! Corre!

– Mãe! O Doneão tá lá embaixo vestido de branco!

Tá acenando pra gente!

Sim, ele acenava com seu chapéu de palha e sorria. Um sorriso de deboche. Como quem dizia: “eu sou mesmo poderoso, até a morte me obedece!”

– Volta pros infernos, coisa ruim! Nem o diabo te quis!

– Vem pra cá, Rosa! Vem comigo! Vem ser minha cabocla!

A filha pega um dos cocos que a mãe havia lhe jogado aos pés e mete-lhe uma cocada na cabeça do avantesma, que desaparece.

– Isso aí, minha fia! Agora vejo que é bem mesmo minha cria!

– Sai pra lá, fio de demo! – a menina esbraveja e sai de mãos dadas com a mãe. – Olha bem pra mim, minha mãe, acha que tenho cara de ter medo de fantasma?

– Oi, Rosa! – o avejão aparece em sua frente.

– Ahhh! – as duas saem em disparada e só param de correr quando adentram pela porta de casa, e se abraçam terrificadas.

– Calma, fia, calma que o coisa ruim não pode chegar até aqui! De lá do tembé ele não passa!

Enfia o chapéu na cabeça e desce o tembé sorrindo. Doneão ficou feliz só pelo fato de ter avistado Rosa.

A BUSCA PELOS LIVROS DE ALEXANDRIA

Felipe Silva Sacramento – Bahia

Se você está lendo isso, significa que eu consegui salvar todos os livros do mundo, ou pelo menos esse texto em suas mãos. Mas antes de eu contar essa história meio louca, acho que eu devo me apresentar. Sou Adam Stuart, um garoto de 14 anos, tenho um corpo magricela (é assim que minha mãe me define, mas eu diria que tenho alguns poucos traços de músculos), de pele clara e cabelo grisalho. Eu costumava morar em Londres há alguns anos, porém, tive que me mudar para Dallas, no Estado do Texas, após alguns conflitos familiares internos. Não tenho muitos amigos, ser sociável, principalmente quando você é novo na região, é difícil. Então passo a maioria do meu tempo lendo aventuras doidas de heróis gregos, lugares mirabolantes destruídos pelo tempo etc.

Hoje é meu primeiro dia de aula, desde as últimas férias de verão, infelizmente terei que ir mais uma vez ao colégio *Highland Park*, eu deveria estar animado, afinal é o famoso *high school* americano, porém, não estou nem

um pouco. Desde que meu pai, o historiador Robert Stuart sumiu misteriosamente, após ir visitar o Museu Arqueológico de Atenas, na Grécia, as coisas ficaram bastante difíceis aqui em casa.

Mas vamos lá, não quero ser melancólico, hoje estou sentindo que terei um ótimo dia. Levantei-me da cama, me arrumei o mais rápido que pude, desci as escadas e me deparei com minha mãe, uma mulher alta de cabelos louros e pele parda (acho que não puxei a beleza dela), fazendo ovos para o café da manhã.

– Bom dia, mãe! Estou bem atrasado. – Falei tentando parecer animado.

– Olá filho, preparei o seu lanche, espero que tenha um ótimo dia.

– Não sei bem se... ah, esquece, vai ser ótimo – respondi saindo às pressas.

Saí de casa, e quando olhei para o relógio já era quase o horário da aula do Sr. Smith. Eu sei que odeio a história moderna e seus tópicos de política, mas hoje iríamos estudar sobre a Grécia Antiga e, definitivamente, não era tão ruim. Lembro de como meu pai amava me contar os grandes feitos de Sócrates, Alexandre, o Grande

e Platão. Então peguei a bicicleta azul antiga do papai, que a mamãe sempre deixava guardada na garagem, na esperança de vê-lo novamente, e pedalei o mais rápido possível. A escola não ficava tão longe, aproximadamente uns quinze quarteirões, mas era o suficiente para eu me atrasar consideravelmente, caso eu não saísse na hora certa.

No meio do caminho, senti um vento frio incomum, estava tão concentrado em pedalar o mais rápido possível que não percebi o quanto um céu negro e sombrio se aproximava lentamente em minha direção. Uma tempestade me alcançara, os pingos grossos de água começavam a cair. Nesse momento a preocupação era outra, eu sabia que não chegaria mais a tempo da aula de História, devo agora me concentrar em, pelo menos, chegar seco.

A rua estava completamente vazia, havia poucas casas na região, do meu lado direito e esquerdo ficavam campos de gramíneas sem fim, talvez com umas cabeças de gado no horizonte. O único abrigo era uma ponte de concreto que ligava uma rotatória no fim da rua. Pedalei até a ponte e fiquei embaixo dela sentado em um pedaço

de anilha, o qual deveria ter caído de alguma parte da estrutura decrépita.

De repente, ouvi um barulho, como se fosse um chiado daqueles rádios antiquados.

– Adam, Adam, preciso falar com você rápido – sussurrou uma voz familiar.

Naquele momento, levantei-me depressa e procurei ao redor, mas não percebi nada, talvez eu estivesse ficando louco, afinal, sempre que acho que o dia vai ser bom... Porém, novamente a voz chiou.

– Adam, aqui em cima – disse a voz, saindo da parede da ponte em forma de um rosto em três dimensões.

– PAI? É VOCÊ? – gritei com entusiasmo.

– Sim, meu filho! – respondeu Robert.

– Como assim você está falando por essa parede? E onde você está? Eu tenho tantas dúvidas, a mamãe... – falei com uma mistura de raiva, alegria etc.

– Conversaremos em breve, mas preciso que me escute com atenção. Os livros estão em perigo. No passado, a biblioteca de Alexandria era o epicentro da cultura macedônica e mundial, como já te contei em uma das histórias sobre a Grécia. Ela foi fundada no século III

a.C., idealizada pelo rei Ptolomeu I e reuniu muito conhecimento antigo, inclusive a maioria dos livros daquela época, representando um marco histórico-cultural da humanidade. Porém, no século I a.C. a biblioteca sofreu um grande incêndio por conta da invasão do império romano. – Explicou o historiador.

– Mas pai, eu não estou entendendo, o que eu tenho a ver com isso? – perguntei.

– Eu sei que isso pode ser pedir muito, meu filho. Mas preciso que você volte ao passado. Um vilão do tempo, chamado *Clock-Hand* (ponteiro de relógio, em português) está ameaçando o tempo presente. Uma boa parte dos livros antigos, naquela época, foram levados para o templo de Serápis, com a finalidade de salvar o legado alexandrino. Isso explica o porquê possuímos tantos livros antigos, bem como a arte de se fazer livros não se perdera no tempo. Entretanto, *Clock-Hand* está usando seus poderes para o mal e deseja impedir que os livros sejam levados para o templo. – Explicou meu pai com pressa.

– Entendi, mas como eu posso ajudar? E como assim eu vou voltar para o passado? Isso é loucura! – falei com receio.

– Eu entendo que pode parecer doidice. Mas na parede à sua frente irá surgir um portal, ele te levará para Alexandria. Infelizmente, não poderei mais te ajudar, estou em uma missão para salvar a Grécia helênica, esse é o motivo para eu ter desaparecido no passado. Lembre-se, eu amo você e sua mãe mais que tudo. Um dia iremos nos encontrar novamente. Quando concluir sua missão, no templo de Serápis, um portal te guiará para casa. E só mais uma coisa, você deve entender o coração dos desafortunados, só assim poderá guiar as pessoas pelo caminho correto. Adeus, meu amado filho.

Naquele momento, fiquei sem palavras, atônito. Na visão embaçada pelas lágrimas, via deslumbres de luzes azuis em formato circular surgindo pela parede de concreto úmido da ponte. Atirei-me nas luzes, tudo rodou e a visão escureceu. Eu fora para um outro lugar.

Acordei titubeando, minha visão girava. Eu não fazia ideia de quanto tempo estava ali. Tentei levantar-me o mais rápido que pude. Quando percebi onde estava... no

meio de um campo de batalha, um cavalo, com um homem ensanguentado em cima, vinha em minha direção. Pulei para o lado e comecei a correr na direção de uma estrutura caída. Lá, em um abrigo parcial, pude perceber que eu estava no centro de Alexandria, no ano quarenta e cinco a.C., quando a cidade fora invadida e a biblioteca ardia em chamas.

Rapidamente recuperei o foco e corri para o que parecia ser a entrada da biblioteca, ao contrário do que eu havia visto nas fotos arqueológicas, era uma estrutura monumental. Quando entrei, homens com túnicas de trapos, armados com suas tochas, tocavam fogo em todos os papiros antigos. Ao ver aquela cena meu peito doía, eu sabia muito bem o poder que uma escritura possuía, o poder de te levar para outros mundos e obter conhecimentos inimagináveis.

No centro da biblioteca tinha um grande *hall* de estátuas antigas, banhadas pela luz do sol que irradiava do teto aberto. Porém, descia cinzas do alto, talvez no passado pacífico o brilho daquelas estátuas marcara a visão de muitos que ali cruzaram. No centro, havia um homem corpulento, o qual usava uma túnica preta moderna

cercada de relógios antigos aparentemente dourados. Sua pele era escura e no lugar de um olho havia uma bola brilhante, cor safira, que lembrava um caleidoscópio. Aproximei-me dele, e quando percebeu minha presença, apesar de todo o caos ao redor, enunciou:

– Humm, que surpresa, um garoto do futuro... o que faz aqui, criança? – disse com uma voz cínica.

– Eu meio que caí de paraquedas aqui, sabe? Mas estou aqui para salvar os livros! E te deter. – Respondi firmemente (ou pelo menos foi o que eu achei).

– Você? Deter o grandioso *Clock-Hand*? Além disso, me questiono... por que você viajou no tempo apenas para salvar esses livros? Os livros são meros pedaços de papel que infernizaram minha vida no primário. Meu ódio por Platão, Aristóteles, Shakespeare e todos esses caras patéticos é tão grande que você não imagina. E hoje, finalmente eu vou garantir que não sobre nada dessa biblioteca ridícula. – Falou de modo ríspido.

– Ah então esse é o problema... Faz sentido. Era isso que o papai me prevenira. Talvez você só tenha sido um desafortunado. – Falei em um tom penoso.

– Você está de brincadeira com comigo, pirralho? O que que faz sentido? – perguntou *Clock-Hand*.

– O seu ódio é justificado. Eu até te entendo em certas partes. Às vezes o jeito que as coisas nos são apresentadas é o problema. Ninguém deveria nos forçar a fazer coisas que não queremos, ou subjugar-nos a uma função sem antes perguntar. Ler um livro é como viajar em um mundo novo, é alcançar os voos do verdadeiro conhecimento. Mas isso só acontece para buscamos com os nossos próprios méritos. Não sei se serei capaz de fazer você entender hoje, amanhã ou depois..., mas não posso abrir mão do que por muito tempo foi o meu melhor amigo (os livros). – Falei de todo o meu coração.

Naquele instante, *Clock-Hand* deu um passo para trás. Pude perceber por meio de suas expressões que ele sabia, no fundo, o que eu estava dizendo. Em nossa volta, a biblioteca ainda ardia em chamas. Os antigos estudiosos corriam desesperadamente para tentar salvar o que os historiadores diziam ser a maior obra coletiva intelectual do mundo antigo. Em um último suspiro de esperança, *Clock-Hand* relembrou uma memória bloqueada. Há muito tempo, quando ainda era um garoto inocente, amava

ler. Com o seu poder de ir a qualquer época, tinha o privilégio de conhecer todos os tipos variados de histórias. Até que seu pai o obrigara a parar. Desde então, sua vida esqueceu o sentido das palavras escritas. Então ele respondeu:

– Não tenho certeza se o que está me dizendo é verdade. No fundo, eu acho que pareço te entender. – Disse *Clock-Hand* com sorriso leve no rosto.

– Eu sei que nem tudo na vida é fácil, na verdade, hoje eu só queria chegar na escola em paz – falei sorrindo levemente. Mas um dia, um grande homem me disse: (na verdade, ele me disse há algumas horas, mas o *Clock* não precisava saber disso) “você deve entender o coração dos desafortunados, só assim poderá guiar as pessoas pelo caminho correto”. Naquele momento, eu não tinha entendido o que ele queria dizer. Mas agora eu sei. Não podemos destruir algo inteiramente sem antes entender a verdadeira essência das coisas. Agora, mais do que nunca, se aplica essa frase “não julgue o livro pela capa”. Eu tenho certeza de que se você tentar mais uma vez irá descobrir o verdadeiro propósito da leitura.

– Eu prometo que irei tentar, meu jovem. Hoje, eu não impedirei que eles sejam salvos – disse *Clock-Hand*, aparentemente com lágrimas em seus olhos. (Eu não sabia que um vilão do tempo poderia chorar... isso me deixou intrigado).

A partir daí, meu peito se agitou. Eu sentia uma satisfação tão grande, mas passou rápido (ou pelo menos eu teria que adiar esse sentimento). Minha missão ainda não havia chegado ao fim. Com o mesmo padrão de luzes azuis, *Clock-Hand* retirou-se rapidamente da biblioteca. Então, na sala em chamas, peguei uma cesta ao lado da estátua de mármore do grande Alexandre, o Grande, e coloquei o máximo de papiros que consegui e saí da biblioteca com um grupo de antigos estudiosos que choravam aos prantos ao ver todas as relíquias se perdendo no calor abrasador do fogo. Olhei para eles, e tentei, com meu pouco conhecimento de grego antigo, dizer:

– Precisamos ir para o templo de Serápis. Somente lá esses pergaminhos poderão ser salvos. – Pigarrei.

Saímos do campo de batalha. Após alguns dias de caminhada intensa e viagens marítimas, havíamos finalmente chegado do grande templo de Serápis, o deus

protetor dos alexandrinos, criado por Ptolomeu III. Cumprida minha missão, entrei no templo e entreguei as escrituras. Após esse momento, cansado, caminhei até ao altar do deus patrono e me deitei no mármore frio. Ouvi um sussurro...

– Muito bem, meu filho. Você cumpriu sua missão. Graças a você o mundo poderá provar das grandes teorias filosóficas dos gregos e os livros continuarão sendo uma incrível fonte de conhecimento. – Disse meu pai em tom orgulhoso.

Meus olhos foram fechando, as luzes azuis rodavam ao meu redor, eu sorri e adormeci. Quando acordei, estava em uma cadeira escolar na minha sala de aula. Levantei minha cabeça depressa, com a visão ainda embaçada, e apenas ouvi:

– Abram os livros no capítulo Grécia Antiga, na página 234. Hoje estudaremos a grande biblioteca de Alexandria. – Disse o Sr. Smith.

Foi tudo um sonho.

DE VOLTA PARA O PASSADO

Paulo Roberto de Oliveira Caruso – Rio de Janeiro

Ano 2170. 1h34min da matina daquele dia chuvoso de março. O Secretário de Educação de Nhanhaquara do Sul, Losartanus Zambrotti, agenda uma reunião virtual urgente para as duas da madrugada com os diretores das escolas municipais da cidade. Graças à tecnologia de ponta desenvolvida pela N.A.D.A. (Núcleo Alcântara de Desenvolvimento Aeroespacial) que permite a interrupção do sonho de um adormecido grupo de até 21 indivíduos (capacidade suficiente para atender àquela pequenina cidade) com o intuito de que, ainda durante o sono, eles possam interagir por até 45 minutos sem o advento de quaisquer danos neurológicos posteriores. Sim, você entendeu bem: o sonho é interrompido, mas o sono não, como se cada um sonhasse que se encontra em uma séria reunião. O efeito é esse, mas tudo é documentado em ata virtual, formalizado, de modo que, assim que se necessitar das informações anotadas, as mesmas poderão ser acessadas. Ademais, todos os membros, mesmo depois

de acordados, sempre estarão aptos a se lembrar ao menos de que participaram da aludida reunião.

Visto que Losartanus consegue perfeitamente monitorar cada cérebro dotado do *chip* da prefeitura e vê que quase todos os quinze diretores se encontram dormindo (a condição ideal para a sessão se iniciar e transcorrer) e tendo em vista a grave situação a ser enfrentada, ao chegar do horário estabelecido por ele, uma leve descarga de adrenalina virtual MK16 é injetada no cérebro de cada um dos diretores. Tendo em vista que apenas dois (Desloratadínio e Epocléricus) curtem a noite, mas são automaticamente notificados, não há problemas, pois o quórum mínimo necessário à tomada de decisões é de 75 por cento.

Uma vez reunidos os treze restantes junto com o Secretário Municipal, este dá início à reunião extraordinária:

– Prezados colegas, primeiramente peço-lhes perdão por lhes interromper o sonho ou mesmo o pesadelo de cada um. Entretanto, o motivo que me traz aqui é de vital urgência, visto que um vírus mortal está se espalhando pelo mundo inteiro.

– Um vírus como aquelas pragas que a gente estuda e que assolaram a humanidade, como a peste negra, a tuberculose, a gripe espanhola, a SARS, a COVID-19 e o grande vírus dos computadores de 2070, não é? – pergunta Maria Augusta dos Anjos, Diretora da Escola Municipal Machado de Assis.

– Não, querida. Desta vez trata-se de um vírus diferente, embora igualmente perigoso. Ele se chama COMPUTAVID-21 e ataca a inteligência artificial em geral. – Responde Losartanus.

– Eu me lembro de ter estudado isso. Os antigos computadores sofriam muito com esses tais vírus. Mas, sinceramente, senhor Secretário, nós não usamos computadores há décadas, desde que inventaram o precursor dos nossos *chips* cerebrais. O senhor acha que também devemos nos preocupar de fato? – intervém Sonrisaldo Baudelaire, Diretor da Escola Municipal Mululo da Veiga.

– O que ocorre é que o novo vírus causa pane até mesmo nos nossos *chips* implantados no cérebro. Na Ásia foram encontrados os primeiros casos, cuja ciência o governo de um certo país local tentou não deixar vazar

para o mundo. E de lá aos poucos a situação se alastrou para a Europa... – explica o Secretário.

– Mas nós estamos numa cidadezinha no meio do nada... – retruca Sonrisaldo, inconformado. – Será que realmente seremos atingidos?

– Meu caro, a gripe espanhola matou entre 17 milhões e 50 milhões de pessoas no início do século XX, ao passo que a COVID-19 chegou aos lugares mais longínquos há cento e cinquenta anos, inclusive a tribos indígenas da nossa pátria. Imagine hoje em dia, quando estamos realmente 100% conectados com o mundo o tempo inteiro, tecnologia que não havia nas épocas citadas! – explica o Secretário. – E mais: já há relatos de um grande número de mortes devido aos danos no *chip* cerebral.

– Sério, senhor? – surpreendeu-se Sonrisaldo, acompanhado pelos demais.

– Isso porque, quando duas pessoas se comunicam, um *chip* defeituoso (que normalmente nem dá sinais de qualquer defeito, mostrando-se assintomático) entra remotamente em contato com um sadio de outra pessoa, sabota-o e faz o indivíduo portador, quando não

sabe como viver sem a interação virtual, não raro desenvolver um quadro depressivo e perder a vontade de viver, cometendo suicídio. Em outros casos até mesmo tumores estão surgindo, já que, no caso de *chips* antigos, estes não aguentam a carga do vírus e explodem, causando coágulos. – Conclui o Secretário.

– Que horroooooor... – retruca o recém-chegado e alcoolizado Desloratadínio, enquanto o também recém-chegado e visivelmente utilizado Epocléricus dá um leve sorriso.

A reunião prossegue sempre com o olhar atento no relógio, devido ao prazo máximo de interação de 45 minutos, muito inferior ao das tecnologias mais avançadas do mundo. Ou seja, nada mudou mais de cem anos adiante no serviço público do Brasil, setor que permaneceu sem muitos investimentos.

Estabelecem-se, por conseguinte, algumas medidas, como: a desativação virtual dos *chips* de todos os trabalhadores da Educação municipal; a realização de um conselho de classe junto aos pais e demais responsáveis pelos estudantes no sentido da mesma atitude para com estes; e o mais surreal de tudo: a volta às aulas presenciais

depois de mais de um século de ensino meramente realizado à distância. Chega-se até mesmo a cogitar a volta do uso de telefones de mão fixos analógicos (como os do século XX) e de aparelhos de telefonia móvel sem conexão com a rede mundial virtual, mas obviamente não há mais linhas telefônicas à disposição. Nem mesmo subterrâneas. Até mesmo os antigos orelhões são lembrados e mantidos em pauta!

O clima do encontro vai se aquecendo cada vez mais, com boa parte do grupo se manifestando no sentido de ser cedo demais para se tomarem atitudes tão drásticas, visto que o vírus nem chegou a Nhanhaquara do Sul e pouco deu as caras no país. Nada muito diferente das ocasiões históricas de passados distantes...

Ao fim do dia seguinte, ante a morte de três profissionais da Educação do município, outra reunião é marcada de supetão do mesmo modo que a primeira, porém com o clima quente desde o princípio, com os mesmos indivíduos que tinham dito ser cedo demais para a tomada de providências dizendo agora, meras dezoito horas depois, ser tarde demais para qualquer atitude. Entretanto, a única providência cogitada é no sentido de se

desligarem todos os *chips* e também de todos os integrantes se apresentarem fisicamente ao gabinete do Secretário de Educação.

No dia seguinte, em clima levemente descontraído, a primeira observação:

– Viram como não é tão difícil virmos presencialmente? Todos os quinze chegaram, e o atraso para o início da nova reunião foi mínimo. – Diz o Secretário.

– Verdade, senhor. Mas é que perdemos colegas no município... – corrobora Epocléricus, Diretor da E. M. Cazusa.

– Fora a meia dúzia da Saúde de Nhanhaquara do Sul! – lembrou Desloratadínio.

– Estão vendo? A reunião presencial curou até a ressaca dele! – observa Maria Augusta dos Anjos para gargalhadas gerais.

– Mas a ideia é esta mesma, querida. Se, segundo nossas pesquisas, há cento e cinquenta anos o isolamento social, o *lockdown*, a máscara e o álcool 70 foram as armas contra a pandemia, agora é o extremo oposto: a união

presencial; o abraço; o beijo; o aconchego. – Esclarece Losartanus.

Ao ir pronunciando as palavras acima, o Secretário, que olha para o piso enquanto as diz, não consegue perceber a reação dos interlocutores ao ouvirem “abraço”, “beijo” e “aconchego”, já que na vida, independentemente da idade de cada um, só as puseram em prática com os entes familiares e ninguém mais! Ademais, na verdade há até mesmo quem jamais tenha tido tal tipo de contatos com alguém, visto que nem mesmo os pais e avós (puristas que eram) não lhes ensinaram... Cenas de beijos e abraços em filmes, séries e novelas? Somente até 2.056, por precaução das autoridades brasileiras! E mesmo assim a transmissão de tais películas se tornou crime inafiançável, imprescritível e insuscetível de graça em 2.112!

Conseqüentemente, ante as expressões de assombro dos membros da equipe, o já preparado Losartanus, como um dos derradeiros atos lançando mão do *chip* em seu cérebro antes da tomada de decisão por parte da cúpula nacional, resolve executar uma música leve e dançante de *fórróck* para encorajar os participantes.

Se por um lado os olhares de espanto se multiplicam, por outro os sorrisos são a introdução à boa receptividade ante o novo ato que se aproxima.

Respirando fundo, eis que Maria Augusta dos Anjos se ergue de sua confortável cadeira de polipropileno acolchoado e lentamente se dirige ao Secretário Losartanus, que a observa atentamente. Como se estivesse numa cena de novela da segunda metade do século retrasado, a estonteante e radiante balzaquiana morena mais parece desfilhar saracoteante pela sala de reuniões ante os olhares curiosos à sua volta. A seguir, a mulher estende a mão direita de dedos delicados e finos e é formalmente cumprimentada com um aperto pelo colega de feições orientais e estatura mediana.

O que ninguém percebe no recinto é que a moça já está um pouquinho etilizada. Não por ingestão oral de álcool, como fora o caso de seus dois colegas na reunião anterior, que caíram na gandaia. Dos Anjos, como é sempre chamada, utilizou um adesivo alcoólico na garganta meia hora antes de sair de casa para o trabalho, dose suficiente para diminuir um pouco os reflexos no

trânsito, mas não para causar lentidão na fala, tonteira ou algo que os valha.

Uma vez efetuado o cumprimento manual, a mulher promove uma carinhosa troca de olhares com o chefe municipal e inclina o rosto para o cumprimento com o já raro beijo nas bochechas. O espanto é generalizado, inclusive por parte de Losartanus, que somente estava preparado para a teoria, mas não para uma prática tão repentina!

Apesar do susto unilateral (visto que a dama já havia praticado um bocado em casa, ante o espelho do banheiro), o homem a imita, inclinando o corpo à frente, em cena acompanhada a cada segundo por todos. Logo, o primeiro beijo na bochecha é desferido quase sem toque, sendo que, no momento em que as bocas se movem no sentido de dar o beijo na segunda bochecha, eis que o ainda mais surpreendente ocorre: os lábios de ambos se tocam em reciprocidade, o que os alerta.

Dos Anjos apenas observara em casa diversas cenas de cumprimentos com beijos, mas na primeira cena de beijo de língua a mulher correu para desativar o *chip*, devido à proibição governamental. “Que nojo!” – pensou

ela. Entretanto, ao vivo e a cores, ante o galante Secretário municipal de Educação, a situação é diferente, visto que a moça o admira já há alguns anos, tendo inclusive lhe estudado o currículo publicado na grande rede. Outrossim, ela se lembra do quão triste ficara ao saber do falecimento da família dele em um acidente doméstico com uma churrasqueira *vintage*.

O mundo mais parece parar enquanto o casal se observa mutuamente a menos de dois palmos de distância. Tudo mais perde o sentido, mesmo diante da situação de calamidade pública em que o mundo inteiro se vê. E é justamente aí que Losartanus, sem qualquer temor por uma possível dor de cabeça posterior ante toda a precaução de seguidas gerações quanto a qualquer vírus, ergue a mão direita e acaricia as mechas negras da diretora, o que a faz cerrar os lindos olhos de jabuticaba madura e morder os lábios. Renasce das cinzas o beijo de telenovela.

A partir daí, há quem sorria, há quem suspire, há quem enxugue o pranto seu e mesmo o alheio. Os segundos que dura a cena são eternizados nos *chips* de todos os presentes, dos mais discretos aos mais enxeridos! E, obviamente, uma cena inolvidável desta para tempos

tão frios logo conquista o mundo inteiro! Sim, o planeta inteirinho assiste *in loco* à cena.

No dia seguinte o casal, ainda desacostumado do tato recíproco, mas já apaixonado, se reencontra e passa a caminhar de mãos dadas por ruas, o que chama a atenção de inúmeros transeuntes. Isso ao ponto de quatro emissoras locais e outras nacionais e mesmo estrangeiras se interessarem por entrevistá-los.

Se com os diretores escolares foi fácil demonstrar a utilidade do encontro presencial, diante das cenas apaixonadas, o mesmo se pode dizer de professores e alunos. “Como se usarão os quadros negros, gizes de cera, quadros brancos e canetas *pilot*?” Ninguém sequer imagina que eles existam! Porém, o que está realmente interessando à comunidade em geral é ter logo, para já, o contato mais próximo com os semelhantes! Para aqueles que jamais tiveram contato presencial com outros de sua faixa etária, mas sim raramente com médicos, a ansiedade é grande. Afinal de contas, ficou claro que o sucedido entre o casal de mestres é algo realmente contagiante. Quem sabe se tornará pandêmico...

PRISIONEIRO DO TEMPO

José Augusto Oliveira Hugunin – Rio de Janeiro

O tempo flui, menos para mim. Estou preso no presente de um passado distante, sem futuro aparente. Maldita sorte. Tropeçar na solução da equação de tudo, fazer a grande unificação, poderia ser o sonho de qualquer jovem cientista. Mas foi o meu fim.

Primeiro Newton unificou céu e terra com a sua gravitação. Maxwell juntou eletricidade e magnetismo na sua teoria eletromagnética. Daí a física desvendou as cortinas do universo. Einstein mostrou um espaço onde a luz faz curva ao se propagar, depois Hawking revelou resquícios de um improvável *big bang*. Um parafuso mal apertado no LHC deixou a comunidade científica em polvorosa com o anúncio da medida da velocidade de uma partícula superior à da luz. Einstein estaria errado? Viu-se que não. Depois detectaram as ondas gravitacionais. Mais alguns anos e construíram uma colônia na Lua porque acharam água lá e uma empresa americana queria fazer uma linha de voos comerciais regulares para aquele destino. Os computadores quânticos, que engatinhavam

com poucos bits quânticos nos anos de 2020 aceleraram assustadoramente as simulações, cálculos e muita tecnologia pode ser desenvolvida. Isso permitiu que, passados 50 anos da primeira colônia lunar, fosse possível fazer uma colônia em Marte, pois lá também tinha água. Apesar da empreitada marciana ter melhorado a tecnologia dos ônibus espaciais para Lua, tornando a passagem mais barata e acessível, o que de fato impactou foi produção de vinhos em Marte, fabricados com uvas cultivadas nas cavernas marcianas. Mesmo com um teor alcóolico típico para ser classificado como vinho, a bebida de Marte era mais inebriante que o vinho produzido na terrinha. Diziam que era por conta dos sais. Além disso, o envelhecimento adequado era garantido na viagem de Marte para a Terra.

Depois vieram dois séculos de pasmaceira científica. Está certo, mandaram sondas para Próxima Centaury, mas não receberam o sinal de volta. Pelo menos enquanto eu estava lá. A humanidade perseguia a unificação das quatro forças fundamentais. Não foi rápido, mesmo depois da detecção das ondas gravitacionais, como muitos apostavam. Uma coisa que não pareceria ter a ver com essa questão era o monopolo magnético. A

despeito de toda simetria da teoria eletromagnética de Maxwell, das previsões da mecânica quântica feita por Dirac, essas teorias que já nasceram prontas para descrever esta espécie de “carga magnética”, a exemplo das cargas elétricas (que são os monopolos elétricos), o monopolo magnético teimava em se esconder na natureza. Gastou-se bilhões em todas as moedas do mundo tentando encontrar essa estrutura. Tentaram em rochas trazidas das primeiras expedições lunares por volta de 1969, o LHC fez inúmeras experiências sem resultado positivo. Houve quem jogou a toalha. Não existiam e ponto. Houve quem não aceitou que equações tão belas e simétricas poderiam não descrever nada. Haveriam de existir. E como não encontravam na natureza, resolveram criar artificialmente. Por volta dos idos de 2014 mediram, enfim, o monopolo criado sinteticamente em laboratório com um gás atômico ultrafrio, sob condições muito controladas e específicas, impossíveis de se achar na natureza. Por isso os avanços não aceleraram com esse feito. Era muito difícil e caro recriá-los. E isso se arrastava pelos anos, mesmo com os avanços em outras áreas.

Havia também, é claro, quem não jogava a toalha. Se Deus não jogava dados, não haveria de fazer o mundo com essa “falha” de simetria. O monopolo magnético deveria existir na natureza. Passaram mais de 50 anos até que um dia, Rusdorf, um dos mais teimosos cientistas pró-monopolo natural, físico russo que tomava vinho marciano todos os dias, que pesquisava nas profundezas da Sibéria, mudou a forma de observação e conseguiu medir o momento de monopolo magnético em sais extraídos do vinho marciano combinados com água ultra pressurizada. E o melhor, a forma como o russo e sua equipe construíram o experimento exigiu uma descrição diferente do campo eletromagnético, o que levou a uma equação belíssima, que era obedecida por todas as forças fundamentais: a unificação chagara pelo vinho! Era possível mostrar que as forças, todas, obedeciam à equação de Rusdorf, mas não havia solução conhecida. Já existia uma corrente considerável que dizia, talvez por despeito, que ela estava errada, pois não tinha solução. Lembrei de meu sobrinho que estava na escola aprendendo o Teorema de Fermat. Achei em seu livro a história emocionante da demonstração de tal teorema. Muita matemática foi

inventada para que ele fosse demonstrado. O pessoal da teoria de cordas tentava desesperadamente aplicar suas soluções aos, enfim, problemas reais que se apresentavam. Mas elas, as cordas, não revelaram o segredo.

Aí eu entro na história. Maldita sorte. Em outra comemoração pelo monopólio de Rusdorf com colegas do doutorado, tomamos muito vinho marciano. Eu que estava preocupado pois ainda não tinha um trabalho definido para minha tese, fiquei muito alterado. Vi o mundo girar e vislumbrei um detalhe que ninguém havia percebido, como se a dimensão que abrigava o monopólio se abrisse para mim. Seria o mesmo que Einstein pudesse vislumbrar a curvatura do espaço antes de propor a relatividade geral. Escrevi em um pedaço de papel o que via. No dia seguinte, comecei a trabalhar intensamente nestas pistas, guiado por esse *insight*. Fiquei absorto pelo problema, passei dias e mais dias enfurnado na minha salinha de doutorando, mal saindo para comer. Depois deste grande esforço, consegui chegar a uma solução-chute. Testei. Na mosca. Mostrei ao meu orientador e ele não acreditou. Disse para eu publicar sozinho. Ele não queria se envolver com isso, não era o que pensava para minha tese. Talvez pensasse que estava

errada a solução, como outras que apareciam. Ele mesmo sofrera um revés ao tentar uma solução, que logo viram ser falha. Publiquei, então, o trabalho que chamou a atenção de vários outros pesquisadores. Defendi a tese rapidamente e fui convidado a formar uma equipe para continuarmos estudando a respeito. Desenvolvemos, então, uma variação no cálculo diferencial inventado por Newton, e usando engenharia reversa cheguei à construção de conjunto de soluções ainda mais gerais para a equação de tudo.

O pessoal das cordas ficou furioso no começo, mas, baseados em nossos resultados e no poder da computação quântica eles encontraram uma fórmula que permitia viagens no tempo, sempre para o passado, pois o multiverso de Everret precisava ter evoluído. Enfim, a teoria de cordas achava uma aplicação. Quinze anos depois havia um aparato construído. A máquina do tempo, desde muito concebida na imaginação da humanidade, seja na literatura, no cinema, nas artes em geral. Talvez a humanidade seja regida pelas artes. Quem sabe? Após as primeiras viagens bem-sucedidas fui convidado a fazer a também a ser escafandrista do tempo. Eu e o colega da

teoria de cordas que desenvolveu a fórmula, Philips Dimer. Era uma espécie de homenagem, que aceitamos com um certo receio. Íamos pelo espaço do monopolo (eu que o batizei assim) e parávamos em tempos do passado para ver o que a história contava. Escolhia-se uma época e uma localização e íamos. Havia um problema que era a falta de precisão da determinação do destino espaço-tempo. Não conseguíamos definir exatamente onde e quando parávamos, sempre se caía em um intervalo de tempo entre 3 e 4 anos e uma região do tamanho de um país médio. Ficávamos alguns dias pesquisando, conhecendo e voltávamos. A julgar pelas colônias de férias lunares, por certo que em breve haveria uma linha especial de viagem no tempo turística. Para ficar lá uns dias, pesquisávamos as vestimentas e hábitos da época e, inspirados em uma série televisiva dos anos 2000 sobre viajantes no tempo, levávamos resultados esportivos para fazer pequenas apostas e termos dinheiro minimamente suficiente para nos manter ali por uns dias. Nunca se ia para tempos muito remotos. Não era difícil aprender o básico das linguagens rudimentares a partir das máquinas de tradução dos *tablets* quânticos.

Foi numa destas paradas que encontrei Ariela. Caímos no ano de 2004 onde era a cidade do Rio de Janeiro, de um país que se chamava Brasil naquele tempo. Paramos perto de uma pedra que parecia um elefante, onde tinha uma praça na frente de um prédio amarelo. Ela saiu desse prédio e foi se como o Sol caminhasse pelas ruas. Fui tomado por um sentimento indescritível, precisava conhecer aquela mulher, falar com ela. Dimer me lembrou que não poderíamos ficar por mais tempo, do contrário a rota para o presente no futuro se perderia. Eu sabia disso. Mas na hora de ir, quis ficar. Ele insistiu que me perderiam, que seria muito difícil achar esse tempo de novo para me resgatar, eu bem sabia que eles não tinham conseguido resolver ainda o problema da precisão do espaço-tempo no passado, que eu poderia me perder para sempre, pois, como eu sabia, perdíamos a referência da época quando voltávamos. Fiquei. Precisava conhecê-la. Precisava conquistá-la.

No dia seguinte, logo depois da partida dos companheiros fiquei na praça esperando por ela. Esperei por cerca de duas horas e ela desceu de um ônibus terrestre, linda. Puxei assunto, dizendo que buscava um

apartamento no prédio para alugar. Ela sorriu, faceira, espantou-se com coincidência, ela era corretora de imóveis. Não lembrava de apartamentos vazios ali, mas iria falar com o síndico. Me deu seu cartão, piscou o olho e entrou. Fui para um hotel ali perto e me hospedei. Ao lado do hotel, de frente para a praça, tinha um restaurante onde fui comer alguma coisa enquanto a esperava. Experimentei um prato típico gorduroso e saboroso daquele tempo: eles chamavam de feijoada. Já não tínhamos comida de origem animal. Fiquei ali fazendo hora. Em uma banca de jornal em frente a praça comprei algumas coisas como um livro de poemas, um bloco de anotações e uma caneta, além do jornal. Ao fim do dia voltei ao hotel, vi um pouco do que chamavam de televisão e logo adormeci. Quando despertei, já estava na praça, de pé, sem saber como cheguei ali, na mesma hora do dia anterior. Reparei que o relógio digital da praça marcava o mesmo dia da semana do dia anterior. Quinta-feira. Ariela chegou exatamente depois de duas horas, eu falei a mesma coisa de antes, ela sorria, me dava cartão e entrava. Eu ia comer, comprar as coisas na banca, voltava ao hotel, TV e depois dormir. E tudo se passava da mesma forma no dia

seguinte. Fiquei preso nessa janela do tempo quando nossa máquina se foi. Disso Dimer não falou. Talvez não soubesse. Nessas duas horas que eu ficava à espera de Ariela e depois que ela entrava, eu podia fazer coisas ligeiramente diferentes, como comprar coisas diferentes na banca da praça. Outros livros, ler diferentes revistas, jornais, que eram sempre da mesma data. Podia pedir coisas diferentes no restaurante onde comia, repetir a mesma conversa agradável com o garçom de quem me afeiçoei, mas não conseguia sair de perto da praça, apenas na determinada hora voltava para o hotel. Escolhia canais diferentes, mas os programas se repetiam. Sempre que eu volto para o marco temporal zero dessa prisão na janela-temporal, fico com a mesma quantidade de dinheiro anterior, sem as coisas que comprei. Era no tempo antes e depois de ver Ariela que eu poderia tentar alguma coisa. Seja lá o que for. Dizer que vim do futuro, falar de ciência e tecnologias não inventadas poderia mudar a linha do tempo. Dimer falou o tempo todo na viagem da importância de não intervenção histórica. Não sei quanto tempo passou no presente real. Espero que lá no futuro

Philips e sua equipe tenham encontrado um jeito de corrigir a precisão do espaço-tempo para idas ao passado.

Agora estou aqui, na mesa do restaurante, escrevendo para uma revista literária que comprei na banca enquanto espero por Ariela, para nosso eterno encontro que dura dois minutos... Escrevo para que no futuro achem meus textos, percebam que sou eu aqui, neste mundo, neste tempo, neste momento, preso, para sempre... ou até acharem minha escrita.

MENDIGO TEM CELULAR?

Carolina Sales Barreto – Bahia

Saí de Monte Gordo, na Bahia, para capital de São Paulo para achar emprego na minha área de formação: técnico em T.I. Não sou um homem agoniado e nem irresponsável.

Com a promessa da implementação do 5G no Brasil para 2022 a tendência é da necessidade de mais profissionais para implementar mudanças e configurar novos produtos, e óbvio, São Paulo seria a primeira cidade a receber essa novidade e eu não perderia essa oportunidade.

Minha mudança para grande São Paulo foi muito bem planejada: os trocados de anos trabalhando consertando computadores e outros aparelhos eletrônicos, as economias de Dona Marinalva, minha mãe e de minha irmã Iolanda, as duas artesãs e vendedoras de arte na praia de Guarajuba, que fica pertinho de Monte Gordo. E até meu padraсто “Nem” deu uma pequena contribuição, intimado por mainha.

Eu até já tinha hospedagem certa na casa de um conhecido do tio do “Nem”, porém como é de tradição no círculo dos “Nems”, ele nem trabalhava, nem estudava, vivia às custas da mulher, bebia cachaça feito água e fumava droga feito caipora, quando tudo se misturava batia na mulher e nos filhos; só descobri isso quando já estava lá e claro que em briga de marido e mulher se mete a colher. Fiz isso e levei um pé. Cláudio, o menino-prodígio de Monte Gordo, virou morador de rua em São Paulo.

No primeiro dia chorei como bezerro desmamado no meio da calçada, as pessoas até me olhavam, mas ninguém parecia reparar em mim e as que reparavam, se contentavam com a curiosidade de ver um homem abraçado numa mochila, chorando na calçada e nada fazer. Andei, andei muito, e olha que em Monte Gordo eu andava demais porque não tinha ônibus..., mas acho que a impressão de andar demais é a angústia de estar indo para lugar nenhum. Eu não sabia para onde estava indo, só continuei caminhando...

Em meio aos tons de cinza de São Paulo, dos prédios e do céu, vi uma igreja. Era uma das poucas

estruturas daquela cidade que só de bater o olho eu já sabia o que era. Achei que poderia ser um sinal. Naquele lugar onde a placa dizia “Praça da Sé” estava a Catedral Metropolitana de São Paulo, que apesar de ser bonito não pude deixar de notar a quantidade de mendigos no lugar. Se Deus está lá dentro, por que seus filhos ficam aqui fora?

Entrei, orei, pedi a Deus um milagre, tirei fotos e percebi que alguma conexão *Wi-Fi* estava disponível ali, pois meu celular começou a disparar várias mensagens de minha irmã querendo notícias minhas nos dias em que estive *offline* em minha caminhada sem rumo. Respondi que estava ocupado e que hoje estava passeando pela cidade, estava arrumadinho, botei minha sacola em um canto e fiz pose de turista para as *selfies*. Enviei fotos na igreja e disse que estava bem; e como eu já estava mentindo mesmo, falei que arrumei um emprego e estava dividindo um *kitnet* com dois colegas de trabalho.

Será que Deus castiga quem mente dentro da igreja usando *Wi-Fi* dos outros? Espero que Ele entenda que estou apenas adiantando alguns fatos que logo vão se concretizar, apenas para não desesperar minha família.

Saio da igreja e com a brisa fria de São Paulo vem o choque de realidade: “e agora?” Olhei para os mendigos acampados e pensei: “melhor acompanhado do que só”. Se for para ficar na rua que seja ao menos perto de um grupo de pessoas, assim ficarei mais seguro. Estava completamente constrangido, não sabia como me aproximar daquelas pessoas e pedir ajuda. Será que sou mais miserável do que eles por precisar pedir ajuda a pessoas que moram na rua?

Fiquei um tempo sentado na escadaria da catedral olhando as pessoas passarem e tentando conter o impulso de não mexer no celular para não acabar a bateria, mas acabei cedendo ao desejo de fugir daquela realidade constrangedora e de tentar tapear a fome. Até que um casal de turistas – asiáticos pelo que aparentavam – me cumprimentaram e pediram para eu tirar uma foto deles. Depois das fotografias tiradas a moça perguntou o meu nome.

– Me chamo Cláudio. – Era a primeira vez em dias vagando por aquela cidade que alguém perguntava meu nome.

– Você mora por aqui, Cláudio? – dessa vez perguntou o rapaz.

– Não, na verdade, estou vivendo nas ruas momentaneamente. Estou passando por uma situação bem complicada e...

– E mendigo tem celular?! – interrompeu o rapaz risonho.

Fiquei sem jeito e abaixei a cabeça. A mulher meio horrorizada, meio constrangida puxou o marido pelo braço como se eu estivesse infectado com algo mortal. – Boa sorte, querido! Já vamos indo!

Mordi os lábios tentando não chorar, um bolo se formou na minha garganta como se eu estivesse sufocado pelo pranto que não deixei sair. Aquilo me doeu de tal forma que até meu peito apertou, eu queria chorar aos berros como uma criança, eu me sentia mesmo pequeno e frágil como um menino e acho que isso atraiu o Caique até mim.

Senti uma mãozinha puxando minha calça e quando olhei para baixo o menininho que aparentava ter uns cinco anos perguntou:

– Tio, tem internet no seu celular? – Antes que eu pudesse responder chegou a mãe do menino envergonhada pedindo desculpas e o pegando no colo.

– Não tem problema, moça! – tentei tranquilizar a mãe mudando de assunto. – A senhora mora por aqui?

– Moro ali! – disse apontando para uma cabana azul de plástico montada na praça.

– A senhora sabe como posso arrumar uma dessas? Também estou sem teto e estou procurando um lugar para me ajeitar.

– Ah! entendi, seu celular tem internet?

– Não, mas na igreja tem algum *Wi-Fi* liberado.

– Na igreja não posso entrar, os turistas não gostam de morador de rua entrando.

– A senhora quer entrar? Eu lhe acompanho com o menino e não deixo mexerem com vocês!

E assim fizemos. A moça em questão se chama Amanda e seu filho Caique. E para minha surpresa: tinha celular! Ela mandou um áudio em algum grupo no *WhatsApp* perguntando sobre barraca para doação e quase imediatamente alguém do outro lado enviou outro áudio

dizendo que no final da Praça da Sé um rapaz tinha uma barraca de plástico sobrando.

A solidariedade dos pobres com certeza é a sua maior riqueza, em menos de meia hora eu já tinha minha barraca montada ao lado da Amanda e do João, um ex-ambulante vendedor de fitas de DVDs que com o desuso do aparelho perdeu o pouco que tinha e foi para as ruas, mas que para minha surpresa: também tinha celular!

Com a chegada da noite percebi o gosto azedo do preconceito na boca. Eu não estava risonho como o turista, mas de fato impressionado e tive que perguntar:

– Por que moradores de rua têm celular? Não seria melhor vender e comprar algo? Comida, talvez?

Amanda sorriu. – Por que você tem celular Cláudio?

– Bom, o meu eu já tinha lá em Monte Gordo, preciso dele para fazer contato com minha família. Mesmo com fome e precisando de muitas coisas, eu preciso do celular!

– A sua história é a de centenas de pessoas aqui nessa praça. Te digo mais, o celular é uma coisa necessária! Basta um aparelho baratinho e um trocado para

conseguir fazer ligações ilimitadas para qualquer operadora do país e contato no *WhatsApp*. Muitas vezes até dividimos entre nós a recarga do crédito.

Eu estava chocado. – Como você sabe de tudo isso?

– Você acha que morador de rua é burro. Você mora na rua, você é burro?

Engoli seco. E ela continuou:

– Trabalhei como operadora de *telemarketing* por muitos anos, já cheguei até ao cargo de supervisora. Nunca fui rica, mas tinha uma vida boa, conseguia pagar minhas contas e manter meu filho, mas o meu setor de planos para telefones fixos foi extinto e aí vieram as demissões em massa, – ela soltou um suspiro longo e triste – infelizmente acabei indo junto, me atolei em dívidas até não sobrar mais nada e ser expulsa do quartinho onde morava com meu filho.

Depois de um silêncio constrangedor João resolveu falar na tentativa de melhorar o clima.

– O celular, especialmente o *smartphone* é muitas vezes a nossa forma de buscar sobrevivência. Faço serviços como pedreiro para o seu José e sou um “faz

tudo” do Seu Mascarenhas, dono de um mercadinho aqui perto. Eles mandam mensagens no *WhatsApp* e eu vou. Tem grupos de emprego, serviços e doações. Na maioria das vezes falamos por áudio porque muitos não sabem ler e escrever.

Amanda completou: – Até quando o Rapa chega aqui agredindo a gente e tirando nossas coisas podemos filmar e postar na internet, ou pedir ajuda para alguma ONG para denunciar e se “viralizar” melhor ainda porque recebemos doações e às vezes até abrigo temporário. Nem todos aqui têm celular, nossa conexão ainda é 3G ou 4G, mas o importante é ter conexão, assim vamos ajudando uns aos outros aqui.

Naquela noite refleti sobre tudo que havia aprendido com aquelas pessoas, coisas que no curso de T.I. eles não nos ensinam, ficamos muito na parte técnica da tecnologia e esquecemos os porquês e para quem elas são feitas: para as pessoas e suas necessidades. Me pergunto daqui a quanto tempo os benefícios da tecnologia 5G chegarão a essas pessoas... Os moradores de rua também possuem suas necessidades, e apesar das limitações, estão se incluindo no meio digital mesmo que

não sejam de fato bem-vindos, como não são em lugar nenhum. Não é à toa que a Prefeitura chama a retirada dessas pessoas da praça de “manutenção de limpeza”.

Com o passar dos dias passei a observar mais o uso dos *smartphones* por meus colegas da Praça da Sé, as crianças como Caique que buscavam celulares emprestados para assistir desenhos ou baixar jogos e quando só havia um celular disponível, os pequenos se aninhavam em torno do aparelho com os olhinhos vidrados na pequena tela.

Para os jovens e adultos o celular também era uma distração da miséria, da fome, do frio e do tédio, quando as crianças choravam demais por fome, dor ou que quer que fosse, o aparelho com internet era o que amenizava um pouco a angústia.

Também havia muitas pessoas como eu e João que buscavam serviços nos grupos de mensagens, pessoas que faziam malabarismos nas chamadas de vídeo com os parentes usando lonas de plástico como fundo para esconder que estavam em situação de rua – artimanha que com a ajuda de João e Amanda utilizei diversas vezes para fazer chamada de vídeo.

Já levei muitos “enquadrados” dos agentes municipais por ter um celular, até eu explicar que não é roubado e eles verificarem o código IMEI – uma espécie de RG de cada aparelho – já levei alguns tapas e empurrões, especialmente do agente França que adora fingir que não me conhece a cada operação e me tratar como um bandido. Mas às vezes Deus coloca seus filhos escondidos no meio dos satanases para que o estrago não seja maior na vida de seus outros filhos miseráveis. O agente Serafim, que se chama Gabriel, sempre faz questão de lembrar dos moradores fixos da Sé e não deixa que tirem nossos pertences e nem nos machuquem.

Tenho passado por tantos perrengues que às vezes até sinto falta da minúscula Monte Gordo, que para meus sonhos e objetivos não tinha nada de gordo, na verdade, a cidade havia muito pouco a me oferecer além do sossego. Mas a esperança de conseguir algo melhor ainda me faz querer ficar em São Paulo.

E apesar de todos os meus esforços para esconder minha condição de minha família, o diabo é sujo e sua língua é comprida. Uma vez o tal do conhecido do “Nem” me viu na Praça da Sé e tratou de contar a meu padrasto

que repassou para minha mãe que me fez uma chamada de vídeo de repente pelo celular de minha irmã. Por sorte estava fazendo um serviço no mercadinho do Seu Mascarenhas e tinha *internet* e bateria na hora.

Na tela os olhinhos miúdos da minha mãe, cheios de lágrimas. Ao redor minha irmã Iolanda e seus gêmeos Paulo, assustado por ver a vó chorando e Pablo, chupando dedo de nervoso, tentavam caber na telinha para me ver e ouvir a conversa que eu teria com minha mãe.

Ela não estava furiosa, estava triste, preocupada porque falaram que o filho dela havia virado mendigo em São Paulo, que morava em uma barraca de plástico, que vivia de bicos e mal tinha como se sustentar.

Depois de todo choro e dos milhares de pedidos para eu voltar para casa, apenas respirei fundo e soltei a melhor gargalhada que consegui dar e soltei a falácia, fazendo por fim, minha mãe sorrir e se acalmar:

– E mendigo tem celular?

SILENCIAMENTO MECANTRÔPICO

Francisco Robledo de Lira – Rio Grande do Sul

Um homem fora sentenciado ao banimento digital.
Todas as suas informações seriam apagadas e ele deixaria de existir.

Ele estava no ato da sentença - transmitida por toda *quantum-net* a bilhões de espectadores pelo espaço.

O crime: ficar sem fazer nada.

Quem viu diz que foi assim...

Rodando a mão direita, com desdém ao falar, o Deletor, aquele que é o júri e juiz nas redes universais falou ao homem condenado:

– Antes de apertarmos o "delete", o sentenciado tem alguma coisa a pedir ou a dizer?

O homem levantou sua cabeça balançando-a lenta e afirmativamente.

– Então, fale! – ordenou o Deletor.

– Gostaria de ler algo que escrevi a punho – falou firmemente o Condenado.

– “A punho...”, *Humpf!* Pois bem, o faça.

O homem levantou-se. Estufou o peito e começou a falar de forma calma e tranquila:

– A todos que me ouvem digo: “fui um bom filho, irmão e amigo querido. Até aqui não fiz nada diferente de muitos. Até aqui, pois lhes digo: minha mãe, irmãos e amigos não me fazem falta alguma. Quando um entendimento sobre a verdadeira face da vida é revelado e a experiência direta da realidade se consolida, nos tornamos o que realmente somos: nada!

Este vazio, agora, é preenchido pelo que realmente importa – compaixão e amorosidade.

Nossas guerras sem sentido, torpes e complexas, nossas comidas *gourmet*, *lights* e *flavor free*, seus espaços urbanos excludentes, suas políticas de esquerda, centro e direita (somente animais piores do que animais escolheriam lados, cores e religião como verdades), a moda, o estilo, a facilidade, não tem sentido algum diante da vida.

Um dos nossos maiores presentes, o sexo em forma de prazer, troca e carinho, fora marginalizado, ou pior, estereotipado em detrimento do vender. Onde diabos esqueceram de fazer isso com atenção, e não de forma

performática como um pornô de quinta categoria ou cães de beira de estrada?

Tomem um *drink*, comam uma comida bem-feita, experimentem uma fruta por seu sabor, e não por ser saudável, andem na floresta, tomem banho de cachoeira sempre que puderem.

Sejam livres, não para escolher, mas para serem o que são: Humanos!

Honrem a vocês mesmos, e assim repassem o que praticam.

Tenham hombridade.

Esqueçam a família perfeita.

Esqueçam os seguidores digitais.

Vocês são o mais importante!

Só é livre quem se percebeu preso.

Só dá amor quem sente amor por si.

Só...”

O botão “delete” fora apertado antes do término de suas palavras. Ele já não existe mais.

Olhando por cima dos óculos, o Deletor tem um meio sorriso no rosto enquanto diz:

– Pessoa mais chata. Vamos ao próximo caso:
morre a última baleia jubarte. E daí?

LUTHER E KING

Anderson Mariano de Santana Santos – Bahia

16 de outubro de 1968 (quarta-feira) – Cidade do México

O México havia gostado da ideia de sediar grandes eventos mundiais. A dobradinha Olimpíadas e Copa do Mundo tinha dado uma injeção de ânimo nos cidadãos mexicanos e aumentado a popularidade de Gustavo Díaz Ordaz, apesar da greve dos médicos e do massacre de Tlatelolco ter arranhado bastante a imagem do chefe do país. Porém, bastou o desfile de atletas como Eulalia Rolinska, David Hemery, Colette Besson e do mexicano Ricardo Delgado para todo o ar de tensão entre povo e política cessarem. E em meio a tantos nomes famosos e conhecidos, aquela olimpíada entraria para a história por conta de dois negros que só queriam tocar o céu.

– Momento histórico para o povo mexicano – poucas casas naquela época tinham televisão, as janelas coloridas das residências mais abastadas ficavam lotadas de pessoas querendo um espacinho para ver o que seus bolsos vazios, suas barrigas vazias não podiam acessar.
– Uma das modalidades mais disputadas desses jogos

olímpicos de verão. – De verdade, o narrador nem sabia o poder daquela cena, ele só estava, como bom narrador, transmitindo uma emoção falsa para seus telespectadores. – Tommie Smith com a medalha de ouro, Peter Norman com a medalha de prata e John Carlos com a medalha de bronze, que dia maravilhoso!! Vamos ouvir o hino nacional. – Nesse momento, Tommie e John ergueram seus punhos para o céu, Tommie a mão direita, remetendo ao tradicional gesto dos Panteras Negras e John a mão esquerda, pois havia esquecido suas luvas e, por sugestão de Norman, pegou emprestado uma das luvas do medalhista de ouro. Isso é que dá, comer muito queijo antes de um dia histórico.

17 de outubro de 1968 (quinta-feira) – Tennessee

Apesar de ser um dia de semana, a frente do hotel *The Joseph*, em Nashville, era palco para o desfile de carros que só se viam nos filmes hollywoodianos. Uma série de homens caucasianos de meia idade saía abotoando seus ternos e agradecendo mudamente aos recepcionistas. Todos já sabiam aonde tinham que ir e nenhuma revista ou pedido de documento eram feitos. A sala 7 do 5º andar do hotel já estava cheia. Pessoas, comidas, charutos, papéis e

planos, planos daqueles que não podiam sair dali de jeito algum.

– Kennedy, Luther King, não dá mais pra matar ninguém sem que a imprensa... – quatro batidas rápidas, seguidas de duas lentas e outras duas rápidas fizeram com que os homens dali colocassem a mão na cintura, encostando no cano gelado de suas armas. Um homem alto, com um terno apertado abriu a porta e ali estava Brandy, um velho andando lentamente e acendendo o cigarro com dificuldade. Poucos sabiam seus verdadeiros nomes, eram chamados por alcunhas de bebidas caras demais para que alguém se esquecesse. Brandy foi o último a chegar, sendo precedido de Whisky, Tequila e, quem estava com a palavra, Absinto.

– Finalmente, agora podemos começar a reunião.

– Vocês ainda não começaram? – ele ainda tentava acender o cigarro. – Então eu me atrasei de propósito pra nada. – Todos os velhos soltaram uma gargalhada e alguns emendaram com uma tosse pigarrenta.

– Não começou oficialmente, mas já tem uma pauta. – Eles se sentaram e usaram uma enorme mesa para espalhar os papéis. – Tommie Smith e John Carlos, todo

mundo só fala neles dois, algumas manchetes de jornais dizem que eles são o Luther e o King, que serão a nova voz de liderança do movimento dos negros.

– Movimento dos negros? Eles chamam aqueles bandos de macacos juntos de movimentos? – mais risadas e mais tosses, era uma constância daquele pequeno quarto e de sua pouca iluminação natural vinda da fresta de uma janela precisando de maiores consertos.

– Sim, movimentos, teve aquele moleque lá de Nebraska, também o Luther King, já tem uma equipe monitorando o Fred Hampton, nós temos um bom informante lá dentro. – O Tequila coçava o nariz a cada vírgula. – Ver mais dois negros surgindo como heróis não está nos planos, eles parecem baratas, a gente elimina e vem mais outras, esses negros saem de que esgoto?

– Ainda assim, você já viu o que a mídia tem feito? Tem muito comunista na mídia, eles querem o nosso país cheio desses pretos, minha foto está num desses jornais de forma leviana, me acusam sem provas, tive que mandar minha família pra Inglaterra, matar medalhistas olímpicos pode ser a gota d'água.

– Gota d'água? Gota d'água? A gota d'água já foi, o copo está transbordando e você nem está vendo as suas calças molhadas. – Brandy se levantou, o cigarro já aceso jorrava pequenas fumaças expandidas pela fresta solar do ambiente. – Eu vi negros se abraçando na rua, meu motorista parou para comprar um jornal e dois meninos negros estavam correndo, brincando de apostar corrida, quase se esbarraram com uma madame, imagina isso? Ainda tem gente que diz que o que fizeram com o Emmet foi um absurdo, eles não viram o que eu vi hoje. – O velho dava voltas lentas pela mesa. – Você quer, senhores, que seus filhos estudem com um negro podendo matá-lo a qualquer hora? Pior, você quer que sua filha corra o risco de ser estuprada por um negro ou que seu time tenha um negro como *quarterback*? Qual é a gota d'água que a gente está esperando? Ter que comemorar um *touchdown* de uma bola lançada por um negro? Quando você mata duas baratas na sua casa e entra uma terceira, você deixa de matá-la por conta das anteriores? – Brandy apagou o cigarro na parede do quarto. – Senhores, nós não podemos correr o risco de perder o nosso país, essa é a nossa responsabilidade, nós temos de dedetizar a América.

18 de outubro de 1968 (sexta-feira) – Aeroporto Internacional de Newark, Nova Jérsei.

Um voo com chegada na madrugada do dia 18 trazia diversos atletas norte americanos para os braços da glória. Entre eles, os medalhistas Jim Hines, Willie Davenport, Lee Evans, Tommie Smith, John Carlos e outros atletas do atletismo, modalidade que havia sido encerrada na quarta-feira anterior. Ao descerem uma enorme escada rolante, cada atleta viu homens de terno segurando placas com seus nomes. A maioria dos esportistas era negro, estavam receosos com a recepção que teriam dos comandados do presidente Lyndon Baines Johnson, mas aquele tratamento fez brotar um sorriso franco no rosto de alguns. Eles se despediram combinando um churrasco no próximo final de semana.

Tommie e John dividiam uma placa, apesar de não morarem na mesma cidade iriam juntos, sendo guiado por um alto motorista com um terno apertado. O carro não tinha o banco do carona, os dois se olharam, mas não cogitaram a ideia de chamar um táxi. O motorista não falou nada, o que fez com que reverberasse ainda em suas cabeças as parabenizações dos outros atletas diante da

coragem de cerrarem seus punhos fazendo com que negros e negras entendessem que é possível tocar no céu. Por conta da proximidade, John Carlos, natural de Nova York, ficaria primeiro em casa e poderia mostrar para a mãe a sua reluzente medalha. Os dois queriam que seus pais, mães, avôs, avós, vizinhos, vizinhas, queriam que todos tocassem naquele objeto como se fosse a túnica de um deus, algo que serve para passar força e energia como armadura para enfrentar os dias que estão por vir.

– Vocês querem comer algo? – o motorista perguntou. Eles estavam passando pela *Little Ferry* e havia um bar com ótima reputação por ali.

– Não, muito obrigado. – Tommy respondeu sorrindo para o retrovisor.

– Vocês se importam se eu parar para comer? Eu tenho diabetes e estou começando a sentir a minha perna tremendo. – Não havia como negociar algo desse tipo com quem está dirigindo um carro para você.

O homem estacionou perto do *Brix City*, famoso bar do distrito, tirou o chapéu e ajeitou os óculos escuros.

– Eu não demoro. – Ele falou enquanto abotoava o terno. – Por sinal, parabéns, não é todo dia que ganhamos uma medalha.

– Obrigado. – Eles apertaram a mão do rapaz e sorriram. Ironicamente, o último sorriso daqueles dois atletas foi oriundo de um comentário irônico e nocivo. Suas mães nunca puderam ver as medalhas que estavam em suas malas e seus vizinhos trocaram a inspiração da vitória pelo medo da morte. A década de sessenta silenciou várias vozes pretas achando que todas as outras iriam se calar. Tommie e John ensinaram ao mundo que é possível tocar no céu, seja com a mão erguida, seja com o discurso assertivo, seja com a busca de um sonho, seja com a cor que puder ser. Quando a porta do bar foi aberta e os curiosos foram ver o que tinha acontecido, era possível escutar a música "Hey Joe" do Jimi Hendrix ao fundo. Pra onde Tommie e John vão correr agora? Agora? Correr? Não, eles vão voar, voar pela história.

NO XADREX COMO NA VIDA

José Vasconcelos dos Anjos – Sergipe

Postei no *WhatsApp*: “¡*Buenos días, amada mía!*”.

E anexei a foto do tabuleiro de xadrez.

Não demorou para sua reação: “Amor, que belo tabuleiro”.

Expliquei: “Ganhei de um amigo, que chegou de Cuzco, no Peru”.

Ela sem perda de tempo: “Precisamos jogar. Que tal agora?”

Concordei e dei-lhe a honra da abertura do jogo.

Diante dos meus olhos estava um tabuleiro em madeira trabalhada na técnica da marchetaria, com suas peças esculpidas, chamando a atenção para os figurinos de cada grupo de peças, principalmente cavalos para as brancas, representando os espanhóis e lhamas para as negras, representando o Império Inca. Há um simbolismo bem claro nessa pequena obra artesanal, de um lado o aparato dos conquistadores espanhóis e do outro Atahualpa e seus guerreiros.

Logo veio a anotação da primeira jogada: ela avançou o peão do rei.

Respondi com o avanço do meu peão do rei também. Propositadamente estimulando minha oponente ao desenvolvimento da abertura Ruy Lopes, a mais famosa abertura do xadrez. Estudada e divulgada pelo sacerdote espanhol Ruy Lopes de Segura, com a rápida saída de bispos e cavalos para o centro do tabuleiro, sendo peças importantes na trama da partida, mantendo uma pressão constante sobre as peças pretas, conhecida como “tortura espanhola”. No xadrez, as brancas fazem o primeiro movimento, mas às negras é dada a primazia de indicar o caminho a ser seguido para a batalha.

Aceitou o desafio saltando seu cavalo do rei para frente dos seus domínios.

Defendi meu peão com o cavalo da rainha, saltando para fora das minhas muralhas.

Lembrei como os cavalos foram importantes para os conquistadores espanhóis no Novo Mundo, esse belo animal era desconhecido dos incas. Lembrei de Francisco Pizarro, que foi atrás do *Pirú*, lugar na América do Sul, onde segundo informantes: “se come e se bebe em vasilhas

de ouro”, lhe enchendo os olhos de ganância. Após duas tentativas logradas, alcançou a tão almejada conquista do Império Inca em 1530, pautada em escaramuças, assassinatos e traições.

Conquistador persistente, duro em seu objetivo, com o qual pagou com a própria vida, restando seu ossário até hoje na Cathedral de la Plaza Mayor, em Lima, no Peru.

Isabellita logo atacou o meu cavalo com seu bispo do rei.

A esse avanço reagi com meu peão da torre, forçando-lhe tomar uma decisão que selaria o *modus operandi* do nosso jogo.

Ela, sem hesitar, optou pela jogada onde o bispo branco come o cavalo preto e comentou: “Mesmo desmontado, meu bispo agiu como um campeador, um Dom Rodrigo, nosso famoso El Cid, o maior de todos”.

Ironizei: “Ou como o fidalgo Dom Quixote de La Mancha, que em seu delírio enfrentou moinhos de vento e retornou moribundo para casa”.

Respondeu firme: “Veremos”.

Avisei: “Cuidado! Às vezes essa jogada pode levar a riscos e à derrocada dos impetuosos conquistadores”.

Ela mandou um *emoji* sorridente para mim.

Conheci Isabella por acaso, numa das diversas visitas que sempre faço a cidade de São Cristóvão, em Sergipe. Moro na capital, Aracaju, que dista só 22 km, dessa cidade histórica.

São Cristóvão é a quarta cidade mais antiga do Brasil. Sempre admirei o conjunto arquitetônico da cidade alta e por curiosidade me transformei em um estudioso da sua história.

Observei uma turista interessada em tirar fotos com o Convento de São Francisco ao fundo, na praça tombada como patrimônio cultural da humanidade pela UNESCO. Sentindo sua dificuldade em clicar uma *selfie* que abrangesse todo o local, me ofereci para ajudá-la.

Logo nos apresentamos. Era natural de Sevilha, na Espanha. Sendo meio complicado entender seu castelhano falado seco, rápido e interjetivo. Disse-me que estudava Turismo na Universidade de Salamanca e estava de férias no Brasil. Sendo que aquele momento da viagem tinha

uma importância particular, pois sabia que São Cristóvão tinha sido fundada em pleno período do domínio espanhol sobre a coroa portuguesa, o que aguçou sua curiosidade de conhecer aquele conjunto histórico.

Até meados do Século XVI, ainda sob o domínio português, tínhamos em ajuntamentos, uma população estimada em 50 mil habitantes, sendo metade composta por índios “mansos” e mamelucos. Em 1590, o português Cristóvão de Barros, chefiando 5.000 homens a mando de Felipe II, senhor da União Ibérica, conquistou na ponta da lança e no fio da espada as terras de Sergipe Del Rey, fundando a cidade Real de São Cristóvão. A França e Inglaterra já há muito saqueavam as nossas terras. A nova estratégia era a de ocupação sistemática, pois o território sergipano era até aquele momento como uma terra de ninguém, sob domínio de índios e corsários. Pela primeira vez começamos a receber um movimento migratório de cidadãos portugueses e espanhóis com suas famílias, que aqui vinham para ajudar a construir uma nação. A colônia finalmente era vista como um lugar para morar, construir sonhos, não apenas para exploração de aventureiros e degredo dos banidos da sociedade lusitana.

Paradoxalmente, para Portugal foi um tempo de sofrimento e empobrecimento da província, esmagada por tributos e pela indiferença do Império Espanhol.

E como um trunfo guardado para o final, para aguçar sua curiosidade, contei-lhe que em nossos livros há o registro, que já em 1575, a Companhia de Jesus iniciou a catequese em terras sergipanas, quando vieram dois jesuítas, os padres Gaspar Lourenço e João Salônio, este último, natural da Catalunha. Era a língua espanhola penetrando nos ouvidos dos índios em sala de aula antes mesmo de qualquer imposição oficial.

Ela curiosa: – Muito interessante, um campo vasto para estudo e pesquisa.

Arrematei: – Há estudiosos que mostram que algo do linguajar cantado do sergipano é herança espanhola, que começou bem antes da União Ibérica, já com a vinda de Galegos do norte de Portugal.

Juntos percorremos as ruas tortuosas com seu casario, que ligam as praças e templos da velha cidade, numa tarde de visitas e descobertas para minha acompanhante. Visitamos o convento de São Francisco, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória, na praça

principal da cidade alta, que foi destruída na invasão holandesa; a igreja do Amparo dos Homens Pardos; a igreja da Imaculada Conceição e o conjunto arquitetônico das carmelitas, convento e igreja do Senhor dos Passos.

Finalmente propus: – Chega de história por hoje. Vamos às queijadas. Tenho certeza de que você vai gostar.

Minha convidada aceitou cortesmente meu braço estendido e fomos em busca das famosas queijadas de São Cristóvão, típicas da culinária local, onde uma fina camada de coco ralado, ovos, cravo e açúcar, descansa sobre um biscoito confeccionado com farinha “do reino” e leite. Doce trazido pelos portugueses e modificado em nossa terra. Originalmente feito com queijo no lugar do coco, mas que foi adaptado à realidade local, sendo hoje patrimônio cultural imaterial de Sergipe.

A essa altura, já estava encantado por Isabellita. Uma bela mulher de tez morena clara, com seus cabelos pretos amarrados em rabo de cavalo, reclamando do calor dos trópicos a todo momento. Sua boca marcada por lábios carnudos discretamente salientes, seus olhos negros mostrando a força do sangue mourisco a lhe percorrer os

vasos, em um corpo firme e roliço que lhe dá um charme especial ao andar.

Acertamos de nos encontrar à noite em Aracaju, na orla da praia de Atalaia.

Na praia comemos caranguejos e siris cozidos com temperos tropicais variados. Expliquei-lhe que o nome “Sergipe” vem de *Siri'ype*, uma palavra indígena que significa Rio dos Siris, que nós sergipanos temos o costume de irmos aos bares na beira da praia, comer crustáceos feitos da forma mais simples.

Isabellita lembrou das suas “tapas”, os tira-gostos típicos da Espanha e famosos na sua região natal: – Em Sevilha temos mais de 2.000 bares. Tapear é um motivo para um encontro e para trocarmos ideias.

No final da noite, sentamos silenciosos na areia da praia, ouvindo o som da arrebentação das ondas do mar e as vozes das nossas consciências, sob o manto de estrelas da Via Láctea. Era primavera e a brisa morna anunciava a aproximação do verão com seu calor e luminosidade extrema.

Foram dias de trocas de histórias e experiências vividas. Descobrimos nossa paixão pelo xadrez. Ambos

tínhamos sido iniciados ainda na infância nessa arte milenar. Isabellita reclamou, com toda razão, do machismo que envolve esse jogo até os dias de hoje.

Degustamos pratos da culinária local, saboreando as moquecas de peixes, mariscos e até de cajus. O pantagruélico cozido sergipano, com suas carnes gordurosas mergulhadas entre batatas, maxixes, quiabos, couves e abóboras. Uma semana de pores do sol por trás dos manguezais, auroras na beira da praia e noites prateadas banhadas pela luz lunar. Nos banhamos nas águas cálidas do Atlântico Sul e namoramos ali mesmo, com mil carícias e juras de amor. Momentos inesquecíveis, mas tristemente finitos.

E chegou o dia da partida, quando juramos que em breve nos reencontraríamos, pois naquele momento nossas consciências nos diziam que nossas vidas não seriam mais as mesmas. Estávamos ligados um ao outro.

Confessei: – Eu, sem saber, buscava por você nas idas frequentes em busca dos mistérios que se escondem pelas ruas e praças de São Cristóvão.

Recebi como resposta um abraço terno e demorado.

Antes de partir ela confessou estar extasiada com tudo que tinha visto nos últimos dias. A luz, as cores a pungência da natureza da nossa terra.

– Acho que vivi o mesmo sentimento de espanto que tiveram os navegadores europeus ao aqui chegarem, tão diferente do clima mediterrâneo, do mar protegido, de águas tranquilas e por demais conhecidas.

E completou, acariciando minha face: – Que bom ter encontrado você, cruzado seu caminho. Em tão pouco tempo, tantos sonhos e descobertas.

O ato heroico do seu bispo campeador eliminando a minha lhama custou-lhe mais adiante sua rainha, derrubada junto com seu reino, que no final se viu cercado por um rei inca, lhamas, sacerdotes e peões, contrariando a história que conhecemos.

Postei: – “Vinguei Atahualpa! Xequé-Mate!”

Respondeu junto a um *emoji* raivoso: – “Outras batalhas virão”.

Concordei: – “Muitas meu amor”. E completei: – “Tantas vidas teriam sido poupadas na história se a disputa de reis e rainhas por reinos sem fim tivesse sido feita em

um tabuleiro de xadrez” e digitei o meu sentimento naquele momento, sentimento tão nosso e tão amplo, impresso em uma só palavra, “saudade”.

Isabellita finalizou: – “Venha logo, te aguardo *mi amor*”.

Passaram-se seis meses desde o nosso encontro. Sofri nos primeiros dias a falta imensa da sua ausência, conseguindo retornar paulatinamente à rotina e afazeres do dia a dia. Agora as chuvas se anunciavam e a temperatura mais amena amansava a vida na cidade.

Hoje, aproveitando um momento de folga, pus os pés na areia da praia para sentir a brisa marinha e admirar a força das ondas.

Fiquei por um bom tempo refletindo sobre as emoções vividas, despertadas por Isabellita. A saudade do amor distante.

Aqui no novo mundo temos sempre guardado dentro de nós uma certa nostalgia. A nostalgia do desterrado, voltada para a Europa e a nostalgia do escravizado, voltada para a África. São olhares que não

deixam de mirar, de vez em quando, o outro lado do oceano.

Suspirei e desliguei o celular. Olhei para além do mar que se quebrava em ondas à minha frente, os coqueiros balançando suavemente ao sabor da brisa, enquanto o sol se punha lá atrás. Como se a minha amada terra dissesse: “Fica, que aqui é o seu lugar”.

AURÉOLA DE LED

Pedro Augusto de Ambrósio Almeida – Bahia

– Seria uma linda noite se não fosse pela chuva...

O garoto estava no térreo do Elevador Lacerda, esperando que a chuva passasse. À sua frente, carros voadores e infinitas luzes coloridas de LED contrastavam com as Baianas de Acarajé vendendo seus tradicionais quitutes. Até mesmo o próprio elevador piscava numa explosão de colorido. Essa era uma visão comum na “Salvador” do ano de 2122.

– A cidade dos orixás neon ainda tem suas surpresas, já que meu xará, São Pedro, ainda tem muito poder sobre todas essas luzes.

– Acha isso ruim? – uma garota, ao lado de Pedro, não pôde deixar de reparar nas palavras do menino. Ela estava com uma mochila nas costas e parecia, também, esperar a chuva passar.

– É claro! Olhe todas essas lindas luzes! Elas agora estão ofuscadas por toda essa chuva que teima em me seguir. – O garoto exclamou, mas a expressão em seu rosto

era de tristeza. – Logo no dia em que eu esqueço o guarda-chuva... Você também esqueceu o seu?

A garota abriu um sorriso cheio de mistério.

– Essas luzes sempre me incomodaram um pouco...

– O sorriso desapareceu de seu rosto ao ponto em que seu olhar se perdia nas nuvens carregadas. – Elas parecem tão lindas à primeira vista, mas, todas as vezes em que olho para o céu, percebo que elas ofuscam completamente as estrelas...

O garoto parecia mais confuso a cada palavra que saía da boca dela.

– Mas e essas nuvens carregadas? Agora você também não pode ver as estrelas, não é?

– A questão nunca foi as estrelas em si.

– Então qual é a questão?

– Você disse que ela teima em te seguir, não é? Entendo... Na cidade dos orixás neon, seu xará ainda tem cartas na manga...

– Você não respondeu à pergunta...

O garoto percebeu que, no pulso dela, se amarrava uma pulseira do Senhor do Bomfim. As pulseiras de 2122

parecem ainda mais bonitas a noite, uma vez que brilham no escuro.

– Não, eu não esqueci meu guarda-chuva.

No exato momento em que a garota terminou de falar, a chuva parou. Instantaneamente. Os olhos do garoto saltaram, desacreditados. A garota tirou a mochila de suas costas e dela sacou o que parecia ser um círculo. Oco.

– N-Não estou falando dessa pergunta... – Ele não sabia como reagir. – Espera, se você não esqueceu, por que estava esperando a chuva passar?

Do rosto dela, surgiu um doce e delicado sorriso. Profundamente sincero. Ela finalmente olhou para ele.

Seus olhares se tocaram.

Com o objeto na mão, ela apertou um botão e o círculo se acendeu em um branco quente, quase dourado. Ela o colocou sobre a cabeça, fez um gesto de despedida para o garoto e saiu andando pela rua.

Enquanto ela se afastava, todos os outros habitantes em volta fechavam seus respectivos guarda-chuvas. Eles não olhavam para as nuvens ainda carregadas, nem para todo o colorido do Elevador Lacerda e sua iluminação.

Eles olhavam para a auréola de LED acima da cabeça dela. Seu brilho ofuscou todas aquelas luzes neon e só era comparável ao brilho dos sorrisos que se abriam em todos que estavam olhando-a.

O garoto finalmente entendeu.

– A questão nunca foi as estrelas em si...

AUTORES
CONVIDADOS

SABERES

Bethânia P. Amaro

Os dedos de Eugênia afundaram no tapete de folhas e galhos, recebendo pequenos cortes, riscos vermelhos que embranqueceriam numa rede de cicatrizes – também assim se distinguiam os caboclos do antigo arraial de Tabocas, pelos pés grossos de pele dura, de quem caminha descalço há gerações pelas restingas e manguezais. Ela tinha os dedos bem espalhados, com calos que já somavam algumas décadas, de vaguear por aqueles restos de mata, cuja umidade estragava mesmo as melhores botas de couro. Era preciso adentrar as terras mais argilosas, mais sombreadas – sob as copas fartas dos jequitibás, bem abrigado no meio da floresta, ficava o caramanchão de guaco.

O emaranhado de trepadeiras era denso; ramos de aspecto ressequido protegiam pequenos botões de flor, ainda fechados, e as folhas estavam pontilhadas das fezes de aves. Apesar do aspecto hostil, sua mãe lhe havia ensinado sobre o poder das folhas de guaco, que outros ainda chamavam cipó-caatinga ou erva-de-cobra, quando

ela era apenas uma menina. Agachou-se sobre os joelhos que rangiam, o vestido bem amarrado num nó grosso ao lado das coxas, e então seus dedos trabalharam com agilidade para debulhar os primeiros galhos, jogando as folhas soltas na cesta de palha que vinha por trinta anos equilibrando sobre a cabeça.

Poderia ter mandado uma das garotas mais novas com a cesta, mas aquele chá era para a sua Inês, que era dela mesma sem ser. A pobrezinha nascera sem ar, com pulmões estreitos e peito apertado, a mesma moléstia que alguns anos atrás lhe levara o irmão mais velho. Isso fora antes de Eugênia chegar, trazida das plantações de cacau, onde colhia cabaças com o gancho de vara. A vida na casa de fazenda era mais confortável, mas ela sentia falta das outras mulheres, que cantarolavam durante a colheita, depois se sentavam em saias enormes para cortar o cacau e separar as amêndoas para a fermentação e secagem. Lambia os dedos ao final, chupando os fiapos da polpa pegajosa que ali ficavam – o gosto de sua infância.

Fora a dona Antônia que a mandara buscar, por seus remédios, depois que o doutor não chegara a tempo de Ilhéus e o primeiro filho fora enterrado, numa cova

miúda detrás do quintal. Aquelas eram terras embiocadas, por onde passavam poucas estradas de barro; mesmo quando chegava o médico, apenas os senhores da fazenda podiam pagar por seus serviços. Por isso procuravam Eugênia – por seus chás de casca de aroeira, que acalmavam o estômago, pelas macerações de pega-pinto, para desinchar os membros, e pelos extratos de maracujá, bons para o sono e para os nervos.

Já de volta à cozinha, Eugênia apanhou as panelas e acendeu o fogão com um tacho de lenha embrasada. Duas medidas de água quente para um punhado de folhas bem trituradas no pilão, seis minutos de cozimento e estava feito o famigerado emplastro de guaco, capaz de transmutar até mesmo o suave temperamento do médico sempre que testemunhava aquela prática:

– Essas plantas não servem pra nada, Inês, só fazem manchar o vestido!

O patrão concordava com um aceno de cabeça, desculpava-se pelas crendices da esposa e pagava por todos os dispendiosos medicamentos que vinham de fora. No início, trocava-os por sementes de cacau crioulo, que em Ilhéus tinham a mesma liquidez das amassadas notas

de cruzeiro, antes que a vassoura-de-bruxa estrangulasse de vez o agronegócio. As sementes escuras, secas após dormitarem ao sol por sete dias sob o constante repuxo dos pés rachados de meia dúzia de caboclos, preveniam o afinamento do sangue e uma série de males da velhice.

Eugênia fora apresentada a Inês quando a menina tinha seis anos de idade – Inês era bela como uma boneca, mas sempre tivera uma constituição enfermiça, sofrendo do peito e do estômago, chorando muito quando criança e com fortes cólicas desde a menarca. Fosse ou não pela força do guaco, contudo, a menina florescera – crescera à medida que o cacau murchava, como se sugasse a vitalidade da própria terra, tornando-se robusta e morena enquanto as árvores se esbranquiçavam e apodreciam. Apesar de sua desfavorável condição feminina, na falta do herdeiro homem, lhe foi permitido o acesso aos livros e à escola ilheense – a morte do irmão lhe comprara assim uma inesperada possibilidade de ascensão intelectual, que caía bem ao senhor seu pai, ao mostrar-se alinhado com os princípios da nova república e com o futuro democrático do país, que se desgarrava dos anos de ditadura.

Inês amadureceu, deste modo, entre dois mundos: de um lado, as bandas verdes de sua meninice, o cuscuz com café e os bolos de carimã, a lavoura encolhida, mas ainda dourada com os frutos dos cacauzeiros. O cultivo de cabruca envelopava os pés de cacau com pitangueiras e jacarandás, onde pousavam em enxames as maritacas azuis e amarelas que a acordavam, logo que o sol nascia, com seus cantos estridentes. As famílias que moravam ali pareciam esquecidas do progresso – viviam como seus avós. Tiravam o sustento dos pés de milho e feijão, da pesca de robalos e dos magros rendimentos do cacau – alguns, empregados da fazenda, outros, meeiros em plantações vizinhas. Os lucros que restavam permaneciam com os filhos e netos de coronéis, que no início do século haviam garantido, com jagunços e caxixes, a posse daquelas terras.

De outro lado, havia Ilhéus, com seu cineteatro, seu grande hotel com elevador, suas sorveterias e palacetes construídos com as mesmas fachadas que ornavam as avenidas do Rio de Janeiro. Mas em nada a desigualdade era maior do que no âmbito das ciências – Ilhéus repleta de farmácias, com consultórios médicos e hospital, com

colégios, revistas, jornais, enquanto a fazenda tinha apenas Eugênia, que aprendera a maior parte do que sabia com a mãe, a avó e as outras mulheres com quem cruzara ao longo da vida, nascidas ali mesmo no litoral ou vindas do sertão, durante a febre do cacau. As lições eram surpreendentemente parecidas – fosse na caatinga ou na mata, fervia-se a carqueja para combater vermes, macerava-se a erva baleeira para ajudar na cicatrização e aliviar as dores do reumatismo, colocava-se semente de mamão para tomar com leite, evitando parasitas.

Desde que chegara à casa de fazenda, Eugênia submetera Inês a uma interminável série de chás – alguns pareciam não surtir maiores efeitos, outros lhe deram dor de barriga, e alguns, ainda, acalmavam as tosses e a garganta inflamada. Não era incomum que uma mesma erva às vezes aplacasse os sintomas dos resfriados que corriam pela fazenda, e outras vezes causasse dor de cabeça, sem que ninguém – nem mesmo Eugênia – soubesse dizer exatamente o porquê. Assim vingava o espaço das fábulas, das crendices da terra, que se afastavam das plantas e se aproximavam dos céus. Se uma planta não curava como esperado, dizia-se que era trabalho

de encosto e de alma penada, coisas além do controle de uma pessoa.

Já os remédios vindos de Ilhéus, Inês percebeu, sempre funcionavam – tinham a regularidade e consistência de um bom relógio: uma hora fazer efeito, que durava por precisas oito horas, três cápsulas ao dia. Inês fascinou-se por aqueles medicamentos – estudava sobre eles nos volumes de extensas enciclopédias, discutia a seu respeito nas aulas de biologia, desenhando com canetas coloridas árvores químicas em seus cadernos. Ela concluiu que eram estes remédios, que vinham engarrafados de longe, os mais dignos de sua confiança – além de sua potência, dispensavam as rezas que acompanhavam os chás e emplastros de Eugênia. Os fumos de aspirar, as folhas de espantar espíritos, o bater dos pés no chão e os encantamentos transformavam-lhe o quarto por vezes numa roda de rituais.

Saindo da adolescência, Inês despegou-se definitivamente de Eugênia – da barra de suas saias compridas, nas quais costumava se esconder quando aprontava alguma travessura, de seus alertas espantados (“sai dessa friagem, menina!”), de suas comidas de

sustância e de suas curas de fundo de quintal, que não se desenhavam em fórmulas. Refinou-se como se esperava de uma moça da alta sociedade de Ilhéus, que via filmes europeus e apreciava a culinária francesa em detrimento de mungunzás e carurus. Seus vestidos eram costurados fora, seguiam a alta moda das capitais; quando o cacau esmoreceu de vez, e ficou claro que o futuro da família recairia nos investimentos financeiros, decidiu-se a cursar a universidade em Salvador, que a esta altura já aceitava mulheres.

Eugênia assistiu àquele estranhamento com a resignação de gerações de mulheres que criavam os filhos dos patrões. A natureza daqueles acordos sempre envolvera trocas injustas – se dizia que santo de casa não faz milagre e é da índole dos filhos desprezar o conhecimento dos pais. Ela que era somente mãe de pegação, e ainda por cima sem estudo nenhum, entendia ser o esquecimento o natural destino daqueles afetos. Mesmo assim, por vezes, ia até o quarto de Inês, apenas para matar a saudade de seu cheiro, que ainda estava nos lençóis e nos perfumes da penteadeira, deixava-se contemplar os papéis anotados e os livros na estante,

admirada com tantas palavras. Na roça não se falava muito, era preciso poupar o fôlego; o mundo era menor no meio dos cacaeiros.

Sobre a mesa de cabeceira ficavam os comprimidos de Inês, para quando retornasse das aulas ou viesse numa de suas raras visitas – envolvida na sociedade soteropolitana, a casa de fazenda parecia-lhe cada vez mais provinciana e grosseira. Quando chegava, reclamava de tudo: do tempero de Eugênia, que pesava a mão no coentro; da qualidade do café, crescido nas redondezas; do silêncio dos dias, interrompido apenas pelos grilos e pássaros. Não lhe apetecia estar cercada de tanta gente sem leitura, coberta de superstições, que desconfiava de seu novo sotaque da capital, de seus discursos científicos trazidos da faculdade de Farmácia.

Numa tarde, movida pela curiosidade, Eugênia destampou um dos vidrinhos e arrancou de dentro uma pílula, metade azul, metade branca. Chacoalhou-a, aproximou-a do nariz: não tinha aroma nenhum. Vislumbrando uma linha no meio, puxou as extremidades e se surpreendeu quando um pó fino esfarelou-se por seus dedos – tocando-o com a língua, o gosto era amargo. Não

sabia o que havia ali dentro, não conseguia ler os rótulos, mas compreendia que era um feito de médicos, de gente entendida das cidades, remédio de ricos que não alcançava os trabalhadores da fazenda. Aquilo a fez pensar em Firmina, a irmã que havia perdido para a chacina do parto, e perguntou-se se aqueles pós poderiam tê-la salvado. O assombro de algo assim apertou-lhe o peito.

Dona Antônia, convencida pelo marido e pela filha, aos poucos parou de aceitar os chás. Tinha problemas de pressão que tratava com muitos comprimidos, em Ilhéus, e que a deixavam zozna e nauseada, suando como cuscuz nas tardes de verão. A fazenda minguava e muitas famílias, desamparadas, começaram a migrar para municípios vizinhos, em busca de outras ocupações. Eugênia, porém, era velha demais para deixar o campo, presa aos laços que ali construía com a terra, com seu jardim, com os vizinhos e pacientes – dali, dizia, só saía para a cova.

Com as atividades reduzidas na casa de fazenda depois que Inês se fora, Eugênia pôde dedicar-se mais às suas plantas e mandiocas, que enfarinhava para cozinhar beijos e engrossar xaropes. Doía-lhe que não tivesse a

quem transmitir aqueles ensinamentos, que os duros aprendizados de sua ascendência fossem assim desperdiçados, enterrados quando ela se fosse. Os cantos talvez fossem lembrados por mais tempo, grudavam na memória; mas distinguir entre as espécies de boldo, mensurar a dosagem de alho, essas eram coisas que levariam décadas – toda uma vida – para serem aprendidas e apenas um instante para caírem no esquecimento.

Ao longo dos anos, sempre que perdia uma moça para a violência do amor de seu marido, ou quando não lograva salvar uma criança da barriga d'água e da fraqueza, Eugênia recordava-se dos pós milagrosos na cabeceira de Inês – aquilo lhe foi corroendo as forças, de um jeito que nem o caldo de tutano de boi restabelecia. Consumia-se não no arado, mas no conhecimento de que existiam tais ciências, longe de seu alcance – lições que somente se aprendiam nas universidades, nos livros grossos de capa dura, que não se transmitiam pela boca no português dos roçados, e, portanto, nunca chegariam até ela.

Inês voltou numa manhã ensolarada de domingo, quase três anos depois de sua última visita – agora eram os

pais que iam vê-la em Salvador. Eugênia alegrou-se, contente até de ouvir seus calundus, os tempos de abandono já esquecidos assim que ela cruzou a porta. Estava prestes a se formar farmacêutica – logo estaria imersa nos laboratórios, fabricando os comprimidos que tantas vezes a haviam acudido em suas aflições. Eugênia a abraçou, murmurando que estava mulher feita, que breve casaria e pegaria barriga, pensando já nos netos que também seriam um pouquinho seus.

– Gena – disse Inês, a única a chamá-la assim, desde Firmina –, quero ver o jardim, você me leva?

Há muito tempo que Inês não comia de suas plantas, que desprezava os chás, mas um pedido de sua menina era uma ordem, e assim cruzaram o átrio externo, o caminho de grama que subitamente cedia e virava terra. Ali, cercadas de tábuas que a própria Eugênia pregara, estavam as ervas que se podia plantar, que não dependiam da mata. Inês circulou brevemente por aquele espaço, tocando as babosas e os dentes de leão, e sorriu:

– Gena, você acredita que algumas dessas plantas são mesmo remédio? No ano passado saiu um relatório com os estudos do Programa de Pesquisa de Plantas

Medicinais do Ministério da Saúde. Estão chamando de fitoterapia e querem incluir tudo no SUS...

Eugênia estacou no meio das verbenas roxas, olhos arregalados.

– E o guaco! – continuou Inês, rindo e agarrando-a pelos ombros. – O guaco teve seus efeitos comprovados! Queria só ver a cara do velho doutor Fagundes!

O Brasil tinha a maior diversidade genética vegetal do mundo, disse Inês, com mais de cinquenta mil espécies catalogadas, de um total que possivelmente seria dez vezes maior. Explicou que, desde 1978, a Organização Mundial da Saúde reconheceu o uso medicinal dos fitoterápicos, mas somente alguns anos atrás o Brasil havia iniciado pesquisas clínicas na área. O Programa, garantiu Inês, havia atestado a eficácia terapêutica do guaco, com suas propriedades broncodilatadoras e expectorantes, com total segurança nas doses testadas.

– Agora, há uma demanda de pesquisas mais amplas sobre o uso da nossa flora no tratamento de moléstias básicas, para avaliar eventuais efeitos adversos e interações com outros medicamentos. E cá estamos nós, Gena – fez um gesto para abarcar o jardim, a horta mais

ao longe, a mata que cercava tudo com suas árvores ancestrais –, bem no meio de uma farmácia viva!

O governo Collor vinha estrangulando as fontes de financiamento, por isso Inês queria desenvolver um projeto entre a fazenda da família e a universidade, selecionando as plantas conforme seu interesse epidemiológico e testando-as em laboratório para aferir sua segurança e eficiência – isso permitiria que fossem transformadas em fitoterápicos. Eugênia não entendeu metade daquilo, mas ouviu que deveria contribuir no cultivo e na preparação das mudas; também era preciso realizar o controle do solo, que às vezes se contaminava e penetrava nas folhas e caules, gerando intoxicações.

– Não vamos curar o câncer, Gena – riu –, mas vamos poder curar muita coisa!

Eugênia viu-se novamente com doze anos de idade, escorada na parede de barro de casa, enquanto a mãe moía folhas de quebra-pedra, mostrando-lhe como reconhecer o arbusto, como colher, como dosar. Havia aprendido com a mãe de sua mãe, que aprendera antes disso com a mãe da mãe dela – uma linha de mulheres que haviam arriscado e experimentado com as mais diversas

plantas, munidas apenas de velhas histórias e das próprias mãos. Fazendo ciência sem saber, embrenhadas na mata e na aridez da caatinga, uma ciência que agora tinha nome – fitoterapia. Um nome que lhe dava novo alento, porque seria escrito nos livros, seria ensinado nas faculdades a centenas, milhares de estudantes. Não morreria com ela, não morreria nunca – faria viver. Alcançaria aqueles que a medicina tradicional não alcançava.

Eugênia deixou-se abraçar, agarrada também pelo calor e pelo entusiasmo de Inês – que, afinal, descobria ser realmente sua, da maneira que mais importava ser.

O PESADELO

Carlos Bomfim

O final do ano se aproximava, e com ele o clima das festas natalinas e de ano novo pairava no comércio e nas ruas da cidade. Propagandas exploravam os presentes, a bebida, as comidas típicas do Natal e a figura de um Papai Noel branco, grisalho e barbudo, com um gorro vermelho e uma roupa de babados brancos típica de frio...que não combinavam com o calor de Salvador. E ainda havia as renas e a neve! Mas, para alguns soteropolitanos, o clima natalino na cidade tropical não era o maior conflito, e sim, a aproximação de uma data que era sinônimo de pânico, desespero e aflição resumidas em uma sigla: ENEM. O Exame Nacional do Ensino Médio é uma prova de admissão à educação superior, realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, autarquia vinculada ao Ministério da Educação do Brasil. Realizado anualmente, o exame é uma meta de vida para os estudantes de todo o

Brasil na disputa por uma vaga em uma universidade de renome e em cursos de ampla concorrência.

Riobaldo Nascimento da Crus era um dos baianos que vivia esse momento de preparação e véspera de realização do ENEM. Baiano de Juazeiro, seria o primeiro de sua família a ingressar no ensino superior. Estava concluindo o Ensino Médio aos dezessete anos com o título de melhor aluno do Colégio Educando, no bairro da Pituba. Os pais de Riobaldo, produtores rurais de Juazeiro, investiram na melhor educação para o seu primogênito e aguardavam ansiosos por sua aprovação em uma vaga para medicina. Aos quinze anos, Riobaldo deixou Juazeiro e mudou-se para Salvador, com objetivo de concluir os estudos em uma boa escola particular, aprender inglês e voltar doutor para sua cidade natal.

– E vai ser na USP! – gritava a mãe, sempre muito confiante no filho.

– Meu “dotô” Baldinho! – já era como o pai chamava o filho, cujo nome era uma mistura de Rita Obede e Osvaldo, respectivamente os avós paternos.

Com tamanha pressão, não restava alternativa para Riobaldo que não fosse a dedicação plena aos estudos. Nos

três anos que residia em Salvador conhecia bem pouco a cidade. Passava a maior parte do tempo na escola e estudando em casa. Nos fins de semana se dedicava a leituras de romances históricos previstos na prova do ENEM e na realização de questões de provas anteriores.

Aquela sexta feira de outubro estava dentro da rotina. Chovia bastante e Riobaldo passou o final do dia estudando física e biologia. Como um bom candidato a uma vaga em medicina, essas eram as suas principais disciplinas. No ENEM, a prova de Ciências da Natureza e suas Tecnologias contemplava os conteúdos clássicos de física, e Riobaldo era monitor na escola que estudava. Enquanto revisava um conteúdo de mecânica, assistindo uma aula pelas redes sociais e registrando tópicos em seu tablet, Riobaldo sentiu um cansaço, e o barulho da chuva tornou o sofá convidativo para uma pausa com cochilo. Deitado no sofá, Riobaldo sentiu o corpo leve, até que alguém o chamou...

– Vamos Baldinho! Ânimo rapaz! É assim que você quer passar em mim?

O rapaz ajustou os óculos rapidamente e a figura embaçada ficou nítida. Era alta e parecia uma grande folha de papel falante.

– Quem é você? – perguntou Riobaldo tomado do susto ao notar que o papel falante parecia um caderno.

– Olhe bem para mim...sou tão familiar. Agora faço parte de sua vida...não saio de seus pensamentos...

– Não pode ser! A PROVA DO ENEM!!!!

– Isso! Como você é inteligente!

– O que quer de mim? Estou preparado para vencê-la! Sou o melhor de minha turma! Tenho certeza de que irei passar!!

– Que pena Riobaldo...vejo que você não é tão inteligente como pensei. Não sou fácil de ser vencida. Não basta ser o melhor!

– Pois é Riobaldo, para ter um bom desempenho no ENEM você precisa me superar completamente! – disse uma voz rouca na escuridão próxima à cortina da janela. – Eu sou o MEDO, e vou povoar os seus sonhos até o dia da prova. Farei você se sentir inseguro, com dúvida sobre seus concorrentes, tirarei seu sono, sua paz! E tudo com a ajuda de minha irmã.

O MEDO gargalhou, mas Riobaldo o enfrentou gaguejando:

– I-irmãã? Quem é sua irmã?

– Prazer Riobaldo, eu ANSIEDADE. Alguns me chamam de Dona porque não tem intimidade. Estava muito ansiosa para conhecê-lo! Faltam dez dias, cinco horas, dezenove minutos e três segundos para a PROVA do ENEM. É melhor começar a separar os documentos, caneta esferográfica, lápis, água, um chocolate...

– Chega! Desse jeito eu vou explodir!! – gritou Riobaldo,

– Oi Gentemmmmm! Cheguei para barbarizar, arrasar, detonar!!!

– Quem é essa perua?

A figura lotada de lantejoulas usava uma roupa com várias carteiras de identidade, onde Teobaldo pôde identificar os seus melhores colega de colégio.

– Perua não! Eu sou a CONCORRÊNCIA, meu anjo! E a cada ano que passa eu vou ficando maior, maior, maior, MAIOR!!!! Não é o máximo?!

– Não ligue para esses infelizes Riobaldo, você só pode contar comigo! Eu sou o TEMPO! Estarei com você para garantir que consiga chegar e fazer a prova em tempo!

Um barulho de trovoada fez a figura do relógio que se apresentou como tempo dar lugar a uma espiral digital que tinha uma voz robótica, semelhante a voz dos *smartphones*...

– Olá Riobaldo. Sou a INTERNET! Acompanho tudo em tempo real e posso te ajudar a entender a concorrência, reduzir sua ansiedade, contar tudo sobre o ENEM que nem ele ainda sabe. Como posso te ajudar? Diga uma palavra-chave que eu farei uma busca...

– Me deixem em paz! Eu não quero mais fazer ENEM, não quero...não querooooooooo!!!!

Riobaldo despertou e ajustou os óculos. A figura que aparecia nítida em sua frente era a de sua mãe.

– Acorda Riobaldo! Está ficando louco com essa gritaria? Vá estudar! O ENEM está chegando!

– Poxa mãe...eu tive um pesadelo horrível. Acho que não vou conseguir uma boa pontuação no ENEM.

– O que é isso menino! E suas tias? Seus avós que deram o nome deles a você? O que todos vão falar? Você vai tirar a maior nota sim!!! Vai ser o primeiro lugar!

Riobaldo respirou profundamente e olhou para mesa cheia de livros. Sentiu que a pilha de módulos ria de sua sina enquanto escutava um eco que ia aumentando: “vai fazer cursinho, vai fazer cursinho, vai fazer cursinho...”

DIRETAS JÁ!!!

Felipe Diniz

Tardinha. Cheguei em casa. Silêncio. Quietude que parecia uma calma acolhedora por mais um dia de trabalho, mas para quem tem uma adolescente sempre cabe reclassificar o sossego como prenúncio de tormenta. Logo, apurei o ouvido e esperei.

Um som harmonioso e baixo quebrou o clima da cena, pois era o primeiro ruído de movimentação na casa que percebi. Uma música conhecida, bem conhecida, foi se formando na minha percepção. Era o Hino Nacional cantado à capela pela voz de uma jovem com belas maçãs no rosto, sorriso largo e gargalhada inconfundível: a Fafá de Belém.

De pronto, um baú de memórias e sentimentos afloraram, como se o ar começasse a me fazer reviver um tempo passado às subidas de tom no ritmo compassado da cantora. Tristeza ou alegria, açúcar ou sal ou talvez um gosto umami de saudades que se traduziu em nostalgia. Penso, enfim, que uma das mágicas da Fafá ali, naquele contexto, foi fazer os brasileiros cantantes robotizados do

Hino refletirem o significado da força dos seus versos, já que em todas as suas apresentações mostrava a potência da sua interpretação.

Tá, mas e a adolescente? Cadê? Fui entrando na direção do som e vi que vinha da televisão. A Pietra estava sentada no chão, com o meu “dinossáurico” aparelho de videocassete e algumas caixas e fitas amontoadas de forma displicente.

– Oi, pai. Tudo bem? – a moleca me cumprimentou assim que virou a cabeça.

– Peguei o seu videocassete pra ver como funcionava, mas não o abri pra ver como é por dentro, não. Só queria ver se ele ainda lia as suas fitas... cassetes?!

– Sim, chamam fitas cassetes mesmo. – Respondi, sentando no sofá próximo dela.

– Só achei as imagens muito ruins, mas o som não é tão mal assim. – Disse baixando o volume.

– É porque a sua geração conta com uma tecnologia muito mais desenvolvida para essas coisas. Não sei que tal você não estar com o celular na mão pesquisando o que tá vendo.

Peguei uma fita da pilha. Nela, li “As 7 Faces do Dr. Lao – Sessão da Tarde – 1985”. Sentindo o seu peso, o plástico rígido e o leve movimento dos carretéis, corri um dedo pela lateral da fita até achar um pequeno quadrado que pressionei fazendo abrir a tampa do cassete.

– Olha! É assim que se abre para a fita ser colocada corretamente. Um procedimento automático. – Falei mostrando a fita magnética preta.

– E como ela é lida, pai?

– Ah, geração digital! – falei em tom de brincadeira, mas expliquei:

– A fita passa por uma cabeça, o cabeçote, que lê os arranjos magnéticos pra TV. Bem tosco, né?!

– Curioso. – Respondeu, levantando-se para ficar ao meu lado olhando a TV.

A televisão mostrava uma imagem com uma granulação grosseira e um foco muito limitado. É engraçado como a imagem na mente da gente casa como uma chave e fechadura para o sentimento da nostalgia. Se a imagem tivesse sido corrigida de alguma forma ou o som tivesse sido recentemente remasterizado, essa viagem temporal não acontecia com tal força. Por isso disse para

uma Pietra que já queria ver pela internet: – Vamos ver essa gravação mesmo, filha. A fita é de 1984, o videocassete é da década de 80. Fiquemos assim.

Pietra ajustou a coluna na poltrona e enquanto aquele hino era liderado pela Fafá, acho que na Candelária, com milhares de vozes e mais de um milhão de pessoas, ela me perguntou.

– Como foi ver tudo aquilo, pai? O que foi essas Diretas Já?

Parei para pensar um minuto, pois não sabia se tinha vivido mesmo a experiência das Diretas Já, pois contava apenas 9 anos naquele tempo. Bom, achei mais seguro comentar os meus sentimentos de menino com a história que aprendi amadurecendo.

– Bom, filha, você sabe que vivíamos sob uma ditadura militar de 64 até 85, quando foi eleito um novo governo civil, ainda que indiretamente, com a eleição de Tancredo Neves e, em seguida assumindo seu vice, José Sarney, pois o Tancredo morreu após a eleição. Foram vinte e um anos de regime militar, com os presidentes sendo indicados pelas Forças Armadas e referendados por um colégio eleitoral.

– Nossa, pai. Ninguém votava???

– Não, só o tal do colégio eleitoral, no Congresso.

Era uma forma de manter o controle de múltiplos mandatos sempre nas mãos dos militares.

– E como isso foi mudando?

– Óbvio que houve uma multidão de fatores, mas o desastre que estava a economia no Brasil no final de 79 e início de 80 foi um golpe muito duro. O povo tava era de saco cheio! Era inflação, corrupção, censura, exílio, denúncia, greves... eu lembro da minha mãe me mandar correr na frente de um funcionário que tinha uma maquininha de colocar os preços nos produtos do mercado para que eu os pegasse antes dele remarcar.

– Como assim? Na cara dura mesmo?

– Sim, Pietra, o preço aumentava na sua cara. A sua vó pegava todo o salário dela e praticamente gastava tudo num “supermercado do mês”, porque se não, ela não compraria nem a metade se esperasse muito.

Continuei:

– Então, as pessoas começaram a pedir a volta do regime democrático, não... minto, elas nunca deixaram de desejar esse retorno, mas agora dava pra falar mais

abertamente. Em 79, muitos exilados voltaram com a Lei da Anistia, que perdoava os algozes e opositores dos regimes militares e permitiu a volta de muitos deles. Pelas gravações, eu via aquelas pessoas se abraçando e chorando em aeroportos. Tava tudo mudando... era tudo emoção.

– E essas Diretas Já, então?

– Pois é, em 83 e 84, o povo começou a se reunir em comícios por todo o Brasil, pedindo o fim da ditadura, eleições diretas, a formação de uma assembleia constituinte, direitos de manifestação e de liberdade partidária, dentre outros. Coisas que você nem sente que tem, mas já nasceu com elas vigentes.

– Pai, desculpa, mas tô ficando cansada. Isso tudo não tá na internet?!

– Sim, mas escuta o que eu vi, o que eu lembro. Na verdade, o movimento não conseguiu, para aquele momento, as eleições diretas. Já te falei do Tancredo, né?! Sabe o que eu acho que coroou aquela época de final de ditadura e início de redemocratização? Nem sei se a história concorda comigo, mas é o meu achismo, minha opinião mesmo.

– O quê?

- Uma coisa chamada *Rock in Rio*.
- O festival que tem quase todo o ano?
- Sim. O primeiro foi um megaevento que ultrapassava qualquer sonho de festival que a gente podia imaginar. E foi em janeiro de 85, um ano depois das Diretas Já e junto com a eleição do Tancredo. As melhores bandas nacionais e internacionais estavam ali. Gente que nós só víamos em capa de disco de vinil e pela televisão fora do Brasil e que vieram cantar no Rio de Janeiro. O país parecia de ponta-cabeça. A gente já tinha se acostumado a ouvir plateias grandes cantando em festivais, mas dificilmente com um milhão de pessoas como esse Comício da Candelária, mas isso tudo era pra gente, era uma coisa interna do Brasil. Pro mundo, pro exterior, eles viram um surpresa *Freddie Mercury* orquestrando um coro também de um milhão de pessoas cantando *Love of my Life*. Romântico que sou, pra mim foi o nosso tchau para um período escuro e que tinha que acabar e um simpático olá para uma coisa que colocaria a gente de volta nos eixos contemporâneos internacionais, talvez de uma coisa que viria a ser chamada hoje de

globalização. A gente não tava tão fechado assim como se pensava. A cultura sempre foi libertadora.

– Valeu, pai...

Quando me dei conta, a moleca já tava em outro aposento e com o celular na mão, pelo menos parecia estar aprendendo a canção do *Queen* e espero que na versão daquele ano de 1985. E ainda gritou:

– ... e não se preocupe que o hino eu já sei!!!

ORDEM E PROTESTO

Luara Batalha

A sala de audiência estava cheia, algo incomum para uma terça de manhã. As pessoas não se interessavam mais pelos eventos jurídicos do país, prestavam atenção somente quando envolviam mortes e políticos, o que não era o caso. Na mesa alta se encontrava o juiz com uma toga amarrotada e uns óculos fora de moda. Ao seu lado, o escrevente organizava sua papelada e ligava um computador com *Windows 98*. Nós, jornalistas, estávamos em frente às autoridades, apertados nos bancos, registrando os acontecimentos.

Eu sou da velha guarda, gosto de papel e caneta. Uso um bloco de notas e já tento escrever a matéria enquanto os fatos ocorrem na minha frente. Ao contrário dos outros jornalistas, estou de calça social e blazer. Não que goste do personagem, só que percebi que os juízes compartilham informações quando acham que somos colegas de profissão. Esse de hoje tem fama de esticar as definições constitucionais ao limite da legalidade.

– Que circo, hein? – exclamou em voz alta um rapaz ao sentar-se ao meu lado.

Apenas concordei com a cabeça. Sim, de fato aquilo estava mais para circo do que para uma audiência. Fugindo da regra, aquele caso de propriedade intelectual havia atraído interesse nas redes sociais e vários colegas estavam espalhados pela sala abafada. Todos curiosos sobre o que as testemunhas das partes iriam dizer.

– Vamos começar as atividades. Peço silêncio a todos – anunciou o escrevente.

– Como sabem – começou o juiz com sua voz arranhada –, estamos aqui para avaliar o caso impetrado pela senhora Camila Lita, que alega que sua participação no desenvolvimento de um agrotóxico foi desconsiderada. Ouviremos as partes, iniciando pela autora da ação.

– Senhor juiz, fui a pesquisadora líder do grupo que desenvolveu um agrotóxico natural com óleo de eucalipto – disse enquanto enxugava as mãos suadas na saia.

– Primeiro, – disse o juiz levantando o dedo indicador – me chame de meritíssimo. Segundo – levantou ele mais um dedo –, pesquisadora líder? A senhora?

– Sim, meritíssimo. Sou doutora na área, além de professora concursada.

– Mas isso também sou.

– Protesto! – berrou o advogado – Senhor João, acredito que precise esperar o término da fala de minha cliente.

– Não, não, ele pode falar – permitiu o juiz.

– Mas, meritíssimo, ela ainda não terminou as suas explicações.

– Não importa. Posso não ter doutorado como ela, mas também sou doutor e, nesse ambiente, quem lidera sou eu. Estamos aqui para escutar a defesa do senhor João.

Levantei os olhos do bloco de notas. Se fosse um personagem de história em quadrinhos, teria fritado aquele homem. Era clara a sua antipatia em relação à Camila, assim como o fato de que somente eu estava incomodado. A maioria não acreditava no pleito e achava impossível ela ter conduzido as atividades, mas eu tinha feito meu dever de casa. Entrevistei as pessoas envolvidas, inclusive as que moravam nos ambientes onde o agrotóxico natural foi testado. Me interessava bastante por biologia, química e sustentabilidade – não necessariamente nessa ordem.

– Então, senhor João, o senhor não nega a participação da senhora Camila na pesquisa? – quis saber o juiz.

– Não, meritíssimo, de maneira alguma. Observe, sou muito mais experiente que ela, então, eu era o líder da pesquisa e organizei tudo. Deixei que colocassem o nome dela como uma forma de ajudar uma colega. Somente isso.

– Organizou? Como você tem coragem de mentir assim? – questionou Camila, dessa vez, suas mãos apertavam a borda da mesa.

– Senhora Camila, não é a sua vez de falar – interveio o advogado do réu.

– Mas, senhor juiz – tentou Camila novamente –, ele também atrapalhou minha fa...

– Me chame de meritíssimo! – bradou o juiz – E não fale a não ser que lhe seja solicitado.

– Mas, meritíssimo, eu não tenho o direito de...

– Novamente, senhora, silêncio! Não interrompa de novo e isso é uma ordem!

– Meritíssimo – disse o advogado do réu num tom quase infantil –, posso sugerir que, caso a senhora Camila fale novamente sem ser solicitada, Vossa Excelência a

declare sem condições emocionais de continuar na audiência?

– O senhor não poderia ter sugerido nada, mas até concordo com a proposta.

– Protesto! – berrou novamente o advogado de Camila – Minha cliente está em perfeitas condições emocionais para participar da audiência.

– Isso quem decide sou eu, senhor advogado. – Disse o juiz. Ao se virar para a mulher, completou – Mais um pio em momento inapropriado e cancelo o ato. Está claro, senhora?

Camila assentiu e diminuiu de tamanho na cadeira. Seu advogado balançava a cabeça antevendo o resultado da audiência. O juiz não daria causa ganha a ela, não estava interessado nos fatos e tampouco aceitava que uma mulher pudesse ser a líder de uma pesquisa. Na verdade, não era a primeira vez que coisas assim aconteciam e a história estava aí para provar. Definitivamente, minha matéria tinha acabado de mudar de foco.

– A primeira testemunha pode começar – anunciou o juiz.

– Meritíssimo, trabalhei diretamente com a doutora Camila no grupo de pesquisa. Ela começou a pesquisar produtos que combatessem o fungo *Neopestalotiosis clavispora* nas árvores de macadâmia, mas queria mesmo um produto natural extraído das nossas florestas. Então, estudei o uso de óleos de extratos vegetais de eucalipto.

– E qual foi o resultado encontrado, afinal?

– Os óleos essenciais e os extratos vegetais de eucalipto possuem propriedades antimicrobianas que atuam em microrganismos, principalmente fungos. É um passo muito grande no uso de pesticidas naturais. Esses óleos e extratos ainda são repelentes.

– E somente as duas mulheres realizaram a pesquisa?

– Não, meritíssimo. Éramos uma equipe composta por alunos de graduação e mestrado, eu e o doutor João. Todos liderados pela doutora Camila.

– Um momento – interrompeu o advogado do réu – Então, o senhor João trabalhou no projeto? Era responsável pelas atividades, não é isso?

– Protesto! – berrou o advogado de Camila. Os gritos só serviam para acordar os que cochilavam – O colega não pode interferir no testemunho.

– Ignorado – decidiu o juiz. – Responda à pergunta, por favor.

– Sim, o senhor João trabalhou conosco, mas ele não era o líder.

– Tem certeza, jovem? – insistiu o advogado do réu enquanto o de Camila comia o canto do polegar – Não era o senhor João que dava as ordens?

– Não, senhor.

– Ah, é comum os homens deixarem mulheres fingirem que mandam, não é? – gracejou o advogado do réu olhando para os demais homens, inclusive para o juiz.

– Senhor – chamou a testemunha –, repito que ele era um membro da equipe como qualquer outro e não teve nenhuma participação de destaque no estudo.

A gargalhada do advogado murchou até se transformar em uma carranca.

– Qual sua relação com a senhora Camila? – retomou o juiz.

– Nenhuma além da profissional. Eu trabalhava no laboratório onde ela desenvolvia a pesquisa.

– Posso fazer mais uma sugestão, meritíssimo? – interrompeu novamente o advogado do João. – Se ela era subordinada da senhora Camila, não poderia haver um receio da parte dela de ser demitida caso não narrasse os fatos dessa forma?

– Protesto! – mais um berro do advogado de Camila e mais um susto para os distraídos – Precisamos acreditar na ética profissional das duas!

O juiz olhava para os advogados e para as partes considerando os argumentos. Era como assistir um bicho preguiça pensar.

– Vamos desconsiderar o seu testemunho! – declarou, por fim, o juiz.

Até então dispersas, as pessoas que assistiam começaram a reagir. Os sussurros de indignação formaram uma cacofonia incômoda. O juiz passou a gritar “Ordem, ordem, ordem!” a plenos pulmões. Um maxilar, antes escondido pela pele amarelada, aparecia a cada palavra gritada.

– Mas, meritíssimo, nossa relação era estritamente profissional – se pronunciou a testemunha.

– Duvido muito. Mulheres dificilmente sabem separar as coisas. – Cortou o advogado do réu. – Escrevente, tire o testemunho dos autos – ordenou como se pudesse mandar ali.

– Exato, escrevente, retire dos autos, por obséquio – conseguiu dizer o juiz ao recuperar o fôlego. – Aos demais, começarei a solicitar a saída dos que não fizeram silêncio. Vamos para a próxima testemunha, dessa vez pelo lado do reclamado.

– Meritíssimo – começou um garoto cheio de espinhas que lia sua fala de um papel –, trabalhei diretamente com o doutor João no grupo de pesquisa. Ele começou a pesquisar produtos que combatessem o fungo Ne-ne-neo....

Confuso, o garoto foi em busca de orientações junto ao advogado do réu. Após um longo minuto, em que todos se olhavam com sobrancelhas franzidas – menos o juiz, que focava em limpar as unhas com uma chave –, o jovem recomeçou a sua leitura.

– Doutor João começou a pesquisar produtos que combatessem o fungo *Nepetalotiosis clavispora* nas árvores de macadâmia, mas queria mesmo era um produto natural extraído das nossas florestas. Então, estudou o uso de óleos de extratos vegetais de eucalipto.

– Protesto! – berrou, mais uma vez, o advogado de Camila – Ele está repetindo o que foi dito pela testemunha anterior, mudando somente o agente da ação.

– Protesto anulado, como os demais. Caro advogado, só interfira quando for algo ao que se deve de fato protestar – disse o juiz descartando as reclamações com a mão. – Testemunha, qual foi o resultado encontrado? – repetiu como se fosse uma cena ensaiada.

– Os óleos essenciais e os extratos vegetais de eucalipto possuem propriedades antimicrobianas que atuam em microrganismos, principalmente fungos. É um passo muito grande no uso de pesticidas naturais. Eles ainda são repelentes.

– E somente os dois realizaram a pesquisa?

– Não, meritíssimo. Éramos uma equipe composta por alunos de graduação, como eu, e mestrado, a técnica,

que já testemunhou, e a senhora Camila. Todos liderados pelo doutor João.

– Protesto! Meritíssimo, esse rapaz é primo do senhor João e era bolsista do projeto, não participava das reuniões com a equipe. Seu testemunho deve ser desconsiderado – pediu o advogado de Camila.

– Colega, o juiz já avisou que você só deve protestar quando for algo real. A palavra “protesto” deve ser usada com rigor jurídico. E devo esclarecer que primo não é parente.

– Exato! Testemunho mantido! – concluiu o juiz.

A parcialidade do juiz estava mexendo com todos os presentes, ninguém conseguia mais ficar impassível. Os sussurros e reclamações recomeçaram num volume ainda maior.

– Ordem! – pedia o juiz que era, a cada batida de martelo, mais ignorado que na batida anterior. – Já que não me respeitam, audiência suspensa! Retornamos após o almoço.

A pausa era a oportunidade que eu precisava para falar com o juiz. Geralmente eu os abordava no restaurante, me apresentando como um advogado

aspirante a juiz que endeusava *aquela representante da lei*, mas minha impaciência estava mais latente que os gritos de protesto do advogado de Camila. Optei, então, pelo meu segundo personagem mais utilizado: estudante de direito tímido e confuso.

O fato de o juiz ter entrado no banheiro a caminho do restaurante só facilitou minha vida. Na porta, tirei o blazer, fechei todos os botões da blusa, a deixando bem justa no pescoço, e coloquei a pasta atravessada pelos ombros. Entrei no banheiro com passos rápidos, olhando para baixo e me tranquei numa cabine. Sentei-me em cima do vaso e alguns segundos depois comecei meu ato falando baixinho, como se fosse um segredo:

– G-r-a-v-a-n-d-o. Disciplina de Propriedade Intelectual. Atividade 1: acompanhar um caso. Impressões: o juiz é machista e não aceita que a reclamante seja de fato a inventora.

O suspiro assustado que ouviu confirmou que eu tinha captado atenção do alvo. Continuei:

– Não, não, as impressões devem ser sobre o caso e não sobre o juiz. De novo. – Expirei. – G-r-a-v-a-n-d-o. Impressões: a reclamante, senhora Camila, tem provas que

corroboram a sua relevante participação como inventora do pesticida natural com uso de óleo de eucalipto, mas o juiz não a deixa falar, é muito machista e permite que o advogado do réu faça o que quer – as últimas frases ditas de forma acelerada.

Parei e escutei o vazio. Fingi que usava o papel higiênico e retomei:

– Quase consegui! Tenho que mudar o final... G-r-a-v-a-n-d-o. Impressões: a reclamante, senhora Camila, tem provas que corroboram a sua relevante participação como inventora do pesticida natural com uso de óleo de eucalipto, contudo, o juiz parece acreditar no discurso do réu, portanto, presencio a ocorrência do Efeito Matilde em pleno século XXI.

Dei descarga e saí do cubículo. Olhando para o chão, busquei indícios de que o juiz ainda estava no banheiro e o encontrei parado em frente ao mictório, olhando para seu reflexo no espelho. Fingindo surpresa e vergonha, lavei as mãos rapidamente e saí. Enquanto procurava uma barraquinha camarada de comida em frente ao fórum, ouvi a voz do juiz.

– O que é o Efeito Matilde?

Agi como se estivesse surpreso – o que de fato até estava – e expliquei que era o nome que se dava a situações em que a participação de mulheres era apagada ou diminuída no campo da ciência, em detrimento da de homens. Dei alguns exemplos enquanto engolia um cachorro-quente e usava termos jurídicos aprendidos em séries de TV. O juiz, com uma humildade não tão característica, fez perguntas sobre o tema, incluindo a minha opinião sobre o caso.

– Doutor juiz, eu...

– Meritíssimo, garoto.

– Claro, claro, deveria ter aprendido isso já. – Me corrija interpretando o desajeitado estudante. – Meritíssimo, pelo que eu ouvi, não tem como definir o veredito já que o advogado do réu se intromete constantemente e aquele primo do senhor João não conseguiu nem gravar o texto todo. Maionese, senhor?

– Não, não, continue – pediu o juiz enquanto comia o terceiro cachorro-quente.

– Minha família é da região em que a senhora Camila fez a pesquisa dela e, pelo que me contaram, ela estava lá o tempo todo e o senhor João não.

Continuei narrando o que obtive com minha pesquisa e acompanhei o homem até a audiência. Após ouvir a sua primeira fala, fui embora. No dia seguinte, minha matéria estampava a primeira página do jornal local: “Com reviravolta, pesquisadora baiana é finalmente reconhecida judicialmente pelos resultados de estudos científicos”¹.

¹ A pesquisa da personagem Camila Lita é real e foi desenvolvida pela doutora Cátia Libarino, contudo, a audiência aqui descrita nada mais é do que ficção.

NÓS, MULHERES QUE FAZEMOS VOAR

Marinilda Lima

“Solo Salvador, bom dia”.

*PT-SLX solicita autorização de reboque do hangar da Varig
Linhas Aéreas*

Para posição número 1 para liberação da aeronave.”

“Bom dia PT-SLX. Reboque autorizado.”

SSA, 25.04.99.

Ano 1999. Esta era mais uma solicitação de autorização para posicionamento e liberação de aeronaves no pátio de manobras do Aeroporto Internacional de Salvador, na Bahia.

05h40 da manhã. O sol já batia forte quando, de dentro de uma cabine de aeronave, solicito autorização à torre de comando do aeroporto para posicionar e, posteriormente, liberar a aeronave para embarque da tripulação. Após posicionamento e abastecimento da aeronave, fico à espera da tripulação que irá assumir o voo.

05h45. A tripulação se apresenta: comandante Tânia, copilota Renata e as duas comissárias. A comandante e a copilota começam a efetuar a inspeção de pré-voo, uma verificação externa obrigatória e

regulamentada pela ANAC, cuja visualização do trem de pouso, fuselagem, superfícies de comando, rodas e exterior da aeronave de um modo geral, tem a finalidade de permitir o “despacho” e garantir a segurança operacional da aeronave para o voo.

Após elaboração do pré-voo e do *check list* operacional, a aeronave é liberada para embarque. Sandra, colaboradora do *check in*, responsável pelo embarque, começa a recepcionar os passageiros.

Pronto. Estávamos TODAS ali: mulheres que pilotam aeronaves, mulheres responsáveis pela segurança e conforto durante o voo, as comissárias, mulheres que recepcionam os passageiros e eu, técnica em manutenção de aeronaves.

Esta bem que poderia ser a cena ou enredo de um filme com a proposta de demonstrar a conquista da participação feminina em uma área profissional ainda majoritariamente masculinizada. No entanto, a cena tornou-se um marco histórico e cultural, já que demarcou um dos momentos inesquecíveis da minha atuação profissional. A cena aqui posta para análise foi um encontro memorável para mim.

Era a primeira vez, durante mais de nove anos trabalhando na manutenção, inspeção e liberação de aeronaves, que eu presenciava a visibilização de todas aquelas profissionais, juntas, desempenhando suas funções. Ali, naquele momento, todas, juntas, representavam a conquista e inserção feminina em atividades ainda socialmente vistas como masculinas.

No pátio de manobras há uma movimentação que se realiza em torno dos pousos e decolagens. Existe, ali, uma rede intensa de relações, num vai e vem dos tratores que levam escadas e bagagens, nos caminhões que transportam combustível e água, bem como, nas pessoas que se locomovem, quase sempre apressadamente, de um lado ao outro com a finalidade de acompanhar a dinâmica requerida para o atendimento das aeronaves. Há um movimento que envolve otimização, segurança, confiabilidade e tomada de decisão. Ali, naquele momento raro, fora das oficinas revisoras, longe dos laboratórios de equipamentos, das linhas de reparo, da seção de estofamento, moldados, poltronas e interiores, a atuação destacada das mulheres se tornava visível em papéis

determinantes para manter a continuidade operacional das aeronaves.

Naquele instante consegui pensar em outras tantas mulheres que vieram antes de nós e que abriram caminhos. Mulheres que são referências históricas em suas trajetórias profissionais e pessoais, porém, ainda pouco conhecidas. Como uma espécie de enredo histórico vieram as imagens da Marie Curie, Mary Jackson, Bertha Lutz, Anésia, Mae Jemison, Amélia Earhart, Ada Lovelace, Marie Lavoisier, Nise da Silveira, Leila Gonzalez e tantas outras que ficaram e estavam no anonimato, mas, deixaram uma imensa contribuição em vários setores e segmentos na história da humanidade.

06h25. Comandante Tânia solicita autorização da torre de comando e inicia procedimento de partida da aeronave. Assim, é acionada turbina 01 (lado esquerdo) e posteriormente, a turbina 02 (lado direito). Após estabilizados e checados os parâmetros operacionais, a aeronave inicia o taxiamento.

06h35. A aeronave decola. Observo ao longe o distanciamento dela e retorno ao hangar de manutenção cheia de contentamento. Em um misto de esperança, pela

possibilidade de reviver mais momentos como aquele, e com satisfação eu pensava: “como era bom estar ali presente e vivenciar tudo aquilo”.

Finalizei meu turno de trabalho com uma imensa alegria. Pensava como havia valido a pena acreditar e desafiar estar ali, ingressando em uma carreira profissional ainda pouco exercida por mulheres. Oxalá que outros momentos e cenas como aquelas pudessem vir a se repetir e que outras mulheres pudessem também vivenciar e compartilhar daquele espaço. Por mais conquistas, por mais marco histórico. Por mais Mulheres que Façam Voar!

CONVIDADOS

Bethânia Amaro: Bethânia Pires Amaro é graduada e pós-graduada em Direito pela Universidade Federal da Bahia e Mestre em Direito do Estado pela Universidade de São Paulo. Já foi aluna do Curso Livre de Formação de Escritores da Casa das Rosas de São Paulo – CLIPE 2021, e atualmente cursa a Oficina de Criação Literária da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS, com o Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil. Pernambucana de nascimento e baiana de coração, reside em São Paulo e trabalha atualmente na Secretaria Municipal de Educação. Apaixonada por literatura, escreve no momento seu primeiro livro de contos, possuindo diversos contos premiados em concursos nacionais. Seu conto *O adeus da eletricidade*, premiado no Concurso de Contos Maximiano Campos, foi traduzido para o alemão pela editora Arara Verlag.

Carlos Bomfim: Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (2006), e em Engenharia Civil pela Universidade Católica do Salvador (2002), mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (2009), especialização em Estruturas de Concreto e Fundações pela UNICID (2016), especialista em Gestão de Projetos pela USP (2020), Master Internacional em BIM Management pela Universidade de Barcelona e doutorado em andamento na área de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é Gerente de Negócio no IST de Construção Civil do SENAI CIMATEC e

Professor Assistente na Universidade Federal da Bahia atuando no curso de Arquitetura e Urbanismo. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Planejamento e Projeto de Edificações, Projetos de Conservação e Restauro, Gestão e Coordenação de Projetos, BIM (Building Information Modeling) e Engenharia Estrutural com ênfase em pré-dimensionamento de estruturas, concepção e projeto de estruturas de concreto armado e inserções estruturais contemporâneas. É fotógrafo por hobby, diretor e roteirista de teatro com mais de dez peças escritas e premiadas.

Felipe Diniz: Felipe Monteiro Diniz é paraense, nascido em 1975. Biólogo com mestrado em zoologia. Foi analista ambiental no Ministério do Meio Ambiente. Escreve contos e poesias desde 2005. É autor dos livros digitais de poesias *Justround 30* e *Pulsos de Acaso*. Foi selecionado para a coletânea *Terror na Amazônia* da editora Pará.grafo (Prêmio Le Blanc -2021) com o conto *Colares, 40 anos*; foi I lugar com o conto *Alma* no I Concurso Cultural Literatec – SENAI CIMATEC; selecionado com o conto *Adendo Rosa* na *Antologia de Lendas e Contos do Amazonas* e com o conto *Santa Izabel do Guamá* na *Antologia Cidades do Medo*, ambas pelo Coletivo Editorial Literabooks. Atualmente, está em vias de publicar seu primeiro livro de contos fantásticos e de terror – *8/1 – Oito Contos e um Poema de Terror* e trabalha no projeto pessoal *Poetaria – formas e vozes*, em que mescla imagens estáticas e poesias.

Luara Batalha: Com sotaque baiano e mais de dez livros publicados sobre engenharia civil, Luara Batalha é

engenheira civil com Mestrado em Engenharia de Estruturas. Foi colunista dos sites Folha de Sergipe e Fala Barreiras, onde conectava o cotidiano com a literatura. É autora dos contos publicados *Terapia* (antologia *Brasil, mostra a tua cara*), *Invasão de território* (antologia *Soteropolitanos*), *Momento não esquecido* (antologia *Feminismos*), *Para o porteiro* (Coletânea Prêmio OFF FLIP 2021), *Carnaval por contos* (*Quando o carnaval chegar* – Editora Persona), *Réquiem ao novo* (Coletânea Prêmio OFF FLIP 2022), *Dois de fevereiro* (Menção Honrosa do 2º Concurso Pintura das Palavras) e *Pobre Dolores* (Menção Honrosa do 20º Concurso Paulo Setúbal). Em 2022, *Antônia Carrero*, seu romance de estreia, foi publicado pela editora Ases da Literatura.

Marinilda Lima: Marinilda Lima é pesquisadora e docente do Centro Universitário SENAI CIMATEC. Em sua produção artística/cultural possui publicações de contos, crônicas, bem como textos de apresentação de trabalhos visuais. Foi contemplada com o 1º lugar no Concurso Literário de frases e cordéis da Semana Nacional do Livro (SNLB) SENAI/DR/BA SENAI-BA, 2021 com o cordel *O Universo Mágico da Leitura*. Em 2020 ficou com o 2º lugar no Concurso Literário de Crônicas e Frases, Centro Universitário SENAI CIMATEC. Em 2018 participou da publicação *Sistema FIEB em Prosa e Verso* com o texto *A Trajetória da Correnteza*. Possui texto publicado na Revista de Intercâmbio Cultural Itália-Brasil. Em 2021, elaborou o texto de apresentação do livro *Caminhos Infundáveis* de Francisco Vieira. Atualmente, está em fase de conclusão de um livro sobre experiências de viagem.

